

## Resultados: análise e discussão

### 4.1 História da rede DPH

#### Introdução

Neste item, realiza-se uma breve história cronológica da Rede DPH, baseada em documentos e dados colhidos juntos a agentes da rede. Estes dados servem para contextualizar e visualizar o desenvolvimento da mesma e auxiliar na construção do modelo que pretende-se desenvolver.

#### O idealizador Charles Léopold Mayer (1881-1971)

Francês de origem suíça e irlandesa, autor de numerosos livros, engenheiro químico, financista, pesquisador, filósofo positivista e filantropo. Gênio das finanças, conseguiu, com o passar dos anos, fazer frutificar o patrimônio que seus pais lhe haviam legado. Casado na maturidade, sem filhos, dedicou seu patrimônio à ciência e ao progresso do homem; em sua mente ambos eram inseparáveis.

Durante toda a sua vida, ele fez sua fortuna com a ideia de, após a sua morte, colocá-la a serviço do trabalho com características científicas e humanitárias. Foi este fato que permitiu ser criado em 1982, a Fundação para o progresso do Homem, rebatizada em 1996 como Fundação Charles Leopold Mayer para o progresso do Homem (FPH) em homenagem a sua memória.

A Sra. Madeleine Calame, falecida em 1986, foi secretária e colaboradora de Mayer durante quarenta anos, se tornando responsável e a primeira presidente da FPH (DPH, 1998, p. 6; CALAME, 1995, p. 21).

## Em 1982 inicia o trabalho da Fundação para o Progresso do Homem (FPH)

É uma instituição de direito suíço, criada em 1982 e presidida por Pierre Calame, filho da Sra. Madeleine. A FPH centra sua ação e sua reflexão nos vínculos entre a acumulação de conhecimentos e o progresso da humanidade em sete campos: meio ambiente e futuro do planeta, encontro de culturas, inovação e mudança social, relações entre Estado e Sociedade, agriculturas camponesas, luta contra a exclusão social e construção da paz. Com colaboradores de origens muito diversas (associações, administrações, empresas, pesquisadores, jornalistas, engenheiros), a FPH impulsiona um debate sobre as condições de produção e de imobilização dos conhecimentos a serviço de quem menos acesso tem aos mesmos. A FPH promove encontros e programas de trabalho em parceria, oferece um sistema normalizado de intercâmbio de informações, apoia trabalhos de capitalização de experiências e publica e co-edita livros e relatórios (DPH, 1998).

## Em 1986 ocorre o surgimento da rede DPH

A ideia fundadora da Rede DPH surgiu em 1986 no seio da Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (FPH). Segundo documentos da rede DPH, o embrião da rede começou a partir de um núcleo inicial que realizou as primeiras ações em 1987. Sendo que em 1988, a iniciativa começa a “criar escala”. (UGARTE, 2001b)

## O nascimento e o desenvolvimento da rede DPH

A FPH financiava até então projetos de investigação e desenvolvimento e percebia a penosa tendência de seus colaboradores a “reinventar a roda” sem levar em conta o acervo da experiência coletiva, advertindo desse modo para há existência uma imensa quantidade de conhecimentos livrescos mal dirigidos para a ação. Atualmente, “os fluxos de informação crescem de maneira exponencial do mesmo modo que se incrementa a quantidade de entradas em bases de dados, e a quantidade de lugares telemáticos das mais diversas naturezas. Entretanto, as pessoas comprometidas com a ação sabem que é difícil encontrar rapidamente a informação útil e, uma boa agenda de endereços, que permita de forma artesanal por nós em contato com pessoas tenham estado em situações semelhantes, é a maneira mais eficaz para o acesso a potentes bases de dados” (DPH, 1998, p. 12).

Segundo documentos da rede DPH, nas necessidades “do terreno” ou seja da prática concreta, se misturam intimamente a técnica, o institucional e o cultural. A FPH se dá conta de que, “em geral os conhecimentos úteis para a ação nasceram da ação em si mesma; entretanto, são raras as pessoas envolvidas na ação

que tem o interesse, o tempo ou a possibilidade de divulgar sua experiência ter fidelidade e divulgar sua experiência” (idem).

Desta constatação nasceu o desejo da FPH de fazer circular e divulgar os conhecimentos úteis para a ação. Esta é a origem do projeto DPH.

Para atingir esta ambição, a FPH se associou a RITMO (Rede de Informação do Terceiro Mundo), que coordena diversos outros centros de documentação na França. Como base para o banco de dados, utiliza-se inicialmente o programa ISIS da UNESCO, sem fins lucrativos e cria-se uma adaptação para a rede chamada de ISIS-DPH para ambiente informático MS-DOS. Depois de “um início bem lento, já que tudo estava por fazer e todo o mundo por convencer (...). Dia a dia foi se tornando mais visível o efeito bola de neve” (Ibidem).

A rede DPH vai criando sua própria teia, sendo que várias redes temáticas e geográficas de vários continentes vão se associando a sua empreitada. Começa a surgir uma rede de redes. Em 1994 cria-se o Tesouro do DPH, com codificações e descritores para as fichas DPH. Em abril de 1995, acontece o primeiro grande encontro fora de Paris e a rede elege uma coordenação: O CENO (conselho de enlace e orientação). Em 1998 o banco de dados contém mais de 6500 fichas com autores originários de mais de 41 países, sob temas diversos como desenvolvimento, habitação, meio ambiente, agricultura, cultura, comunicação, construção da paz (DPH, 1998; CALAME, 1995; UGARTE, 2001b).

A seguir uma sistematização em forma cronológica do histórico da rede DPH baseada em documentos da rede e da FPH. As principais informações técnicas tem origem no texto de Vladimir Ugarte (2001a), representante da FPH no CENO (Conselho de enlace e orientação) da rede DPH e no boletim “La lettre de Dph”, boletim informativo impresso da rede DPH que em março de 2001 chega ao seu número 35. Utiliza-se como critério para essa sistematização, eventos e fatos relevantes para a rede DPH ocorridos anualmente.

## Cronologia

- 1881 – Nasce Charles Léopold Mayer (1881-1971).
- 1982 – Fundação da FPH.
- 1986 – Surgimento da ideia de um banco de dados com informações “úteis para a ação” dentro da FPH (Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem).
- 1987 – Primeiras ações em direção a criação de um banco de dados de registro de memória. A FPH se associa ao RITMO (Rede de informação Terceiro Mundo) para criação do banco de dados.
- 1988 – A iniciativa começa a criar escala.
- Novembro de 90 – Primeira Rede associada Rede Sul/Norte.

- Fevereiro de 92 – Primeiro Encontro de Redes Associadas (RAN).
- Junho de 92 – Entrada de Vladimir Ugarte na FPH.
- Junho de 92 – Carta DPH.
- Setembro de 92 – Encontro de formação no Rio de Janeiro – Brasil.
- Outubro de 92 – Boletim Carta DPH n°0.
- Fevereiro de 93 – Encontro em Paris das Redes Associadas.
- Junho de 93 – Publicação Passerelles n°1.
- Julho de 93 – Associação da Rede PASOS.
- Outubro de 93 – Manual Isis/DPH.
- Março de 94 – Thesaurus: depósito “cartografico” organizado durante 4 dias em Paris tendo a frente a RAN (redes associadas do DPH).
- Abril de 94 – Fórum DPH .
- Maio de 94 – DF (dossier a fenetre) n.57: “Politiques du logement en milieu urbain”.
- Setembro de 94 – Lançamento do DPH na l’IEDES (Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social) em parceria a Universidade de Paris I.
- Março de 95 – criação da ferramenta DPH para Mac (4D).
- Abril de 95 – Encontro do RITE México (primeiro encontro internacional de coordenação fora de Paris). Criação e eleição do CENO (Comitê de Enlace e Orientação).
- Junho de 95 – Indexação do thesaurus DPH.
- Agosto de 95 – Encontro da Rede Vozes do Silêncio em Florianópolis, Brasil.
- Janeiro de 96 – Reunião do Ceno em Pádova, Itália.
- Fevereiro de 96 – DF(dossie fenetre) 74: “ébauche pour la construction d’un art de la paix”.
- Março de 96 – chemise/dossier DPH.
- Abril de 96 – Sensibilização do DPH no CEDA em Burkina Faso.
- Abril de 96 – Tríptico DPH.
- Maio de 96 – Dph para windows (4D).
- Junho de 96 – Encontro de cidades em Istambul – Turquia.
- Julho de 96 – Encontro do Ceno em Syros – Grécia.
- Janeiro de 97 – Encontro do RITE (Encontro internacional de trabalho e troca da rede DPH) no Sri Lanka (Ásia), organizado pela rede INASIA (Initiative in Research and Education for development in Asia).
- Março de 97 – Formação do DPH no polo Maghreb-Sahelien (África) da rede l’Alliance (PMS) na Mauritània.
- Maio de 97 – Desenvolvimento do Projeto ILA (Iniciativa Latino Americana) a partir de Pasos/México.
- Junho de 97 – aprimoramento do Web DPH.
- Agosto de 97 – Viagem de Vladimir Ugarete e Jimmy pela Africa por DPH.

- Agosto de 97 – Sessão de formação de DPH em Dakar.
- Outubro de 97 – Encontro do Ceno no Rio de Janeiro (Brasil).
- Outubro de 97 – “Canteiro de obras” dos mediadores e troca de experiências.
- Fevereiro de 98 – Encontro de Dakar “Habitants/Elus/Techniciens”; início da rede RIAH de moradores; atelier de escritura DPH durante o encontro.
- Março de 98 – Kit DPH.
- Setembro de 98 – Nova contratada por Dph pela Fph: Dacha Radovic.
- Setembro de 98 – lançamento do programa Navibase.
- Setembro de 98 – site com FTP de DPH.
- Setembro de 98 – apresentação da situação da articulação dos parceiros DPH na África por Claire Gougeon durante o período sabático da FPH.
- Outubro de 98 – reunião do CENO em Louvain-la-Neuve – Bélgica.
- Outubro de 98 – reunião de formação da rede ILA (Iniciativa Latino Americana).
- Outubro de 98 – formação da rede Alliance na África.
- Outubro de 98 – DD96 (documento para debate): dossier para um debate “por um comércio equitativo”.
- Novembro de 98 – projeto de emprego de jovens na L’Ami (Associação de apoio mútuo para uso social da informação).
- Janeiro – março de 99 – coletânea Dph para a União Europeia UE/ACP.
- Fevereiro de 99 – Viagem de animação de Françoise Feugas e M. Wade à Dakar, Abidjan, Cotonou e Yaoundé (África).
- Fevereiro de 99 – sessão de análise transversal na União Europeia UE/ACP.
- Maio de 99 – Fórum Público UE/ACP sobre a Web.
- Abril de 99 – publicação da Carta Dph n°27 pela Associação Geysler.
- Abril de 99 – Encontro do RITE em Abidjan.
- Abril de 99 – APM-Camarões assume a edição inglesa da Carta DPH.
- Abril de 99 – Lançamento do site: [www.webdph.net](http://www.webdph.net).
- Maio de 99 – Curso de formação em Bogotá (Colômbia).
- Maio de 99 – Lançamento do atelier permanente DPH na Fundação FPH.
- Junho de 99 – Encontro do DPH no Equador.
- Junho de 99 – Sessão DPH animada pela l’Assoal em Camarões (para educadores de bairro).
- Agosto de 99 – Kit de tecnologia em CD-ROM.
- Setembro de 99 – Encontro da Rede Paix, em Manizales (Colômbia).
- Outubro de 99 – Curso de formação na Bulgária.
- Novembro de 99 – Catálogo de usos da rede DPH.
- Novembro de 99 – Segunda publicação das fichas Forum UE/ACP (União Europeia).

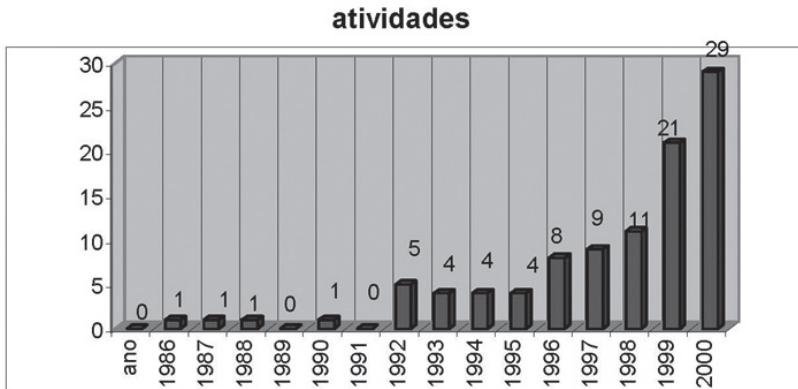
- Dezembro de 99 – Atelier DPH inter-africano em Lomé (Rede DPH + Chantier Gouvernance).
- Dezembro de 99 – Eleição Monsieur DPH Afrique.
- Dezembro de 99 – DPH na Grécia: rede Aster.
- Janeiro de 2000 – Reunião de preparação do CENO.
- Fevereiro de 2000 – Projeto mexicano Gestão de Saberes.
- Março de 2000 – Lançamento do Centre de Recursos DPH inter-africano em Dakar.
- Março de 2000 – Formação Dph para l'ASSOAL à Nomayos – Côte d'Ivoire pour FORCE Confédération Org. Rurales.
- Abril de 2000 – Reunião do CENO na Bulgária.
- Abril de 2000 – Cursos de formação DPH animada por l'Assoal à Zoetele pour FORCE.
- Abril de 2000 – Cursos de formação DPH à l'AFCDRP (Assoc. Communes et Régions pour la Paix).
- Maio de 2000 – Reunião DPH com ARN em Lille.
- Maio de 2000 – Africités na Namíbia, RIAH torna-se CIAH, (Charte africaine de Partenariat entre Habitants et Collectivités locales).
- Maio de 2000 – Espace de Recursos DPH em Camarões em torno da educação (ASSOAL).
- Maio de 2000 – Formação na Bulgária.
- Junho de 2000 – DPH on line: pesquisa da base DPH pela web (212.85.159.241/bases.htm).
- Junho de 2000 – Fichas Efemérides da FPH com o sistema DPH.
- Julho de 2000 – Formação na FPH da Associação de Administra – dores, China.
- Julho de 2000 – DPH no Encontro grupo brasileiro de jovens de l'Alliance (São Paulo).
- Julho de 2000 – Atualização da base n° 17 com 441 novas fichas, sobretudo africanas.
- Setembro de 2000 – Convenção da Rede Nacional Construtores da Paz na Colômbia.
- Setembro de 2000 – Elementos para um Manual de Compromissos da gestão da banco de dados.
- Setembro de 2000 – Atelier sobre cartografia animado por ViC durante o período sabático da FPH e demonstração do software cartográfico (Java) à equipe.
- Setembro de 2000 – Reunião com l'AMI para reorientações do apoio financeiro.
- Outubro de 2000 – Reunião do Ceno em Xalapa – México.
- Outubro de 2000 – Assembleia Mundial de Moradores no México.
- Outubro de 2000 – Formação técnica em Colômbia (Barrancabermeja).

- Outubro de 2000 – Formação em Caracas – Venezuela para a Rede Habitants/FAU.
- Outubro de 2000 – Les “Butterflies” ao Parlamento dos Jovens em Sydney – Austrália.
- Outubro de 2000 – Tradução do Catálogo de usos do DPH em espanhol.
- Novembro de 2000 – Formação DPH à l’Ile da reunião para Réseau Océan Indien.
- Novembro de 2000 – Reunião sobre a cartografia na Fundação FPH..
- Dezembro de 2000 – Formação no CIMLK em Burundi.
- Janeiro de 2001 – participação da rede DPH no Fórum Social Mundial – Porto Alegre – Brasil.

Sistematiza-se em planilha (Tabela 1), através do programa Excel, os dados para que se possa refletir sobre as atividades da rede:

**Tabela 1** Dados da rede.

<b>Ano</b>	<b>Atividades</b>
1986	1
1987	1
1988	1
1989	0
1990	1
1991	0
1992	5
1993	4
1994	4
1995	4
1996	8
1997	9
1998	11
1999	21
2000	29



**Figura 7** Gráfico dos dados da rede.

## Conclusões sobre as fases da rede DPH

Tendo como critério o número de atividades relevantes desenvolvidas anualmente pela rede DPH, pode-se constatar uma *fase embrionária* que vai desde o surgimento da sua ideia inicial (1986/1987) até 1991. Neste período quase todo o trabalho é desenvolvido e realizado pela FPH. Destaca-se nesta fase, a filiação em novembro de 1990 da primeira rede associada: à Rede Sul/Norte.

Um segundo período, onde as atividades praticamente quadruplicam, ocorre entre 1992 a 1995, como pode-se ver na tabela 1. Denomina-se esse momento histórico de *fase infantil*, pois surgem muitas das estruturas organizacionais e ferramentas de trabalho, ainda que embrionárias, mas já com características claras de como se desenvolverão ao longo do tempo na rede DPH em sua extensão internacional. Em fevereiro de 92, por exemplo, acontece o Primeiro Encontro de Redes Associadas (RAN) que torna-se uma prática da rede; em junho de 92 ocorre a entrada de Vladimir Ugarte contratado pela Fundação (FPH) prioritariamente para desenvolver e apoiar o programa DPH, sendo que Ugarte participa até hoje como um de seus representantes junto à rede. Em junho do mesmo ano surge a “Carta DPH” com seus princípios básicos. Começam a ocorrer com maior frequência os encontro de formação do DPH e é ainda neste ano que surge o Boletim “La Lettre de DPH”. Esse instrumento de comunicação se torna um dos principais meios de informação dos associados da teia, juntamente com o “Fórum DPH” (abril de 94) que baseia-se em uma lista de discussão na internet.

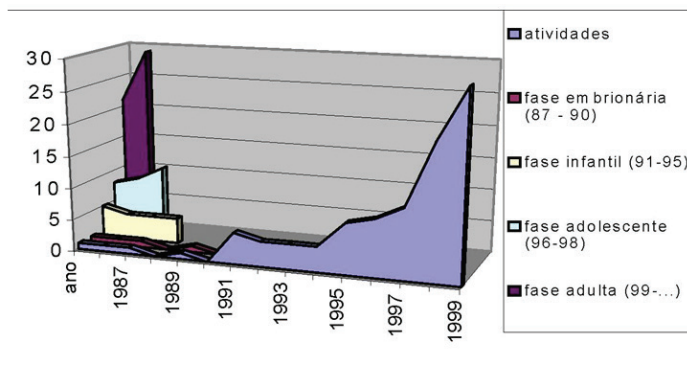
Em nível técnico surgem o Manual ISIS-DPH, que se torna um instrumento técnico básico para ampliação e implantação do banco de dados e da base de dados ISIS-DPH (março de 94), inicia-se o “Thesaurus DPH” com palavras-chaves para indexação e ainda uma “cartografia” de concepção sistêmica para tentar compreen-



der a rede DPH e seu banco de dados com informações “úteis a ação”. É em abril de 95 que acontece o Encontro do RITE no México, primeiro Encontro Internacional de coordenação da rede fora de Paris e a eleição do CENO (Comitê de Enlace e Orientação). Assim, a rede já demonstra muitas de suas futuras características.

Entre 1996 e 1998 novamente dobram as atividades internacionais registradas da rede. Esse período caracteriza-se como a *fase adolescente* da rede DPH. A rede começa a ficar adulta, tomar o destino em suas próprias mãos e caminhar com as suas pernas, criando sua identidade e direção organizacional. Em janeiro de 1996, o comitê (CENO) se consolida com uma reunião autônoma em Pádua na Itália, seguida de reuniões Syros na Grécia e Rio de Janeiro no Brasil em outubro de 1997. A rede se solidifica em termos organizacionais na Europa (Turquia, Grécia) e se amplia e fortalece na América Latina (Pasos – México, Vozes – Florianópolis – Brasil, Ceno – Rio de Janeiro – Brasil); aumenta as atividades de sensibilização (seminários, cursos, oficinas) e encontros na África francófona (CEDA – Burkina Faso, l’Alliance (PMS) na Mauritania, Dakar) e na Ásia (RITE, INASIA – Sri Lanka). Em nível técnico surgem mais ferramentas como o DPH para “Mac” e para Windows (4D), o “tryptique Dph”, um kit sobre o DPH e o aprimoramento do Web Dph. Essas ferramentas mais amigáveis facilitam o trabalho e popularização da rede e do banco de dados ISIS-DPH.

A partir de 1999 as atividades vão demonstrando uma tendência de, a cada ano crescer uma dezena (11, 21, 29), o que faz com que caracterize-se este período com *fase adulta*. Nota-se uma definição e estabilização das funções organizativas da rede (reuniões de formação, reuniões do CENO, planejamento e atividades para ampliação em outras áreas geográficas, reuniões sistemáticas, aprimoramento das ferramentas, presença formal nas reuniões das redes aliadas e filiadas etc.). Assim nota-se historicamente, através deste resgate das atividades cronológicas, um crescimento formal, organizacional da rede DPH, pois a quantidade de atividades vem crescendo muito, como pode-se ver sistematizado na figura 8:



**Figura 8** Fases da rede DPH.

## 4.2 Análise de uma rede social na rede virtual

Os desafios organizacionais de uma rede humana e as tecnologias de Informação e comunicação utilizadas

### Introdução

Neste item, analisa-se as informações captadas através das ferramentas de comunicação interna e externa da Rede DPH, com o objetivo principal de *identificar quais as principais temáticas* debatidas e vivenciadas na rede. Além disso, *identifica-se os atores virtuais* através de sua participação no fórum eletrônico DPH e em qual língua se comunicam via internet predominantemente. Estes dados servirão para entender o conteúdo da Rede DPH, suas motivações, trocas de experiências e formas de relacionamento interno e externo ajudando na *identificação do modelo organizacional* que está sendo analisado. Utiliza-se também as informações do banco de dados DPH, entrevistas e documentos impressos da Rede DPH. Nosso fio condutor será o Fórum eletrônico da Rede DPH. Analisando as discussões e informações compostas no fórum iremos refletindo e pesquisando sobre a rede DPH, identifica-se as principais tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) utilizadas pela Rede DPH e os desafios organizacionais desta rede humana.

### O fórum eletrônico DPH: um facilitador do diálogo inter-redes na internet

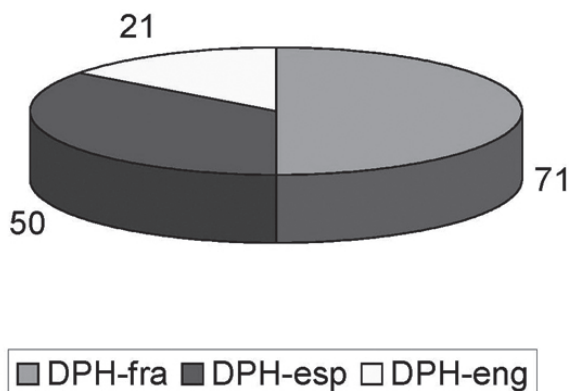
a finalidade do fórum eletrônico DPH via internet é facilitar o diálogo inter-redes e avançar no desafio e no esforço coletivo dos diferentes seminários anuais organizados pela Rede DPH. Para inscrever-se no fórum é necessário ser membro da rede, ter um endereço eletrônico e querer participar dos intercâmbios (DPH, 1998, p. 27). O fórum é uma das ferramentas de comunicação interna da Rede DPH e foi escolhida para nesta pesquisa como um elemento fundamental para decifrar quais as principais discussões e temáticas relevantes para a rede DPH. Intrinsecamente, ao analisar individualmente cada tema, vai-se desnudando e informando sobre as ferramentas da rede, sobre os desafios de seus membros, as dificuldades e principais questões que afligem as organizações que a compõem fazendo assim uma radiografia da Rede DPH.

Quem gerencia e administra a lista dos inscritos ao fórum eletrônico DPH é Vladimir Ugarte da FPH e do CENO (comitê de enlace e orientação) no servidor “Avenir de la Planète” da FPH. As solicitações de inscrições são enviadas para o e-mail vladimir@fph.fr.

As mensagens enviadas se distribuem automaticamente à todos os participantes do fórum, o qual funciona como uma lista de distribuição múltipla. Por causa

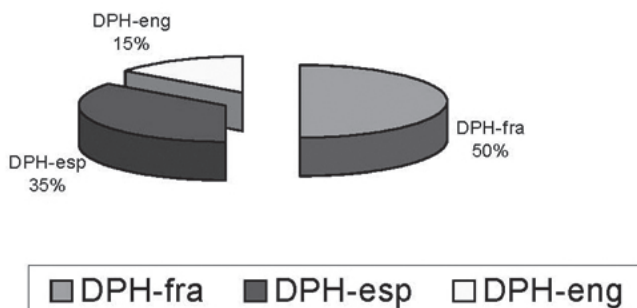
da dificuldade e diversidade linguística e a proposta multilinguística de DPH, atualmente a lista é dividida por identidade linguística. São três as línguas base das listas do fórum DPH: o francês, o inglês e o espanhol. Esta sub-divisão do fórum DPH é identificada pelas siglas DPH-fra (francês), DPH-eng (inglês) e DPH-esp (espanhol).

Abaixo tem-se uma representação gráfica do número total de endereços eletrônicos filiados a rede em cada língua do fórum (DPH-fra: 71 filiados, DPH-esp: 51 filiados e DPH-eng: 21 filiados):



**Figura 9** Número total de endereços eletrônicos filiados à rede.

Proporcionalmente, por língua, tem-se uma porcentagem assim dividida:



**Figura 10** Proporção de endereços eletrônicos por língua.

## ○ desafio linguístico

A Rede DPH em sua Declaração de Princípios se define como uma rede internacional multilíngue (DPH, 1998, p. 22).

A questão linguística é um desafio bastante grande e complexo para a Rede DPH, assim como para qualquer rede empresarial, organizacional ou social que

tenha uma pretensão internacional, globalizante. As dificuldades linguísticas se dão, como um ruído de comunicação, ou seja, uma dificuldade entre os vários grupos regionais de se comunicarem. Existe também uma dificuldade econômica, pois a tradução linguística é considerada uma tarefa difícil e por isso cara. Além disso, existe a dificuldade de contextualização cultural da informação dada.

A língua hegemônica na Rede DPH, tanto no Fórum DPH, assim como nas fichas contidas no banco de dados da Rede, é o francês. Mesmo os temas das fichas relacionados a questões geográficas ou nacionais tem uma forte influência francófônica.

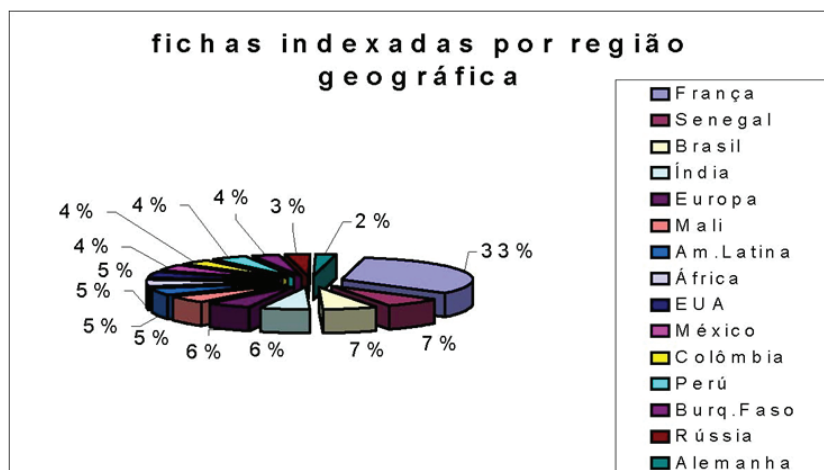
Fez-se uma pesquisa temática na base de dados DPH consultando o total de 6914 fichas *da base DPH (geral)*. Utilizando o programa Navibase, pesquisou-se através do elemento de indexação geográfica e obteve-se o seguinte resultado considerando apenas os termos acima com mais de 70 citações em fichas.

Na tabela 2 tem-se os países e áreas continentais citadas e selecionadas via NAVIBASE no Banco ISIS-DPH.

**Tabela 2** Países e áreas continentais.

<b>Index geográfica</b>	<b>Número de fichas</b>
França	998
Senegal	218
Brasil	201
Índia	184
Europa	170
Mali	163
Am. Latina	158
África	154
EUA	139
México	133
Colômbia	118
Perú	130
Burq. Faso	107
Rússia	91
Alemanha	74
<b>TOTAL DE FICHAS</b>	<b>3.038</b>

Proporcionalmente pode-se dizer que mais de trinta e três por cento das citações indexadas geograficamente são da “França” (veja a Figura 11).



**Figura 11** Porcentagem por região geográfica.

Além disso, pode-se verificar que a maioria das fichas são redigidas em francês. Um exemplo disso são as fichas da Índia, país que possui forte influência linguística de seis dentre as vinte e cinco línguas mais faladas no mundo<sup>1</sup> (Inglês, Hindi, Telugu, Marata, Tamil, Gujarati), sendo que a maioria das fichas da base de dados DPH com informações sobre a Índia está em francês. Nota-se também que os países africanos (Senegal, Mali e Burkina Faso) que possuem destaque na base, foram colônias francesas até meados do século vinte. Esta influência francófona é explicável pela força que a FPH possui na Rede DPH como iniciadora e animadora do projeto da mesma.

Um dos desafios da Rede DPH é ampliar as informações e o número de línguas que utilizem a sua tecnologia e ferramentas para resgatar a memória e utilizar a informação disponível em sua base para transformá-la em conhecimentos úteis a ação. Os desafios linguísticos da Rede DPH são muito grandes, pois precisa ampliar seus parceiros geográficos e linguísticos e assim, por consequência, conseguir produzir informações que possuam outras influências que não a fran-

1 De acordo com a língua materna em milhões de falantes as mais faladas são: Chinês, Mandarim (China)-885; Espanhol – 332; Inglês – 322; Bengali (Bangladesh) – 189; Hindi (Índia) – 182; Português – 170; Japonês – 125; Alemão – 98; Chinês, wu – 77,2; Javanês (Indonésia) – 75,5; Coreano – 75; Francês – 72; Vietnamita – 67,7; Telugu (Índia) – 66,4; Chinês, yue – 66; Marata (Índia) – 63,1; Turco – 59; Urdu (Paquistão) – 58; Chinês, Min nan – 49; Chinês, jinyu – 45; Gujarati (Índia) – 44; Polonês – 44; Árabe egípcio – 42,5. Dados do site: <http://www.sil.org/ethnologue>.

cofona<sup>2</sup>. Esta tendência já vem ocorrendo com o aumento do espanhol, português e Inglês na rede, mas é ainda muito tímida. Um exemplo dessa limitação é o site oficial da Rede DPH que é quase todo baseado e divulgado em francês.

Superar essas dificuldades linguísticas são um dos grandes desafios da Rede DPH. Tecnicamente, os tradutores automáticos convencionais são muito limitados e não conseguem auxiliar em traduções complexas, que necessitem de contextualização cultural. Atualmente existem experiências de pesquisa muito significativas neste campo. A mais importante é a rede de pesquisa batizada de Universal Networking Language (UNL). A UNL é desenvolvida há cinco anos por um consórcio sob comando da Organização das Nações Unidas (ONU) (<http://www.undl.org>, 2002). Especialistas em tradução automática de 17 centros ao redor do mundo – “só na China são 110 pesquisadores”, diz Della Senta, um brasileiro radicado na Suíça que coordena a rede de pesquisa – trabalham no projeto, que já consumiu entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões em investimento. No Brasil, o polo é a Universidade Federal de Santa Catarina, através do PPGEP. Para lidar com tantas línguas diferentes – a Índia tem, sozinha, 18 idiomas oficiais, foi criado um dicionário que identifica conceitos e não apenas palavras. É o que diferencia a UNL dos limitados tradutores disponíveis atualmente.<sup>3</sup> Com tantas circunstâncias complexas, para funcionar a UNL precisa de clareza na comunicação ([www.led.ufsc.br](http://www.led.ufsc.br), 2002).

## Descifrando os códigos do fórum DPH

A Rede DPH, como um grupo que cria identidade cultural, cria também seus códigos, entendidos aqui como um conjunto finito de signos simples ou complexos, relacionados de tal modo que estejam aptos para a formação e transmissão de mensagens (RABAÇA&BARBOSA, 1987, p. 139). Por convenção interna da rede, as mensagens eletrônicas quando enviadas, em seu título vem precedidas de uma identificação do assunto a ser tratado. Por exemplo:

- 
- 2 Pesquisadores estão cada vez mais preocupados com a extinção das línguas. Estudiosos alertam que até o fim século cerca de 90% das línguas vivas possam sumir. (MACHADO, 2000)
  - 3 Do ponto de vista tecnológico, a UNL está completa. Os softwares básicos estão prontos e a próxima etapa é criar aplicações concretas que a aperfeiçoem. A previsão é apresentá-la durante a Assembleia das Nações Unidas em outubro de 2002. O sistema será aberto à participação de empresas interessadas em criar aplicações. A ideia é negociar caso a caso para que as companhias possam preservar informações estratégicas e, ao mesmo tempo, garantir o acesso público à base de conhecimento. O direito de patente já foi requerido pela ONU (<http://www.unesco.or.kr/cyberlang/eng.html>).

**Quadro 1** Exemplo de mensagem eletrônica

**To:** dph-esp@fph.fr  
**From:** Claudio Alatorre Frenk <c.alatorre@infosel.net.mx >  
**Subject:** GEYf021s.CIN: Aclaración (tr.)  
**Cc:**  
**Bcc:**  
**Attached:**

FORO DPH:  
El código del mensaje GEYf020s.CIN debería ser GEYf021s.CIN.

Claudio

No exemplo de mensagem acima, a identificação da mensagem convencionalizada pode ser assim traduzida: GEYf (entidade, no exemplo GEYSER), s (língua, no caso: espanhol), 021 (número da mensagem), CIN (assunto da mensagem, no exemplo: comunicação interna).

O documento (...) define assim o surgimento dos códigos de mensagens:

“Criamos um código com 8 dígitos e uma extensão de 3 dígitos, à semelhança da codificação usado nos arquivos DOS (em que o nome do arquivo é criado automaticamente com as primeiras letras do título da mensagem). Assim, como o correio eletrônico não é totalmente confiável, utilizando o código é possível verificar se você recebeu todas as mensagens de uma instituição, e pedir, caso haja alguma falha na numeração, as mensagens que lhe faltam. Como criar o código: Cada mensagem enviada ao Fórum DPH deve ser identificada pela rubrica “Assunto” (Subject) da seguinte forma:

- Convencionamos que as 3 primeiras letras são normalizadas e representam a instituição, organismo, por exemplo PAC (PACS), FPH, GEA etc.
- a quarta letra não é normalizada. É a instituição que decide que letra deve ser usada. Por exemplo PACH (a letra h em minúscula, designa Hermila).
- Os 3 números seguintes constituem o número da mensagem enviada pela instituição. Usar sempre 3 algarismos para permitir que a numeração vá de 001 até 999.
- A oitava letra é usada para o código da língua:

F para o francês,

E para o inglês,

P para o português e

S para o espanhol.” (DPH, 1998, p. 30).

Para resolver as dificuldades linguísticas, a rede optou pela tradução das mensagens que são feitas por um tradutor oficial da rede, o mexicano Cláudio Alatorre Frenk, membro de uma entidade participante, a Rede PASOS (México).

Para analisar o conteúdo e as discussões virtuais da Rede DPH, dentro do fórum, arquivou-se e sistematizou-se as mensagens recebidas por Diálogo – Cultura e Comunicação na lista DPH-esp, durante o período de janeiro de 1998 a outubro de 2000. Esses e-mails, que totalizaram 347 mensagens, foram classificados de acordo com o seu conteúdo, inspirados na metodologia utilizada pela própria Rede DPH.

“Para evitar que o Fórum se transforme numa torre de Babel, a Rede adotou um código (uma nomenclatura) que identifica o assunto das mensagens enviadas” (DPH, 1998, p. 33).

Baseado em temas, a Rede DPH criou inicialmente a seguinte nomenclatura:

<b>PRO</b>	para		PROjetos
<b>ORG</b>	para		ORGanização
<b>TEC</b>	para		TECnologia
<b>DEV</b>	para		DESenvolvimento
<b>FIN</b>	para		FINanciamento
<b>CEX</b>	para	Comunicação	EXterna
<b>CIN</b>	para	Comunicação	INterna
<b>ANI</b>	para		ANImação

(DPH, 1998, p. 32).

Porém depois de uma análise detalhada das mensagens, durante o período de trinta meses, utilizando critérios de análise quantitativa e qualitativa, ou seja, quantidade de mensagens recebidas pela Associação DIÁLOGO, catalogáveis e catalogadas nestas nomenclaturas, bem como análise e interpretação do conteúdo destas mensagens, chegou-se a seguinte nomenclatura temática:

- Animação (ANI)
- Comunicação Interna (CIN)
- Comunicação Externa (CEX)
- Financiamento (FIN)
- Organização (ORG)



- Desenvolvimento (DEV)
- Técnica/tecnologia (TEC)
- Metodologia/mediação (MET)
- Tesouros (TES)
- Estrutura (EST)
- Projetos (PRO)
- Redes (RED)

As siglas *Mediação*, *Tesouros* e *Estrutura* foram propostas por membros da Rede DPH e incorporadas nos debates do fórum entre 98 e 2000. A nomenclatura *Projetos (PRO)*, durante o período analisado, não recebeu nenhuma mensagem e não será analisada nos gráficos, porém será refletida ao final do capítulo baseada em outras temáticas e documentos da Rede DPH. A sigla *Redes (RED)* é a única incorporada pelo pesquisador que foi proposta no fórum DPH, mas não aceita pelos membros, mas que foi incorporada nesta pesquisa. Ela foi criada para verificar comparativamente as mensagens de conteúdo diretamente vinculados a discussão de teorias e reflexão sobre *redes organizacionais e técnicas*.

Na tabela 3, demonstra-se a classificação destas mensagens por tema, quantidade e o mês/ ano em que foram enviadas. A totalização dos dados tabulados com auxílio do programa EXCEL, auxilia na reflexão sobre a relação entre temática, quantidade e tempo (mês/ano) em que as mensagens foram emitidas.

**Tabela 3** Classificação das mensagens por tema.

mês/ ano	ANI	MET	CIN	CEX	FIN	ORG	DEV	RED	TES	TEC	EST
Jan/98	6	0	0	1	0	0	3	0	0	3	0
Fev/98	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mar/98	24	0	0	1	0	0	0	5	2	3	0
Abr/98	10	2	2	5	0	0	2	2	0	1	0
Mai/98	0	3	1	1	0	0	1	0	0	1	0
Jun/98	7	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0
Jul/98	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Ago/98	4	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0
Set/98	10	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Out/98	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nov/98	3	1	1	0	0	4	0	0	0	1	0

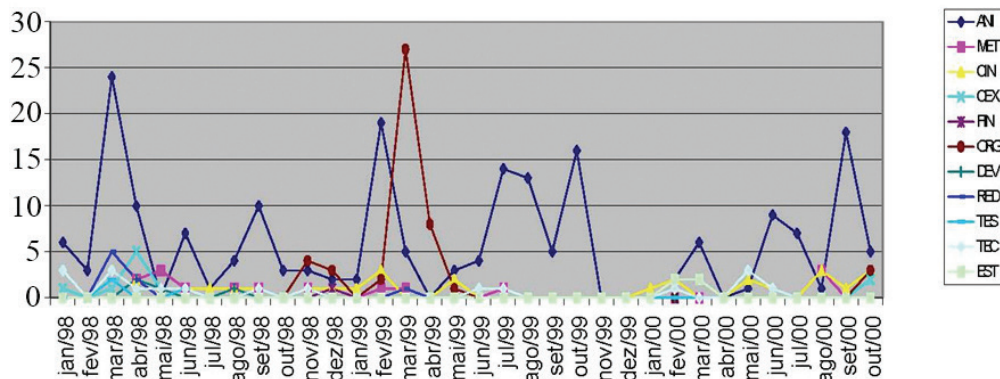
(continua)

**Tabela 3** Classificação das mensagens por tema. (continuação)

<b>mês/ ano</b>	<b>ANI</b>	<b>MET</b>	<b>CIN</b>	<b>CEX</b>	<b>FIN</b>	<b>ORG</b>	<b>DEV</b>	<b>RED</b>	<b>TES</b>	<b>TEC</b>	<b>EST</b>
Dez/98	2	0	1	0	1	3	0	0	0	0	0
Jan/99	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Fev/99	19	1	3	0	0	2	0	0	0	0	0
Mar/99	5	1	0	0	0	27	0	1	0	0	0
Abr/99	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0	0
Mai/99	3	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0
Jun/99	4	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Jul/99	14	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Ago/99	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Set/99	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Out/99	16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nov/99	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dez/99	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jan/00	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Fev/00	2	0	2	0	0	0	0	0	0	1	2
Mar/00	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Abr/00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mai/00	1	0	2	0	0	0	0	0	0	3	0
Jun/00	9	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Jul/00	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ago/00	1	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0
Set/00	18	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Out/00	5	0	3	2	0	3	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>204</b>	<b>15</b>	<b>28</b>	<b>11</b>	<b>1</b>	<b>48</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>18</b>	<b>4</b>

**Total geral 357**

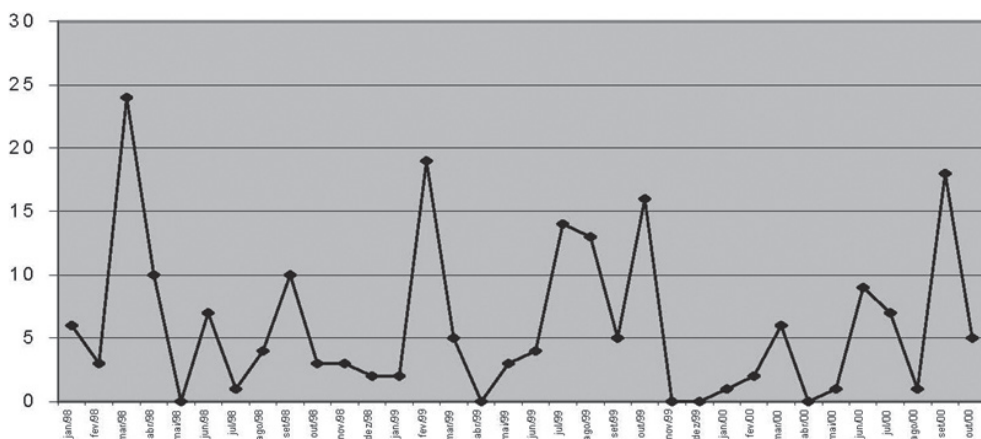
A partir da tabulação matemática do total de mensagens eletrônicas recebidas pela Associação Diálogo – Cultura e Comunicação referentes ao Fórum DPH, pode-se ver na representação gráfica a seguir, o fluxo total das mensagens segundo a temática a que se refere.



**Figura 12** Representação gráfica do fluxo das mensagens.

Considerando a figura 12, foi parcelada por temática esta representação gráfica, analisada individualmente a seguir. Pesquisando as mensagens (*e-mails*), depoimentos de entrevistados, a quantidade das mensagens e a época em que foi produzida, utilizando a cronologia da história da Rede DPH e os boletins “La lettre de DPH” impressos durante o período, chega-se às seguintes conclusões por temática:

A primeira reflexão foi sobre a temática da *Animação* baseada na figura 13:



**Figura 13** Animação.

Comparativamente, dos conteúdos discutidos pela Rede DPH, a temática da *Animação*, é uma das mais presentes e recorrentes durante todo o período estudado (janeiro de 98 a outubro de 2000). A Animação é, segundo definição de Parreira (2001), “todo o conteúdo geral para pensar a rede, para refletir sobre ela, para animá-la. Informes que não são especificamente técnicos, nem organizativos. “A nomenclatura da *Animação* abrange as temáticas que não são propriamente técnicas, sugestão de dinâmicas para a forma de relacionamento na Rede DPH, apresentação de novos membros, relatos de atividades, comunicados em geral para os participantes da rede, as discussões de participação das pessoas, proposta de novos temas, informações de atividades e eventos” (PARREIRA, 2001).

Pelos gráficos e cronologia histórica, pode-se observar que esta temática geral está sempre presente e constante, tendo ápices de envios de mensagens, antes e depois de vários eventos e atividades. Por exemplo, tem-se um primeiro grande ápice entre março e abril de 98, época que ocorreu dois eventos: em fevereiro, o Encontro de Dakar “Habitants/Elus/ Techniciens” da Rede RIAH, no qual foi realizada uma oficina de escritura de fichas da Rede DPH; e em março de 98, quando houve o lançamento do KIT DPH – um conjunto de instrumentos técnicos lançados pela rede, contendo folder, manual, CD e disquete, banco de dados, base de dados etc.

Esse fenômeno se repete durante todo o tempo estudado, e pode-se notar que a “animação”, mesmo tendo características próprias, possui em seu âmago duas naturezas: uma organizativa, como no caso de Dakar, e outra técnica, como no caso do KIT DPH.

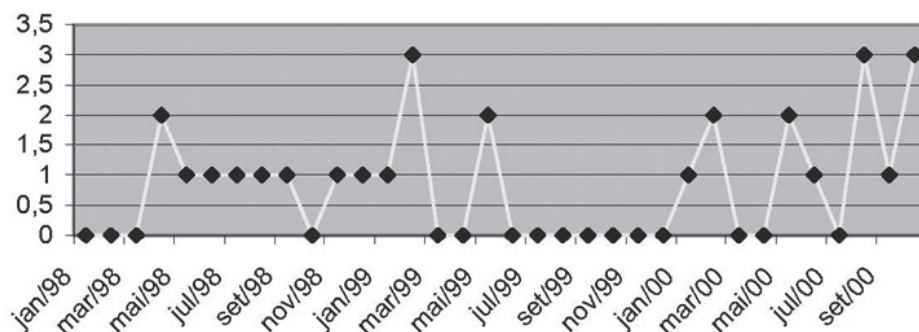
Portanto, o ânimo da rede cresce quando ocorrem, ou vão ocorrer, eventos concretos, tanto técnicos, como organizativos. Reforçando essa afirmação, nota-se, entre fevereiro e março de 1999, outra elevação do nível das mensagens de animação (Figura 14), época que ocorrem três eventos importantes. Dois eventos em fevereiro, uma viagem de animação de membros (F. Feugas e M. Wade) da Rede DPH na África (à Dakar, Abidjan, Cotonou e Yaoundé), onde foram realizadas, reuniões, contatos e oficinas de DPH. Houve ainda um segundo evento que foi uma sessão de análise transversal das fichas DPH na União Europeia UE/ACP. Essa atividade, resultou na realização de um terceiro fato em março 99: uma coletânea de fichas DPH para a União Europeia UE/ACP. Estes três eventos, ou fatos concretos, têm imbricados, dentro de si, elementos técnicos e elementos organizativos. Porém, todos eles são realizações “em si”, ou seja, são realizações concretas de mobilização de pessoas, conhecimentos e troca de experiências e que por si só já possuem algo de autônomos. Em outras palavras, uma viagem à África com fins organizativos, por si só, já é uma história, com começo, meio e fim. Um encontro na União Europeia para divulgar o trabalho do DPH, também o é. A realização, publicação e lançamento de uma coletânea de fichas realizados *para e com* apoio

da União Europeia, são eventos técnicos, mas com grande significação política: de reconhecimento, de aproximação e contato organizativo.

Essa temática de animação é a mais ampla e a que mais se aproxima da noção de rede como um sistema que se auto-reproduz como um sistema *auto-poiético* (MANCE, 2000), assim nota-se que o CENO da Rede DPH tem uma preocupação especial com essa questão. Em 2000 essa discussão aflora no fórum e Hermila Figueiredo do PACS – Brasil, é designada pelo Cômite de Enlace e Orientação (CENO) para “animar uma célula de animação permanente na Rede DPH, inclusive com um secretariado de animação” (FIGUEIREDO, 2000).

Questionando o fórum sobre essa posição, Hermila recebe a resposta de Ana Larregle da Associação LAMI da França, que filosofa: “animar para que?” (LARREGLE, 2000) e se questiona: “Como se pode articular ao largo de todos estes anos a teoria e a prática? De que maneira, de que formas de animação tem permitido que esta articulação seja mais pertinente e operante (...) Quando DPH nasceu, foi feito o que se pensava que era uma necessidade para muitos: intercâmbios de experiências, compartilhar ferramentas e metodologia, o que me parece como algo muito prático. Por outro lado, me parece que houve uma motivação majoritária por tudo o que se propunha no plano filosófico, quer dizer na ordem das idéias” (ibid). E a própria Ana, de certa forma, responde suas questões em correspondência ao fórum: “no meu entender, estas perguntas estão ligadas a vontade de ter um projeto em comum, meu cavalo de batalhar muitos anos” (idem).

“Animação” para a Rede DPH se torna uma necessidade imperativa, mas às vezes, genérica. Existe a necessidade de animá-la, e, por isso, destacar alguém para fazer especificamente isso, significa a preocupação e a necessidade de não deixar o debate e o fórum esmorecer. Por outro lado, como diz Larregle, sente-se que nesta temática discute-se também um pouco de tudo relativo a rede, seus projetos e seu futuro. Por isso, essa é a temática mais presente durante todo o tempo estudado nesta pesquisa.



**Figura 14** Comunicação interna.

A Comunicação interna possui uma maior constância de 0 a 3 mensagens mensais, sendo que nos períodos de eventos organizativos seu fluxo tende a 3. Segundo Vania Parreira “a CIN discute os veículos utilizados pela rede para a comunicação interna, como a Carta DPH, os conteúdos dos boletins, pautas, temáticas e editoriais além de questões técnicas do próprio fórum” (PARREIRA, 2001).

A comunicação interna da Rede DPH se baseia em duas ferramentas, a Carta DPH (La Lettre DPH), que é um boletim impresso, e o fórum eletrônico DPH, que é uma lista ou fórum eletrônico na internet e que é o fio condutor deste capítulo. Por isso, neste momento, analisa-se o boletim impresso distribuído pela Rede DPH.

### O boletim informativo: la lettre de DPH

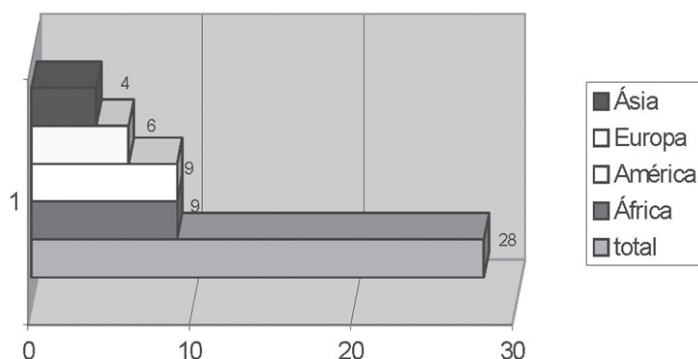
É um boletim de ligação da rede que tem por objetivo, segundo a própria rede DPH: “recolher um máximo de informações e reflexões por parte dos membros da rede; e impulsionar um diálogo entre os membros da rede e os responsáveis das redes temáticas associadas à DPH” (DPH, 1998, p. 27).

Desde outubro de 1992, data de sua criação, até março de 2001 foram publicados 35 números do boletim. Todos os números estão publicados em francês, e alguns em espanhol e inglês. A coordenação da publicação, edição e difusão da “La lettre de DPH” foi encarregada ao CEDAL-FRANÇA (Centro de Estudo e Desenvolvimento na América Latina) até final de 1998, quando passou a ser coordenado pelo Associação GEYER (França). Sua proposta é de ser uma publicação trimestral. Seu conteúdo está organizado em torno de diferentes rubricas e seções, sendo que na abertura do selo ou cartola estão descritos os objetivos e cada função da coluna do boletim:

- “Editorial”: uma tribuna dos leitores para contribuir e expressar livremente com a preocupação de contribuir com a construção da Rede DPH.
- “Grandes obras (Grands Travaux)”: o eco dos encontros, seminários e grupos de trabalho e de animação da rede;
- “História das Redes (Histoire de réseaux)”: informações referentes à vida das redes associadas, apresentação de novos membros, o que se passa no trabalho de base, as atividades mais recentes.
- “Caixa de correio (Boîte aux lettres)”: notícias não recolhidas em outras rubricas.
- “Caixa de ferramentas (Boîte à outils)”: informações para promover um sistema de perguntas e respostas relativas ao uso do programa informático. Discussões e informes técnicos, principalmente sobre o banco de dados e a base de dados ISIS – DPH.
- “As batidas do coração (Le coup de coeur)”: É a publicação de uma ficha DPH de efeito revelador para algum membro da rede que apresenta-se. É uma seleção de ficha DPH proposta por um membro da rede.

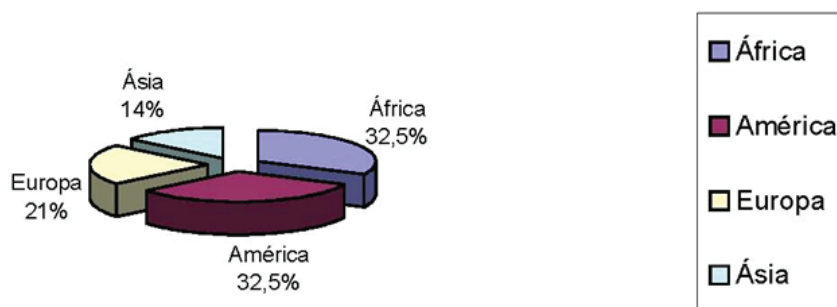
Em dezembro de 1997, ainda sob a coordenação do CEDAL – France, a coordenação da publicação fez uma pesquisa para ver seu público alvo e a opinião sobre suas seções e editoração (La lettre de Dph, nr22, 1997). De um total de 615 questionários distribuídos, receberam 73 respostas de diversas procedências: Argélia, Bélgica, Benin, Bolívia, Brasil, Burkina Faso, Camarões, Canadá, Colômbia, Congo, Equador, Espanha, França, Guiné-Bissau, Haiti, Índia, Itália, Malásia, Marrocos, México, Nicarágua, Nigéria, Sri Lanka, Suíça, Perú, Portugal, Tailândia e Tunísia.

Foram respostas de 28 países procedentes de quatro continentes, veja figura 15:



**Figura 15** Procedência dos questionários.

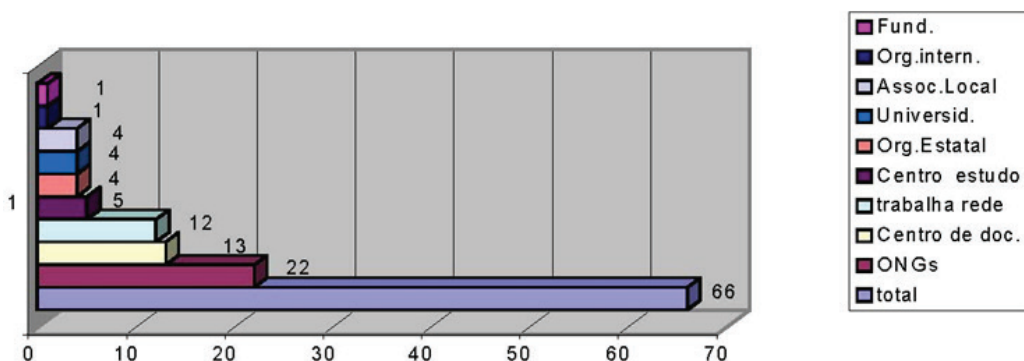
De um total de 28 países, a América e a África são os continentes que mais nações deram retorno a pesquisa com 9 países contatados cada um. A Europa vem a seguir com 6 países e a Ásia com 4. Evidentemente que essa extensão geográfica não significa densidade de trabalho na rede, pois o número de entidades na Europa francofônica é a maior da rede. Porém, serve para ter-se uma dimensão da influência geográfica global da Rede DPH. Abaixo dados proporcionais das respostas por continente:



**Figura 16** Proporção das respostas por continente.

Nos dois continentes com mais respostas, destacam-se proporcionalmente algumas regiões: a África de influência francófona e a América Latina.

Outro dado interessante desta pesquisa foi o perfil das pessoas e instituições que responderam o questionário como leitores do *La lettre de DPH*. Veja a figura 17:



**Figura 17** Perfil majoritário de instituições.

A pesquisa identificou 22 organizações não governamentais (ONGs), 13 centros de documentações e bibliotecas, 12 pessoas que trabalham na rede, 5 centros de estudo, 4 universidades, 4 organizações estatais, 4 associações locais, 1 organismo internacional e 1 fundação. O perfil acima demonstra que as pessoas e instituições que responderam o questionário são majoritariamente envolvidos e relacionados com a questão da informação e comunicação (idem, p. 4). O questionário ainda revela que os laços que unem ao DPH são *institucionais* para 57 entrevistados e *pessoais* para outros 23. A investigação identificou ainda que recebendo *La lettre de DPH*, 59 pessoas a utilizam para ler e se informar, 33 a classificam e arquivam, 38 a transmitem e divulgam para outros, e 2 extraviam e jogam fora.

A utilidade principal do boletim para 57 pessoas é poder participar e estar informado da vida da Rede DPH, para outros 39 entrevistados é favorecer o intercâmbio de experiências entre as organizações da rede e para outras 17 pessoas é permitir avançar em um projeto profissional.

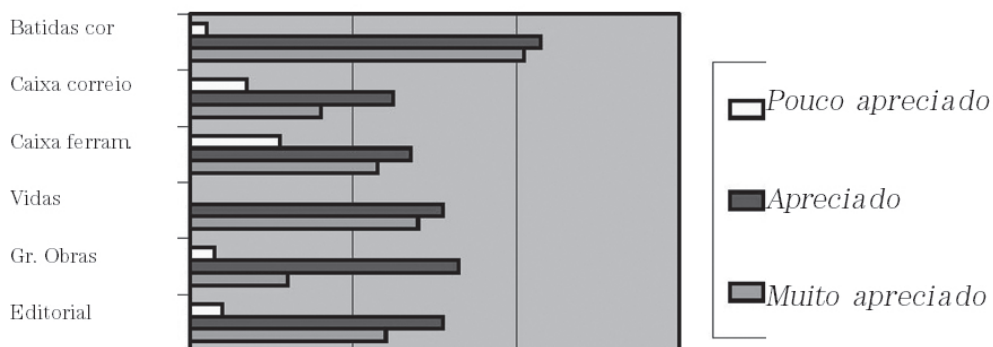
Em relação as seções do boletim, utilizando a classificação de *muito apreciado*, *apreciado* e *pouco apreciado*, os entrevistados classificaram da seguinte forma as divisões do informativo:



**Tabela 4** Classificação da forma.

seção	muito aprec	aprec	pouco aprec
Editorial	24	31	4
Gr. obras	12	33	3
Vida de rede	28	31	0
Caixa ferram	23	27	11
Caixa de correio	16	25	7
Batidas do coração.	41	43	2

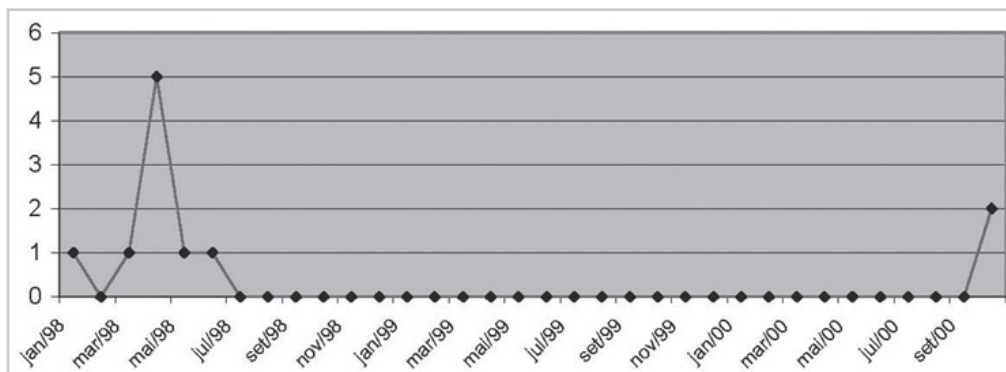
Que graficamente pode ser visualizada assim:

**Figura 18** Demonstração gráfica da classificação.

Nas respostas qualitativas sobre as seções, “a opinião geral, é que certas seções devem ser melhoradas, (...) que o *Editorial* deveria ser redigido por um membro do conselho de redação do boletim, para resguardar uma linha editorial. (...) A seção *Vida de redes* deve ser mais centrada no intercâmbio de experiências. Por último, outros sugerem que a *Caixa de ferramentas* publique mais informações sobre a maneira de consultar o banco de dados” (La Carta de DPH, n.22, p. 4).

O boletim também está disponível na internet no site [www.webdph.net](http://www.webdph.net) da Rede DPH que será analisado posteriormente.

Comunicação externa: a Rede DPH se comunicando com o mundo



**Figura 19** Comunicação externa.

A comunicação externa tem sido utilizada para discutir a necessidade de divulgação pública da rede e das novas tecnologias disponíveis para divulgação pública da Rede DPH. Segundo Vânia Parreira, “são temas relacionados com o Passareles, com o passaporte (manual de apresentação do DPH), o site de DPH, publicações do DPH e outras discussões relativas aos meios de comunicação e ferramentas que divulgam a Rede DPH são as discussões que fazem parte deste item” (PARREIRA, 2001). No fórum deste item, são as mensagens de articulação e divulgação de materiais das redes locais que aparecem com alguma frequência, porém a sigla é pouco utilizada. Para se tornar conhecida, a Rede DPH tem se provido de duas publicações, um sítio (site) na internet e diversas ferramentas desenvolvidas por seus membros. Estes diversos instrumentos se adaptam aos diferentes públicos e meios. Os principais são:

A revista *passerelles*

*Passerelles* é uma produção semestral da qual se encarrega RITMO (Rede de Informação do Terceiro Mundo), em colaboração com os produtores das fichas da rede. Seu objetivo é divulgar o conteúdo da base, é mostrar a acumulação feita pelos membros da rede sobre determinada temática divulgando informações e experiências.

Desde 1993, *Passerelles* vem adotando em cada número um enfoque temático distinto que aposta por um enfoque multidisciplinar e mostra diferentes formas de abordar uma mesma problemática.

Anteriormente, a esta data, a publicação se chamava BASE ARRIÈRE. Desta se editaram 16 números (DPH, 1998, p. 29).

Foram editados oito números desde os finais de 1996. Entre os temas centrais figuram: a proteção dos recursos naturais, a construção da paz, a criação de fontes de emprego para a reinserção social, a agricultura, a pesca, a cidade, a comunicação na base, a água.

Passerelles se envia atualmente aproximadamente 400 colaboradores da Rede DPH. Recentemente, várias iniciativas procuram dar resposta a necessidade de superar uma ferramenta puramente francófona. Por esse motivo o n° 7 de Passarellas sobre a comunicação na base, organizado com apoio de DIÁLOGO e a Rede Vozes do Silêncio, inclui fichas em espanhol e português e o no 5 de Passarellas sobre a pesca foi traduzido para o Inglês pelos colaboradores que participaram em sua elaboração. Por último, alguns números tem sido traduzidos para o Vietnamita por FRATERNIDAD EUROPA-ASIA.

## Os documentos de trabalho DPH

Os *Documentos de trabalho* é uma publicação editada pela Livraria e editora da FPH em Francês. É um modo particular de valorização temática das fichas DPH, com um caráter intermediário entre a recopilação e a capitalização de experiências.

Por outro lado, dentro da coleção "Dossiers por um débat" do mesmo editor, figuram dois títulos integralmente extraídos de fichas DPH: a capitalização de Pierre de Zutter. *Des histoires, des savoirs et des hommes*, e o dossiê n° 55, sobre como fazer bairros mais humanos através da ação pública e iniciativa dos habitantes, que constitui a ilustração mediante fichas de seis princípios da Declaração de Salvador. Este último, foi publicado em sete idiomas: francês, espanhol, português, inglês, chinês, árabe e turco, com tema principal do Foro Internacional Habitat II de Istambul ocorrido em 1996. (idem)

## Uma vitrine virtual da rede: um site na internet

A rede possui um site na WEB (<http://w1.neuronnexion.com/dph/>), o qual faz as vezes de uma vitrine aberta da rede, uma vitrine virtual que não se apoia em uma base de dados, senão na rede humana que a sustenta. O projeto propõe o uso da INTERNET e do hipertexto para vincular as iniciativas e os esforços de uns e outros de comunicar e mostrar, de forma seletiva, o que pode oferecer a Rede DPH enquanto abertura de um diálogo com os novos colaboradores (DPH, 1998, p. 30). Neste capítulo, no item 4.3, analisa-se mais detalhadamente o site na WEB.

## As redes temáticas ou regionais e a comunicação externa de DPH

Como a rede DPH é uma rede de redes, que possui redes temáticas e redes regionais, certos membros dispõem de boletins específicos para explicar e promover seu trabalho em relação com DPH. Os sítios WEB de outros membros também fazem referência a DPH. Este é o caso da rede Vozes do Silêncio (<http://www.ced.>

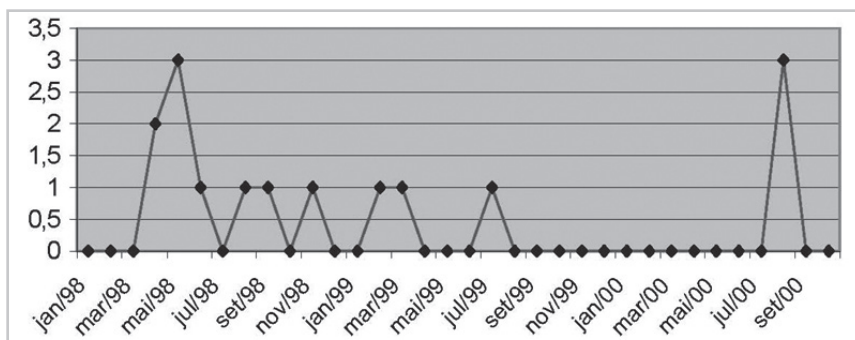
ufsc.br/bibliote/vozes.html) e do site do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI, apoiado por Diálogo ([http://www.cehcom.univali.br/lab\\_midia/](http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/)).

Do mesmo modo, outras coleções surgem em função dos objetivos das redes. Cabe citar as Seleções de fichas da rede PASOS EM MÉXICO, los “booklets” sobre os créditos produzidos por INASIA em Sri Lanka, os “dossiers” BAM do Banco de Ajuda Mutua do SAPE no Brasil, que se convertem em produções locais adaptadas para valorizar a produção de fichas dos organismos editores.

Alguns membros da rede editam igualmente boletins temáticos. Em Atenas se imprime uma “Carta” documento de coligação da Rede Internacional de Educação Ambiental, na Bélgica, *Habitat et Participación* edita Les Nouvelles du Fichier. Aos anteriores vieram somar-se Conversions dos “Amis de l’école de la paix” de Grenoble na França e a revista *Vozes & Diálogos*, editada no Brasil pela Diálogo e a Universidade do Vale do Itajaí – Univali.

A própria rede DPH sistematizou uma análise e uma aprendizagem sobre as publicações cada vez mais diversificadas tirando algumas lições:

1. nada pode substituir o produto no papel;
2. um melhor aproveitamento da rede exige inevitavelmente respaldar as dinâmicas da edição local, adaptadas às necessidades dos autores e dos leitores. (DPH, 1998, p. 31)



**Figura 20** Metodologia/mediação.

Segundo Vânia Parreira, associada da Diálogo e uma das responsáveis pelo programa de articulação com a Rede DPH na entidade, a temática da *Metodologia e da Mediação* discute “as formas de utilização do banco e da base de dados pelos membros da rede; os métodos de utilização da fichas DPH; o papel dos mediadores ou seja dos animadores da rede DPH” (PARREIRA, 2001, p. 1).

A questão da *metodologia* está presente quando do lançamento do KIT DPH, um conjunto de ferramentas de apoio a rede (manual, base de dados, tesouros etc) em março de 1998 e o modo de utilizá-lo, assim como o papel do *mediador* e as funções dos animadores da rede e dos membros do CENO aparecem com certa

constância até setembro de 98, quando da contratação de Dacha Radovic para colaborar com DPH em apoio a Vladimir Ugarte responsável na FPH pelo projeto da Rede DPH. Ainda nesta época, em maio de 98, Gerardo Alatorre, da Rede PASOS do México e membro do CENO, faz uma reflexão sobre “os problemas da mediação na Rede PASOS” e amplia a discussão para a Rede DPH. Discute o papel dos mediadores e informa uma quantidade rica e diversa de atividades (fichas, cursos, seminários, divulgação por rádio etc) feitas com as ferramentas e a base de dados DPH. Porém constata corajosamente que em contraste com este “florescimiento”, a rede PASOS não logrou desenvolver-se (ALATORRE, 98). Constata que muito pouca gente se pos realmente a fazer fichas e aqueles que o faziam não incluíam as aprendizagens de sua própria experiência.

Ao final de sua reflexão, o próprio Gerardo identifica uma das importantes causas das limitações das mediações e da falta de continuidade de muitas produções da rede: “(...) estas deficiências, estão nas limitações de nosso meio e das organizações: não existem espaços institucionais (em recursos e tempo) para que os(as) interessados(as) em sistematizar informações e reflexões possam fazê-lo, nem existe um mandato institucional que os(as) respalde e os exija” (idem).

A questão da importância do mediador como alguém profissionalizado que ajude a animar a rede leva a reflexão da importância e limitação do papel do voluntariado e da militância gratuita. Fundamental para dar vida as organizações não-governamentais (ONGs) esse papel de voluntário, também tem suas limitações, como a possível fluidez, falta de continuidade, falta de compromisso e a limitada cobrança que se pode fazer de uma atividade a ser desenvolvida pelos voluntários.

Devido a importância desta discussão sobre o papel do mediador e de suas mediações na rede DPH, o CENO incumbiu, Pascale Thys de pesquisar essa questão e suas reflexões internamente na rede. Para produzir o texto a autora Utilizou vários documentos, mensagens eletrônicas, artigos de La Letre de DPH e fichas DPH que abordam a questão da mediação da informação e do papel dos membros de DPH como mediadores da informação. O resultado foi um documento de título “La cuestión de la mediación y del mediador”, traduzido para o espanhol por Cláudio Alatorre, e que, sem citar nomes dos membros da rede, tenta levantar as principais questões e reflexões sobre essa temática. Abaixo fazer-se-á uma síntese das principais questões que os membros da rede se interrogam, segundo o documento produzido por Pascale Thys (2000):

Como uma reflexão geral sobre as cadeias de mediação e sobre o papel do mediador, os documentos recopilados, possuem reflexões vinculadas com as diretrizes gerais de DPH e qual a motivação de seus membros. Entre as várias perguntas estão: O mediador de DPH deve ser um especialista da informação? O mediador de DPH deve concentrar seu trabalho na oferta ou na demanda? O mediador de

DPH enfrenta uma relação de forças ou se envolve em uma relação de confiança? Se admite a existência de um “mercado” da informação, qual é o lugar que DPH ocupa nele? Existem também tensões e relações de força. A busca de financiamento, é um exemplo disso. Porém, vários membros insistem na ideia de que o intercâmbio de informações no DPH somente pode realizar-se graças ao fato que existe entre os membros relações pessoais e um espírito de confiança mútua.

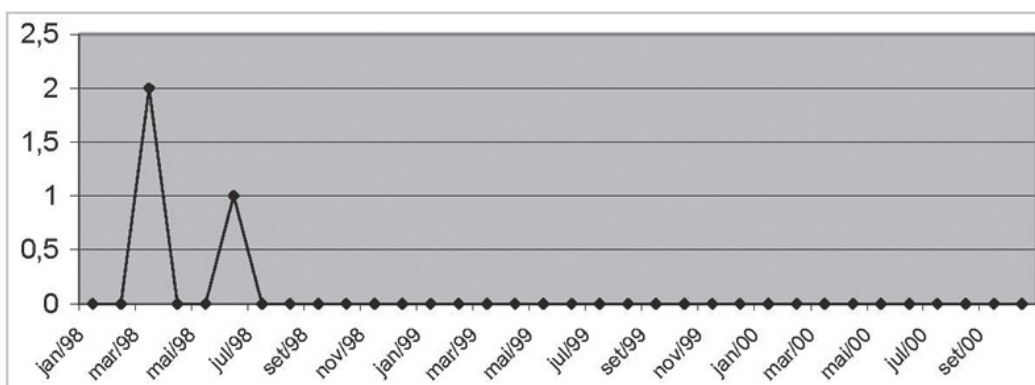
Para alguns membros, o mediador em DPH é indispensável. Porém, se colocam várias questões: Como conservar o sonho de fazer que as pessoas que levem a cabo a ação de intercambiarem entre elas? Não existem espaços institucionais; pertencer a uma rede de intercâmbio de experiências não é algo suficientemente motivador. Como desenvolver intercâmbio entre o núcleo atual e a “periferia”? Ao incrementar o poder dos mediadores isso não leva a uma diminuição do poder e da implicação dos demais membros?

Finalmente, os membros da rede se colocam questões que todo educador, preocupado realmente em ensinar e apreender se faz: um mediador de DPH deve trabalhar para seu desaparecimento? O educador Paulo Freire (...) responde afirmativamente essa questão em suas reflexões, falando da vocação “suicida do educador”. Ou seja, o mediador, como um verdadeiro educador, deve ter a pretensão de que um dia não seja mais visto como necessário pelo seu educando, e assim desaparecer enquanto educador. O mediador de DPH, na realidade, faz o papel de educador, animador e intermediário de um determinado conhecimento técnico e filosófico que ele tem acesso e a rede de contatos de suas organizações e parcerias.

Uma questão mais macro sobre os mediadores e a rede DPH se coloca ao final do documento: deve a rede converter-se em (ou seguir sendo?) uma rede de mediadores – escritores ou deve ser reforçado este papel nas redes associadas? Deve-se combinar ambas estratégias? Como? Pascale Thys, autora da síntese sobre o assunto admite em seu texto que “a definição do que seria uma mediação da informação no DPH é muito difícil de levar a cabo, sobre todo em virtude das contradições que existem entre os diferentes textos” (THYS, 2000, p. 1). Mas ao final do texto ao fazer um pequeno questionário baseado em uma tipologia da mediação elaborada por Ana Larregle da Lami, ela de certa forma, já encontra algumas respostas sobre os vários tipos de mediação possíveis.

Existe uma mediação informativa no sentido amplo, para um público objetivo. Uma mediação especializada, de tipo “consultoria”, para um cliente. Uma auto-mediação (capitalização) para aqueles que dominam este papel com um objetivo de conhecimentos, fortalecimento, desenvolvimento; uma mediação multilateral para mobilizar um grupo em rede, em atitude de intercâmbio e de cooperação. Uma mediação de reflexão para o melhoramento das funções profissionais (entre os quais a capacitação de instrutores). O intercâmbio como espaço

de constituição de uma força de apresentação de propostas e de agrupamento, articulação. (idem)



**Figura 21** Tesouros: as palavras-chave da Rede DPH.

No período estudado de dois anos somente no primeiro ano de 1998 se discutiu esta questão técnica. Segundo Parreira, “este item serve para discutir a classificação de palavras-chaves, indexação, análise transversal de temas e todas as questões ligadas ao tesouros do banco de dados DPH” (PARREIRA, 2001, p. 2).

As palavras-chave DPH são a do catálogo (Tesouro) comum entre os membros da rede. São as principais ferramentas de busca do banco de dados e constituem o vínculo entre todos os membros da rede. As palavras-chave da ficha são as palavras mais precisas, exatas, utilizadas por cada rede associada. As necessidades de uma rede de intercâmbios como DPH são específicas, e elas têm exigido inovar e fazer da elaboração dos catálogos de palavras-chave do banco de dados (tesouros) uma tarefa essencial, coletiva e sempre inacabada. Para isso a rede DPH constituiu grupos temáticos para construir e aprimorar o tesouros.

Estes grupos temáticos, respaldados por uma equipe de animação responsável do tratamento, redação e circulação das propostas, decidiram em comum acordo as palavras-chave que deviam selecionar-se em um determinado campo para enriquecer o tesouro inicial. A partir de suas preocupações e servindo-se das fichas da base e dos tesouros preexistentes, estes grupos elaboraram uma lista de palavras: em continuação, propuseram as definições de certas palavras chaves determinando os contextos nos quais seriam utilizadas, logo se dedicaram a reagrupar as palavras em “conjuntos” de palavras relacionadas. Este trabalho culminou com um esforço mais sistemático para estruturar o conjunto do tesouro. A eleição das palavras chaves, no catálogo DPH está na constante evolução, em função da aparição de novos temas de interesse para as redes associadas. A abertura de novas palavras-chave se realiza com a condição de que seus proponentes as situem claramente em suas relações e semelhanças com as palavras preexistentes. (DPH, 1998, p. 43)



O tesouro de busca se apresenta em um formato multilíngue, estruturado em âmbitos temáticos e em lista alfabética permutada, mas sem equivalências linguísticas.

Esta base de dados é administrada atualmente pela associação ENTRE SIGNES ET CULTURES e contém o conjunto de descritores do catálogo DPH, com todas as informações que fazem referência à mesma (códigos de classificação, frequência de uso, definições, semelhanças, equivalências etc). Incorpora igualmente as adições de palavras-chave procedentes da base comum, em espera de processamento.

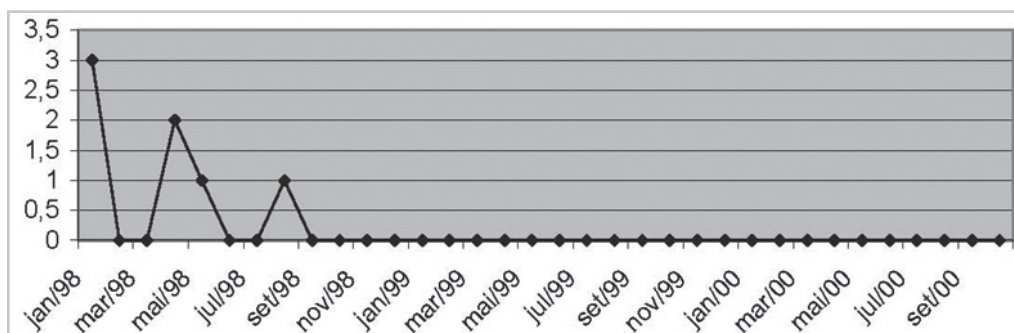
Este sistema é multilíngue, permite lançar uma busca a partir de um termo (uma palavra) inicial em um determinado idioma, para um vocábulo em uma ou várias línguas. Atualmente são quatro idiomas disponíveis: inglês, francês, espanhol e português. (idem, p. 46).

O membros da rede DPH refletem sobre a questão de para que serve uma informação que circule na rede, que seja completamente democratizada, completamente massiva, se na realidade, as pessoas nunca vão poder encontrar as informações que necessitam encontrar, que lhes é necessária para o que estão fazendo? E respondem em seu manual de apresentação: Portanto, é preciso dar a possibilidade aos grupos organizados, aos coletivos humanos, de poder estruturar, organizar a informação em função de seu próprio desafio, de seu próprio tema de trabalho. E é por isso que a Rede DPH se dota de um instrumento que está, além disso, revolucionando muito que é o tesouro (Ibidem, p. 47).

Vladimir Ugarte (1999, p. 11) representante da FPH no CENO, em entrevista ao autor, reflete e aprofunda essa ideia sobre o que é o tesouro?

“O tesouro não é somente da rede, não é somente um dicionário de palavras-chave, é o alfabeto, as chaves da cadeia de Ali-babá, (risos) é o mapa dos temas de trabalho das pessoas, e a capacidade que as pessoas que trabalha sobreum tema pode organizar os desafios. É a capacidade de compreender a inteligência dos outros. Neste sentido, é que falamos de inteligência coletiva, é a capacidade de colocar as coisas em relação. Porque o importante, não é somente conceber, por exemplo, aonde estão os problemas, mas poder ver como os problemas se interrelacionam, uns com os outros. Por exemplo, como os problemas da saúde pessoal estão ligados com a ecologia, e o respeito a um desenvolvimento sustentável. Se as pessoas não tem um respeito por seu próprio corpo, que é o que se entende por saúde, não vão ter nunca um respeito pelo meio ambiente no qual elas se desenvolvem, não vão poder nunca compreender o que é ecologia. Ou pelo menos, um desenvolvimento harmônico com a biosfera, com o reino animal, com o reino vegetal”.





**Figura 22** Desenvolvimento da rede DPH.

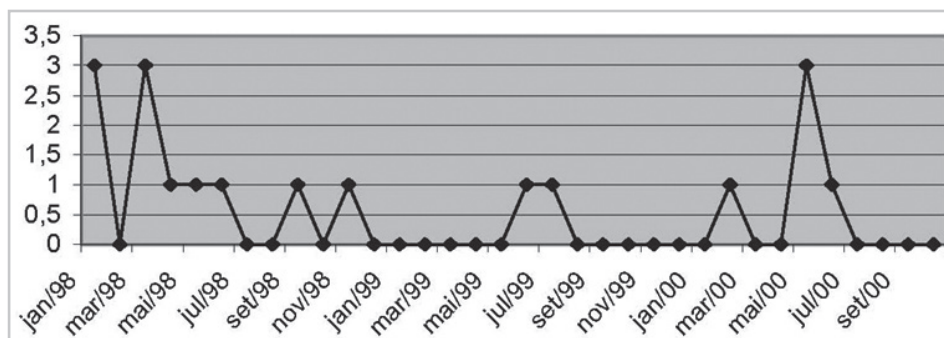
O que se entende por desenvolvimento na rede DPH? Somente no ano de de 1998 houve uma discussão representativa identificada com essa sigla. Segundo Vânia Parreira, “esta temática discute o desenvolvimento da rede enquanto instituição, estratégias de crescimento, possibilidades de articulações e o futuro da rede DPH” (PARREIRA, 2000, p. 2). Vladimir Ugarte (FPH) do CENO, é quem debate esse assunto no fórum e é que sistematiza sobre essa reflexão em entrevista ao autor:

“Com relação ao desenvolvimento de DPH, parece-me interessante a analogia que você faz e que tem relação com a pergunta anterior, ou seja, DPH é também um exemplo da passagem de uma rede tecnológica para uma rede humana, social. Ao mesmo tempo que é isso, é também uma outra coisa. Porque significa que, de uma rede tecnológica se passa para uma rede que tem ambivalência, é ser ao mesmo tempo rede tecnológica, como fala-se há alguns minutos e uma rede social. Ou seja, é preciso partir da base, de que um ser humano tenha dois pés para caminhar, da mesma forma DPH necessita dois pés: um tecnológica e humano para poder avançar. E a capacidade de poder ligar, colocar em relação, uma tecnologia a serviço de um objetivo, ou pelo menos de uma estratégia. Esta é a realidade de DPH.

Porém, é verdade que se fez um pouco de história, no princípio da ideia da DPH, não era que se constituísse em rede – no ano mais ou menos 1985, 86, 87. A ideia ao princípio era de constituir, quase de maneira centralizada, um lugar onde os associados da FPH pudessem colocar num recipiente comum, as reflexões sobre suas próprias práticas. Não era rede. Era uma concepção assim: há gente que está metida na prática e necessita ir para a retaguarda como quando um caminhante vai seguindo no deserto e sabe que tem que voltar a um lago para pegar água. Era exatamente essa a ideia: saber que as pessoas que estão na prática, fazendo pesquisas, e estão comprometidas com a ação, tinha possibilidade de ir buscar informação que lhe pudesse ser entregue facilmente. Essa era a ideia: de concentrar em um lugar esse tipo de informação. Era uma ideia muito democráti-

ca a princípio, de constituir por parte de um coletivo, um lugar onde fosse possível haver informação que fosse acessível a toda essa gente.

Agora, a ideia também surgiu que, com o desenvolvimento da informática, se era utilizada coletivamente, podia ser também uma grande oportunidade, podia ser uma coisa muito boa, porque, simplesmente, em um espaço de disco duro, não maior que o punho da mão, qualquer um pode ter milhões de informações contidas ali. Então, se pensou que este tipo de informação deveria ser estruturada ao nível da computação, quer dizer, tinha que ser trabalhada em banco de dados com computadores. Essa era a ideia inicial. O que aconteceu? Ao mesmo tempo, esta utilização não era uma utilização mecânica, porque a ideia – e é aí que eu te falo da utilização e colocar a técnica a serviço de uma estratégia – a ideia, o desafio era pensar que: primeiro, pode haver uma utilização da informação que produza mais valia para as pessoas que a utilizam. Ou seja, a ideia era dizer que a informação útil pode ter um papel para as pessoas que estejam envolvidas na ação porque essa informação compartilhada pode ser confrontada, pode conter diferentes concepções, pode conter diferentes ângulos, e sobretudo quando está sendo conseguida de um ângulo multidisciplinar, multitemático, multiprofissional, intercultural, permite uma confrontação que pode gerar conhecimento. Essa a ideia de DPH: que a informação não é nada, mas sua utilização é tudo. A capacidade que as pessoas tem de utilizar a informação pode dar-lhes a pluralidade” (UGARTE, 2000, p. 7).



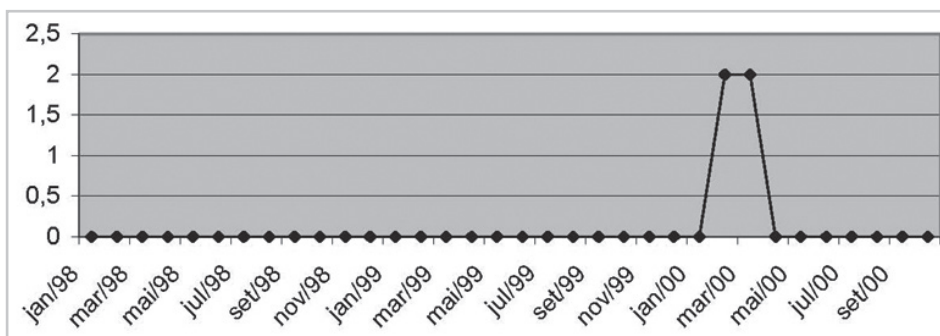
**Figura 23** Técnica/tecnologia DPH.

A questão técnica e a tecnologia, é discutida com certa frequência, mas não intensamente pela internet pela rede DPH. São de 0 a 3 mensagens mensais. Essa temática discute questões específicas relacionadas as técnicas e tecnologias utilizadas pela rede como suportes informáticos DPH em CDS – ISIS, Winisis, 4DPH-WIN, 4DPHMAC. Questões técnicas ligadas ao site na internet (WEB) e outros elementos e ferramentas ligados ao banco de dados DPH.

Em 1998 até o RITE de 1999, houve uma importante discussão no fórum sobre as limitações e possibilidades técnicas das ferramentas e do banco de dados.

Georges Festinger, resume a discussão: “o programa ISIS-DOS não permitia um manejo comodo de imagens (gráficas, fotos, etc.), coisa que de qualquer modo resultava infactível para os discos rígidos daquela época.

As realidades técnico-econômicas tem evoluído muito, hoje existem muito menos restrições que antes. Quase todos os desejos podem se satisfazer, sempre e quando não sejam contraditórios entre sí” (FESTINGER, 1998).



**Figura 24** Estrutura e as formas de institucionalização da rede.

A nomenclatura temática Estrutura (STRU), foi criada para discutir formas de institucionalização da rede, a estrutura da rede. A formalização e estruturação jurídica. Proposta por Pascale Thys em fevereiro de 2000, depois da reunião preliminar do CENO realizada em Louvain-la-Neuve, na Bélgica. Só houve troca de mensagens e debates claramente identificados com essa temática no primeiro semestre deste ano de 2000. Foram poucas mensagens mas de muita qualidade para reflexão sobre o futuro da Rede DPH e seus desafios. Identifica-se nelas, a preocupação da rede relativas a sua estruturação, inclusive jurídica, enquanto organização, a limitação geográfica da participação de todos, e como as propostas de construção grupos de trabalho estão diretamente relacionados a outra temática: financiamento.

Diz Pascale Thys:

“Después de una reunión preliminar del CENO que se llevó a cabo en Louvain-la-Neuve, Bélgica (se trató de una reunión franco-belga, geográficamente hablando), les solicitamos su participación para poder delimitar con mayor precisión las necesidades de la red en lo que se refiere al desarrollo de los grupos de trabajo (aun si algunos de ellos sólo han alcanzado un desarrollo modesto). Lo que les proponemos es que nos envíen rápidamente (a mi dirección de preferencia; pueden escribirme en español) las siguientes informaciones sobre los grupos de trabajo que ustedes animan o quisieran animar. Estos datos servirán para definir mejor nuestras

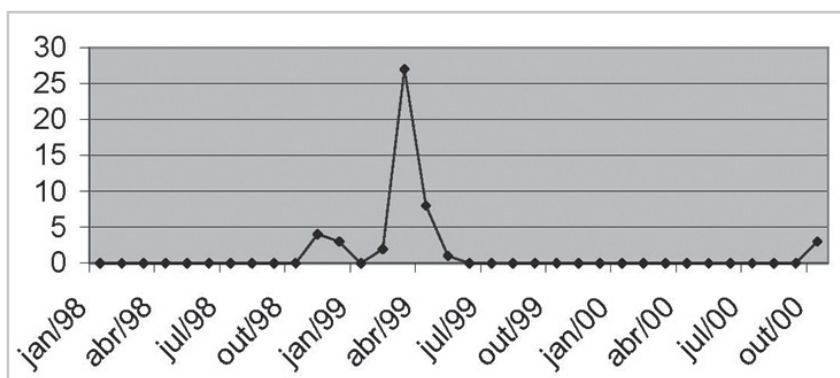
necesidades, y así estructurar las eventuales solicitudes de (co)financiamiento en el futuro.” (THYS, 00)

O desafio da rede DPH de criar uma estrutura legal está nas formas de representação e funcionamento da mesma. O grupo de trabalho é proposto e realtado assim em um e-mail de Pascale:

“ESTRUTURA LEGAL PARA DPH: François y Georges se apuntaron; Patricia ofreció colaborar (¿es eso todavía posible?, ¿qué propuestas existen?)”

Em outro e-mail a Própria Pascale de certa forma reflete e responde sobre os desafios estruturais da rede DPH e sua organização jurídica independente:

“(…) quisiera lanzar una pequeña reflexión que me parece útil: Según yo, estructurar una red internacional es también encontrar un modo de funcionamiento que sea lo más compatible posible con nuestros valores y principios comunes. Al igual que ustedes, cuando llegué a DPH, leí los textos de “iniciación” de la red y, entre otras cosas, la famosa frase que explica que una red de intercambios se justifica en un mundo a la vez de desinformación y de sobreinformación.” (THYS, 00)



**Figura 25** Organização: os fluxos e reflexos.

A nomenclatura *organização* é entendida como o espaço para discutir a organização da Rede, seus encontros e desencontros. Aqui se propõe formas de articulação, grupos de discussão temática, responsáveis regionais ou polos regionais e organização de encontros do CENO e do RITO.

Durante o período estudado foi esta nomenclatura que recebeu um dos maiores fluxos de informação durante o período pré e pós encontro do RITO de Abidjan (África) em abril de 99. Posteriormente, há um hiato de mensagens até

meados de 2000, quando o CENO é questionado pela falta de repasses de informações por alguns dos membros da rede, como se pode constatar nesta mensagem de Françoise Feugas:

“Subject:

CENO: ¿DÓNDE ESTÁN?, por Françoise

Feugas (tr.)

*La última reunión se llevó a cabo en abril pasado en Normandía.*

> *¿Tuvimos un informe de esta reunión? Tengo la impresión de que no*  
> *circuló. Al menos, yo no recibí ningún escrito.*

>

> *Al igual que los demás miembros de la red que fuimos invitados a*

> *Abidjan el año pasado, elegí representantes en un comité que se*

> *reúne periódicamente pero no he recibido sus deliberaciones. Les*

> *pido por lo tanto que por favor me informen. Me interesa en*

> *efecto saber en qué parte están de su mandato, lo que planean*

> *hacer o lo que hacen para animar a la red, de qué van a discutir*

> *en Xalapa... En pocas palabras, espero el próximo informe de esta*

> *reunión.*

>

> *Amigablemente,*

>

> *Françoise Feugas”*

E em um espécie de auto-crítica o CENO responde aos questionamentos e constata este fato:

“Xalapa, México, a 8 de octubre del 2000

*Estimados amigos:*

*Estamos comenzando el día de hoy nuestra segunda reunión del CENO, en Xalapa, sede de la organización de Gerardo Alatorre, con la desafortunada ausencia de Rabah y de Sidiki, que no pudieron asistir por problemas de última hora con sus visas! (nuestra reunión termina el 12 de octubre).*

*Tuvimos una primera reunión de Villarceaux, región parisina, del 3 al 7 de abril del 2000, lo que nos permitió conversar con Pierre Calame y con Suzanne Humberset, como miembro del consejo de la FPH, sobre los ejes estratégicos y el plan de acción del CENO.*

*El CENO se ha comunicado poco en el foro electrónico de DPH desde la RITO de Abidján. Además de algunas razones de forma hay razones de*

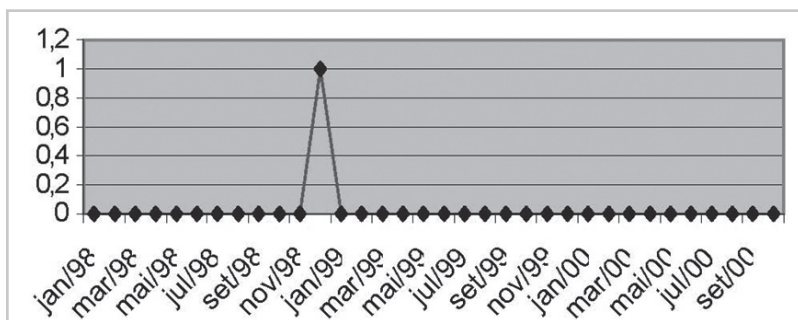
*fondo: La dificultad para encontrar un consenso exhaustivo nos redujo al silencio, tal vez por miedo de no saber explicarlo sin desmovilizarlos...*

*Sin embargo, este mismo silencio es desalentador... Tenemos que cambiar de método: Dar cuenta de los puntos en los que estamos de acuerdo – son muchos – y dar la palabra individual a cada miembro del CENO para que explique su punto de vista como todos los miembros de la red.*

*Nos comprometemos a enviarles muy rápidamente el informe de nuestra reunión en Xalapa. Mientras tanto, para no aumentar el retraso en la comunicación, les estamos enviando el informe de la RITO de Abidján, así como una tabla que resume las estrategias y planes de acción que definimos durante nuestra primera reunión.*

Saludos  
EL CENO”

Nota-se que o fluxo de informações sobre a temática organização é grande quando acontecem os encontros, porém, posteriormente há um refluxo que parece ser retomado somente quando da aproximação de algum outro encontro presencial da rede humana, social.



**Figura 26** Financiamento da rede DPH.

Esta temática foi criada para discutir formas de financiamento, de sustentação da rede e suas iniciativas para criação de autonomia econômica. Debate alternativas e projetos econômicos e os projetos de sustentação da rede (PARREIRA, 2001, p. 01). Durante o período estudado, janeiro de 1998 a outubro de 2000, a associação Diálogo, em seu banco de mensagens, só recebeu uma (1) mensagem sobre financiamento. Uma mensagem de Vladimir Ugarte em 27 de novembro de 1998, sob o título: “FPHv057s.FIN: Informe financiero DPH”. Não houve discussões sobre esse assunto ou sobre este informe específico pelo fórum da rede DPH até outubro de 2000. Acredita-se que talvez vários membros da rede não considerem um fórum aberto como o fórum específico para discutir profundamente a

temática do financiamento. Isto não significa que a internet ou o e-mail individual não tenham sido utilizados para discussões sobre financiamento. Alguns documentos e o próprio Manual DPH informam sobre esse ponto. Desde sua origem, o desenvolvimento do DPH tem sido financiado exclusivamente pela Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem.

Atualmente o desenvolvimento da rede sofre custos consideráveis, cujas principais saídas foram em 1997:

- a gestão do banco de experiências e sua descentralização;
- O apoio ao desenvolvimento das redes associadas;
- As ferramentas de comunicação interna e externa;
- o desenvolvimento do sistema informático; -os encontros da rede DPH;
- a a animação da rede intercontinental;
- o apoio à realização de fichas;
- o desenvolvimento e atualização de ferramentas pedagógicas e de trabalhos em quatro idiomas;
- a formação dos animadores responsáveis das redes associadas.
- Segundo análise da própria rede, uma rede como DPH só tem sentido se perdura no tempo e isso por múltiplas razões:
- o banco de experiências será mais rico quanto mais numerosos e variados sejam os colaboradores;
- as técnicas empregadas são simples, mas a aprendizagem cultural do uso de uma memória coletiva é lento;
- as redes humanas se constituem e se consolidam com o passar dos anos.” (DPH, 1998, p. 81)

Atualmente, o crescimento e desenvolvimento da rede, o DPH já não pode depender unicamente das contribuições da FPH. É necessário e se está buscando, portanto, uma diversificação das fontes de financiamento.

Em 1996, a Fundação dedicou cerca de 4 milhões de francos ao conjunto de trabalho executado no marco do DPH. Esta importante quantia é resultado de um incremento progressivo planejado com salto um importante em 1991 e 1992. O pressuposto global de 1997 foi de uns 5 milhões de francos (DPH, 1998, p. 82). Segundo Vladimir Ugarte divulgou em documento sobre a “Evolución de los gastos de la política DPH: “Los gastos totales de la política DPH en 1997 fueron de 616, 955 francos suizos. El monto del presupuesto autorizado para 1998 es de 660, 704 francos suizos.” (UGARTE, 1998).

## Em busca de colaboradores financeiros para sustentar o desenvolvimento da rede

Levando em consideração o eco crescente que tem tido a Rede DPH, deve-se contemplar desenvolvimentos consideráveis nos próximos anos. Contudo, a Fundação



não poderá enfrentar sozinha o custo deste desenvolvimento; por esse motivo, DPH busca novas alianças e novos apoios.

A rede considera que DPH é, entre outras coisas, um conjunto de metodologias, um sistema, uma marca. Havendo tomado consciência de tais instrumentos, aqueles que aderem a DPH devem respeitar sua ética e se comprometer a buscar cofinanciamentos para sustentar o desenvolvimento de projetos específicos de produção e estruturação da informação.

Assim sendo, a rede tem realizado vários contatos, com o objetivo de examinar os métodos de uma associação. Por isso a rede DPH sistematizou critérios para apoio e parcerias.

Estes apoios deveriam procurar responder aos seguintes aspectos que resumem-se aqui (DPH, 1998, p. 82):

- O desenvolvimento e o funcionamento das redes associadas temáticas existentes.

Cada rede associada reconhece que DPH tem sido um meio eficaz de consolidação e de fortalecimento de sua audiência. O desenvolvimento de uma rede requer evidentemente recursos humanos e financeiros.

- A ampliação da rede DPH

Segundo a FPH, ela não pode hoje assumir o financiamento de uma estratégia de crescimento de toda a rede DPH, não obstante, a rede deseja poder responder a toda solicitação de participação e acolher a novos membros que compartilhem os mesmos valores.

- Constituição de polos geográficos e de iniciativas inovadoras

Nos países onde o número de membros da rede adquiriu certa importância, se observa a necessidade de um polo de apoio, dirigido por um dos membros, que coordene a promoção conjunta da rede, que se encarregue da formação permanente, que possa dar resposta aos problemas técnicos estabelecidos por todo sistema informático, que difunda as fichas no idioma do país.

- O multilinguismo e a integração de novos idiomas

A ampliação de um novo idioma é muito mais custosa em dinheiro e tempo do que parece, além de acrescentar um grau de complexidade ao sistema. Contudo, aparece clara a importância de introduzir rapidamente os demais grandes idiomas – árabe, chinês, russo.

- Trabalhos de investigação e capitalização

Frente ao desafio concreto de organizar em fichas “o melhor da experiência”, a maior parte dos novos “autores” descobrem os interesses de estruturar sua própria experiência e se levar a sério ao trabalho.

Além disso, os membros antigos da rede, às vezes sentem a necessidade de um apoio para dedicar um tempo para refletir e capitalizar sua própria experiência.

- Diversificação das publicações



O que inclui o apoio as dinâmicas de edições locais.

- Simplicidade do sistema técnico

As ferramentas se diversificam e cada vez se manejam melhor, mas devem prosseguir sua evolução. Outra necessidade é introduzir ferramentas descentralizadas de administração de base. É preciso realizar um grande esforço para que a pesquisa de informações no banco de experiências se inspire em passos espontâneos de investigação. Além disso, é indispensável continuar o desenvolvimento progressivo e novos sistemas de transmissão, que se baseiam principalmente em meios telemáticos.

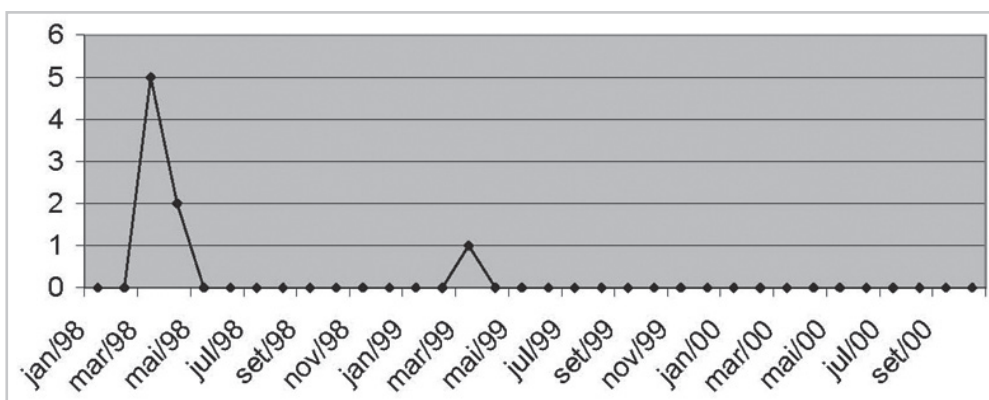
- Desenvolvimento da formação e do intercâmbio no seio da rede

A formação não é um fim em si: é um momento privilegiado destinado a transmitir o sentido do gosto e o interesse pelo sistema à outros, os quais se converteram por sua vez em formadores. Desse modo, o fortalecimento da rede introduz a celebração de encontros regionais de intercâmbio de experiências, assim como outros meios de circulação de conhecimentos.

- Criação de serviços de mediação

A mediação (onde se pode recorrer a uma pessoa confiável para comunicar-lhe suas dúvidas e que possa encaminhar-nos para boas experiências e informações) continua sendo um laço imprescindível sem o qual corre-se o risco de reproduzir “a exclusão pela informática” tantas vezes denunciada. A Rede DPH projeta que uma rede internacional de serviços de mediação poderia constituir-se nos próximos anos.

Assim, pode-se sintetizar o conteúdo dessa temática através do título do documento sobre o informe financeiro da Rede DPH, que resume as propostas e desafios da rede neste aspecto nos próximos anos, levando em conta a política de redes de intercambio de experiências: “mobilizar ao serviço de cada um, a experiência de todos, para encarar melhor os desafios de nossas sociedades” (UGARTE, 1998).



**Figura 27** Redes: breve reflexão.

O termo “redes” enquanto temática geral é pouco discutida e refletida no fórum eletrônico, somente entre abril e junho de 1998 é trocada correspondência mais intensa sobre o assunto. Anna Teti Caetano, da entidade *Echosigne* foi quem propôs a discussão e utilizou a rúbrica *ANI Redes*. Porém, apesar da boa reflexão teórica, baseada em autores europeus, basicamente franceses, produzida por Caetano (1998) os membros do fórum da rede DPH, não se interessaram naquele momento em aprofundar a temática via web. Na verdade, a pequena discussão que ocorre é sobre a classificação da temática onde Anna Teti pergunta: “A propósito no completé la codificación de los mensajes sobre el concepto red. Sólo indiqué por medio del signo? que no pertenecen a ninguna de las clasificaciones actuales del Foro. En caso de que no haya más mensajes sobre este tema, me parece que no vale la pena crear un nuevo código.”

E recebe uma resposta de Hermila do PACS confirmando sua visão de não abrir uma nova rúbrica para a temática: “Hola Anna e demais amigos, concordo plenamente com você que não se deve abrir uma nova codificação para o tema “Rede “Entretanto, não seria o caso desta discussão pertencer ao tema *Animação* e, Françoise que começou este debate usou o código ANI. Espero que novas contribuições ao tema venham se juntar às tuas, porque acho importante debater este assunto. Um abraço. Hermila”.

Como se vê, esta reflexão é reconhecida como importante pelos membros da rede DPH, e também pela FPH, pois os documentos, artigos de revistas e livros sistematizados por Anna Teti Caetano são na maioria de materiais apoiados e publicados pela FPH, além de fichas da base de dados DPH. Porém, o fórum demonstrou ser um espaço propício apenas para animar a discussão sobre a importância da temática e se a codificação utilizada era a correta. Como ferramenta de reflexão coletiva, o correio eletrônico e o fórum da rede DPH não animou os membros da rede. Os textos teóricos produzidos por Anna Teti Caetano sistematizando pensamento do historiador Jean Chesneaux (1993) sobre a tipologia de redes e outros autores franceses foi incorporada neste trabalho no capítulo da revisão de literatura.

Neste aspecto, em entrevista ao autor, Vladimir Ugarte (2001a, p. 6), representante da FPH no CENO da rede DPH, explicita sua visão sobre redes em relação ao DPH:

Com relação ao DPH, parece-me interessante a analogia que você faz e que tem relação com a pergunta anterior, ou seja, DPH é também um exemplo da passagem de uma rede tecnológica para uma rede humana, social. Ao mesmo tempo que é isso, é também uma outra coisa. Porque significa que, de uma rede tecnológica se passa para uma rede que tem ambivalência, é ser ao mesmo tempo rede tecnológica, como se fala há alguns minutos e uma rede social. Ou seja, é preciso partir da base, de que um ser humano tenha dois pés para caminhar, da mesma

forma DPH necessita dois pés: um tecnológica e humano para poder avançar. E a capacidade de poder ligar, colocar em relação, uma tecnologia a serviço de um objetivo, ou pelo menos de uma estratégia. Esta é a realidade de DPH.

Porém, é verdade que se fez um pouco de história, no princípio da ideia da DPH, não era que se constituísse em rede – no ano mais ou menos 1985, 86, 87. A ideia ao princípio era de constituir, quase de maneira centralizada, um lugar onde os associados da FPH pudessem colocar num recipiente comum, as reflexões sobre suas próprias práticas. Não era rede. Era uma concepção assim: há gente que está metida na prática e necessita ir para a retaguarda como quando um caminhante vai seguindo no deserto e sabe que tem que voltar a um lago para pegar água. Era exatamente essa a ideia: saber que as pessoas que estão na prática, fazendo pesquisas, e está comprometida com a ação, tinha possibilidade de ir buscar informação que lhe pudesse ser entregue facilmente. Essa era a ideia: de concentrar em um lugar esse tipo de informação. Era uma ideia muito democrática a princípio, de constituir por parte de um coletivo, um lugar onde fosse possível haver informação que fosse acessível a toda essa gente.

Agora, a ideia também surgiu que, com o desenvolvimento da informática, se era utilizada coletivamente, podia ser também uma grande oportunidade, podia ser uma coisa muito boa, porque, simplesmente, em um espaço de disco duro, não maior que o punho da mão, qualquer um pode ter milhões de informações contidas ali. Então, se pensou que este tipo de informação deveria ser estruturada ao nível da computação, quer dizer, tinha que ser trabalhada em banco de dados com computadores. Essa era a ideia inicial. O que aconteceu? Ao mesmo tempo, esta utilização não era uma utilização mecânica, porque a ideia – e é aí que eu te falo da utilização e colocar a técnica a serviço de uma estratégia – a ideia, o desafio era pensar que: primeiro, pode haver uma utilização da informação que produza mais valia para as pessoas que a utilizam. Ou seja, a ideia era dizer que a informação útil pode ter um papel para as pessoas que estejam envolvidas na ação porque essa informação compartilhada pode ser confrontada, pode conter diferentes concepções, pode conter diferentes ângulos, e sobretudo quando está sendo conseguida de um ângulo multidisciplinar, multitemático, multiprofissional, intercultural, permite uma confrontação que pode gerar conhecimento. Essa a ideia de DPH: que a informação não é nada, mas sua utilização é tudo. A capacidade que as pessoas tem de utilizar a informação pode dar-lhes a pluralidade.” (2000, p. 6)

### Projetos: não são articulados via fórum eletrônico

Havia também a proposta de uma rubrica para PRO, para designar projetos. Esta rubrica, porém não foi usada durante os trinta meses estudados pelo pesquisador. Ou seja, via e-mail, pelo fórum da Rede DPH, a associação Diálogo,

não recebeu nenhum material sobre projetos conjuntos ou mensagens sob essa nomenclatura.

Acredita-se que algumas temáticas como *financiamento e projetos*, não são discutidas via fórum eletrônico porque é aberto e de certa forma mais público. Os projetos e discussões que envolvem questões financeiras, segundo Parreira (2000, p. 1) “ são discutidos usando inclusive a internet e o correio eletrônico, mas diretamente entre as várias entidades envolvidas, ou seja da FPH com a ONG ou rede de ONGs, enviando documentos, projetos, cartas de intenção, etc”. O mesmo ocorre com a temática redes que tem a intenção de fazer uma reflexão mais teórica sobre o assunto. O fórum serve como uma ferramenta de animação e de comunicação, mais do que como uma ferramenta ou um espaço de reflexão teórica.

Apesar disso, um momento interessante de debate e reflexão sobre a da rede, se deu a partir de uma provocação feita por membros do CENO para toda a rede DPH colocando 11 questões polêmicas e provocadoras sobre a rede. Desta forma, o comite de enlace fez as entidades da rede DPH reagirem. Muitos grupos discutiram e polemizaram como o CENO. A partir desta discussão, Gerardo Alatorre da Rede PASOS, sistematizou as posições das 23 entidades e outros membros que enviaram respostas ao CENO no documento: “RESPUESTAS A LA PROVOCACIÓN LANZADA POR EL CENO” (CENO, 1998), que se encontra na íntegra em anexo.

## 4.3 A rede DPH e suas ferramentas informáticas

### Introdução

Aqui serão analisadas as ferramentas informáticas da rede, baseados principalmente nos sites na internet e no banco de dados DPH.

Para analisar os sites da Rede DPH disponíveis, utilizou-se dois critérios: O primeiro é a uma sequência de entradas nos links partindo do *local para o global*. Ou seja, analisou-se a rede via web, sob o critério de entrada na mesma, a partir de *uma navegação local* para acesso e contato com a rede DPH. Neste caso, partiu-se do site local do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI que é conveniado com a ONG (organização não-governamental) Diálogo – Cultura e Comunicação em Santa Catarina, animadora da Rede Vozes do Silêncio e membro associado da Rede DPH. Este acesso na Web, se baseou nos critérios e princípios de *desenho de rede* até agora adotados neste

trabalho, construídos principalmente a partir do referencial teórico de Tíffin e Rajasingham (1995).

O segundo critério utilizado, foi analisar essa navegação, com o objetivo de testar o acesso as informações na internet sobre a rede DPH e as fichas DPH, (facilidades, ruídos, dificuldades etc.) baseando essa análise, quanto a *arquitetura e navegação*, na metodologia da Profa. Lúcia Leão (1999) e quanto a *forma, design e interface* das páginas dos sites estudados, na metodologia e critérios do pensador e Webdesigner Roger Black (1997), apoiado também no trabalho técnico de Tay Vaughan (1998).

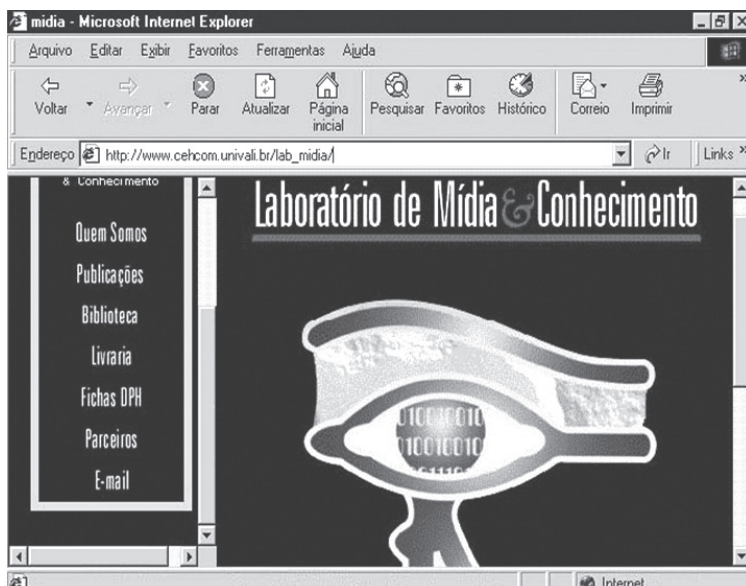
## Análise dos sites da rede DPH na Internet

Leão (1999) investiga a *hipermídia*, a partir de uma imagem metafórica universal e muito antiga: o labirinto. A metáfora voltou a ser muito estudada recentemente por pesquisadores de inteligência artificial, por causa de sua força cognitiva. A metáfora, ao possibilitar a aproximação de dois tipos de conhecimento diferentes, viabiliza uma re-descrição de um determinado assunto e oferece uma visão criativa e inesperada. “Da relação metafórica entre os campos A e B é possível extrair C, um outro tipo de conhecimento que emerge desta inter-relação” (idem, p. 15). Os conceitos de rede ou mesmo teia que tem sido tão usados para estudar e refletir sobre a internet tem também esse componente metafórico.

### ○ arquiteto e o viajante

Usando a metáfora do labirinto, Leão argumenta que existem percepções e olhares diferentes do labirinto. O olhar do arquiteto e o olhar do viajante. Sendo que o viajante percorre o labirinto sem o mapa, sem a visão global da construção. Destas forma, quem verdadeiramente faz o labirinto não é o seu construtor, mas o viajante que o percorre. “o labirinto só passa a existir como tal, como construção da complexidade, na medida que alguém o penetre e o percorra. Para o seu construtor, que tem a visão global do projeto, que tem o mapa, o labirinto não se impõe como metáfora do obtuso, do complexo. Para o seu arquiteto, o labirinto é finito. Para o viajante, por sua vez, devido às similitudes das encruzilhadas, (...) o labirinto se torna infinito” (p. 114).

Acessando o site do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) em janeiro de 2000, a partir do endereço: [http://www.cehcom.univali.br/lab\\_midia/](http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/)



**Figura 28** Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI.

Neste estudo, como não se tem o mapa do labirinto dos principais sites da rede DPH, tendo contato somente com a construção do site local do LAMCO – UNIVALI (Laboratório de mídia e conhecimento), a análise da rede DPH foi sendo feita a partir da ótica de um viajante, como diria a professora Leão. Um viajante que parte do local para o global para fazer uma leitura entre as várias possíveis da rede DPH.

Quanto a *forma, design e interface* das páginas dos sites estudados, baseados na metodologia e critérios de Roger Black (1997) que estipula as dez regras do design que sinteticamente podem ser resumidas na primeira delas:

“Coloque um conteúdo em todas as páginas.”

O design não deve ser simplesmente decorativo, deve transmitir uma informação. Um usuário, um leitor, nunca deve ter de “desbravar florestas de botões” para obter simples notícias.

Analisou-se sites da rede DPH levando-se em consideração esses critérios, mas principalmente as regras de interface, criadas pelo mesmo autor, mais abertas e que sugerem principalmente o que não fazer na Web.

A seguir, para efeito da pesquisa, sintetizou-se e sistematizou-se as regras de interface de Black (1997):

Não altere o propósito. Se tem uma marca ou uma mídia válida, não deve recriar tudo na Web, deve adaptá-la para a Web.

**Quadro 2** Regras de interface: o que não fazer na Web.

**Não confunda o visitante.** O site precisa ter um design consistente. Se tem páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações precisam ter o mesmo aspecto em todas elas.

**Não confunda o visitante, parte 2.** Se alguém se perder dentro do site, nunca mais vai voltar. Assegure-se de que os botões e as instruções de navegação sejam simples e claras.

**Não faça páginas de tamanho exagerado.** Tudo fica diminuído significativamente em relação aos grandiosos monitores gráficos dos artistas. Crie para monitores de 14 polegadas e de pouca resolução.

**Não crie páginas que exigem rolagem.** Assim como 75% das pessoas leem somente a metade superior de um jornal dobrado, a maioria dos navegadores nunca irá fazer a rolagem.

**Não use ilustrações grandes e lentas.** Se os visitantes tem de esperar, sairão do site e não vão mais retornar. Em nosso mundo de bandas estreitas, não há atraso aceitável.

**Não use um grande número de cores.** Se puder conseguir uma concepção graficamente correta em preto e branco, está na direção certa. Depois adicione cuidadosamente uma ou duas cores.

**Não use sombras de fundo esfumadas.**

**Não coloque um texto extenso.**

**Não use tipos muito pequenos.** É muito difícil ler textos nas telas do computador. A ideia geral é fazer tudo maior do que seria na impressão e assegure-se de que os tipos tenham um bom contraste com o fundo.

Black, Roger (1997), sistematização do autor.

O site do LAMCO – UNIVALI, segue de forma simples as principais regras de interface para Web (BLACK, 1997). Ao ser acessado, logo se encontra referência as fichas DPH, e também tem um link, bastante legível, para quem pretende encontrar os parceiros e contatos do laboratório.

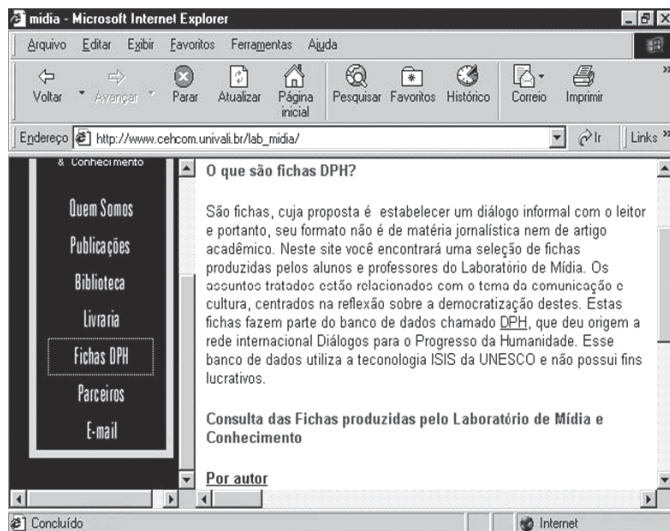
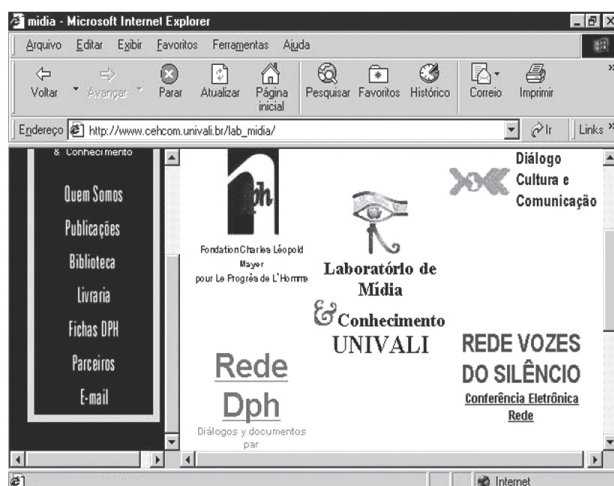


Figura 29 LAMCO – UNIVALI.

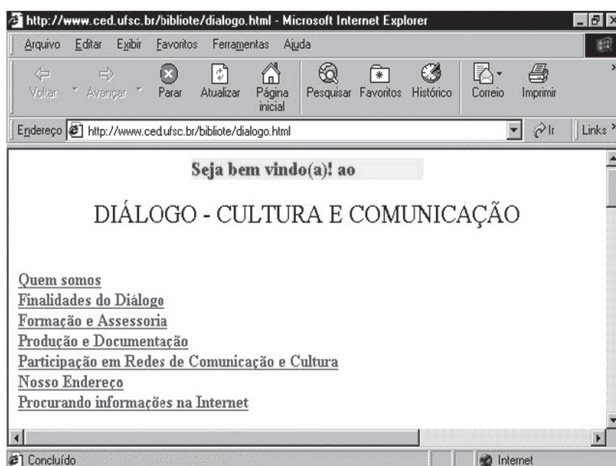


No site, a partir do local, LAMCO acessa-se ao link da Associação Diálogo e a Rede Vozes do Silêncio e chega-se ao global a Rede DPH.



**Figura 30** Rede vozes do silêncio.

O site tem um design consistente. Isto significa segundo Black (1997), que em páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto. Os botões e as instruções de navegação são simples e claras. Não usa um grande número de cores. Utiliza uma concepção graficamente correta em preto e branco e adiciona cuidadosamente poucas cores.



**Figura 31** Diálogo – cultura e comunicação.

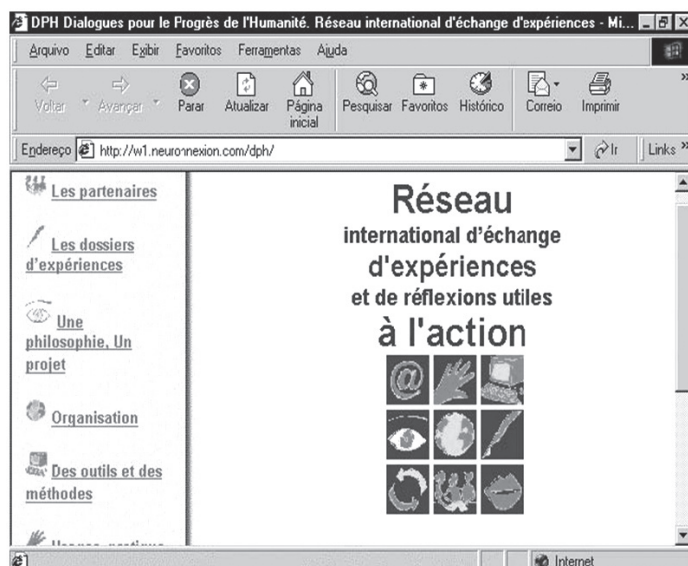
Com um link direto chega-se ao site da ONG Diálogo – Cultura e Comunicação em outro provedor (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina): <http://>



[www.ced.ufsc.br/bibliote/dialogo.html](http://www.ced.ufsc.br/bibliote/dialogo.html) ou ainda a página da rede Vozes do silêncio: <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/vozes.html> que por sua vez também possuem links diretos com a rede DPH.

Os botões e as instruções de navegação são simples e claros e de fácil retorno ao site do LAMCO-UNIVALI. Porém, como seu conteúdo é baseado em texto escrito, o usuário tem que utilizar a barra de rolagem com frequência, contrariando as indicações neste sentido de Black (1997).

Clicando em rede DPH entra-se no site institucional da Rede: <http://w1.neuronnexion.com/dph/>

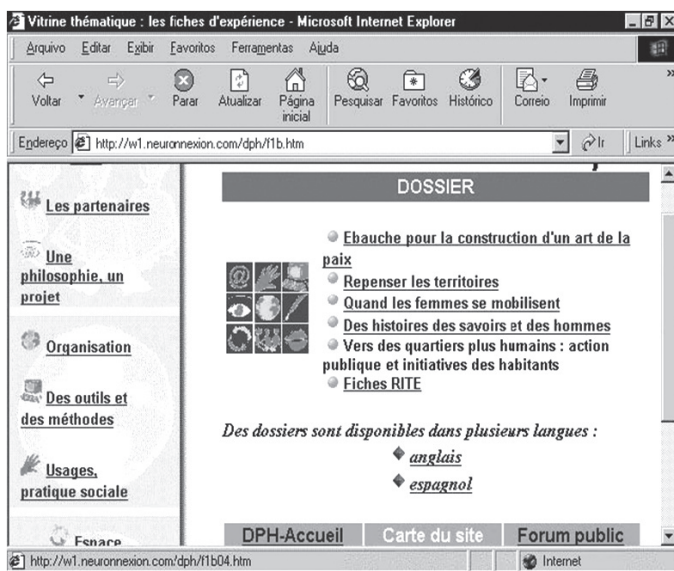


**Figura 32** Rede DPH.

As estruturas de design do site institucional de apresentação da Rede DPH é baseada no manual DPH impresso. Considerando as regras de Black, imagina-se que a ideia foi de não alterar o propósito, considerando que a rede tem uma marca ou uma mídia válida, não devendo recriar tudo na Web, mas adaptá-la para a internet.

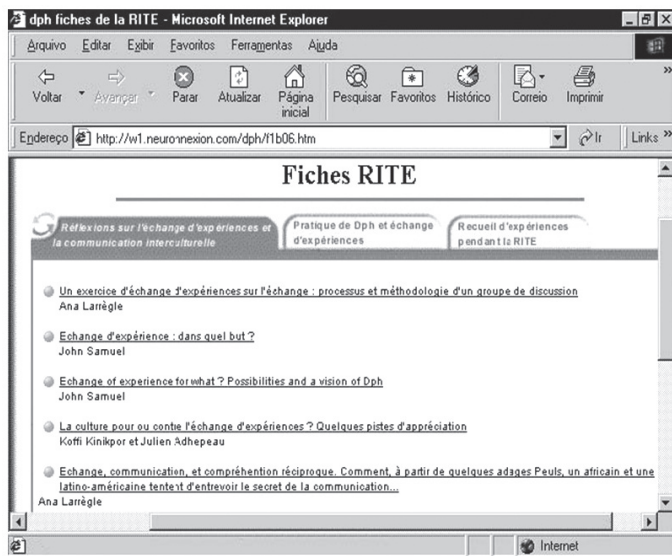
O site da rede DPH tem várias páginas diferenciadas e as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas. Os botões e as instruções de navegação são simples e claras. Aspecto que Vaughan valoriza: “é importante incluir botões que executem tarefas básicas, como sair do projeto de qualquer ponto ou cancelar uma atividade” (1998, p. 139).

O site é todo escrito em língua francesa, com alguns acessos traduzidos em espanhol e inglês, demonstrando a influência da FPH, Fundação Charles Léopold Mayer para o progresso do Homem no apoio a rede DPH e ao provedor de manutenção do site: [neuronnexion.com](http://neuronnexion.com).



**Figura 33** Dossier.

Clicando em *L'dossiers des expériences* se tem acesso a alguns dossiers de fichas DPH temáticas:

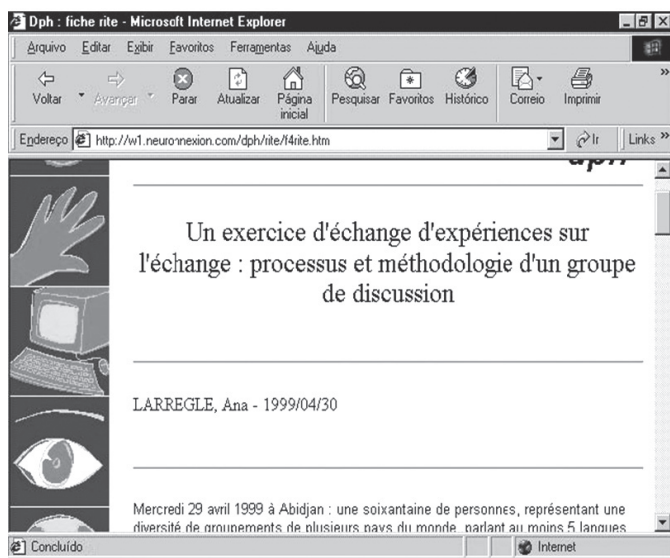


**Figura 34** Fiches RITE.

Analisando individualmente a tela de acesso as fichas do RITE, pode-se questionar o uso de cores desta página, que não segue literalmente as indicações de Black (1997).

Usa uma quantidade de cores excessiva (laranja, azul, verde, cinza, preto, branco), considerando que não são variáveis da mesma tonalidade. A opção do *alaranjado* como padrão e o *verde* tendo as letras sombreadas em *cinza* dificultam a leitura já comprovadas pelas regras de Black. A página tem uma concepção graficamente correta em preto e branco, mas na adição de cores, exagerou nos tons, nas sombras de fundo esfumadas, dificultando a leitura e a apresentação do trabalho.

Clicando em um dos títulos da fichas DPH do dossier tem-se acesso ao conteúdo das mesmas através de outra página:



**Figura 35** Fichas DPH.

Ao analisar a página contendo uma ficha DPH do *dossier* chega-se as seguintes conclusões:

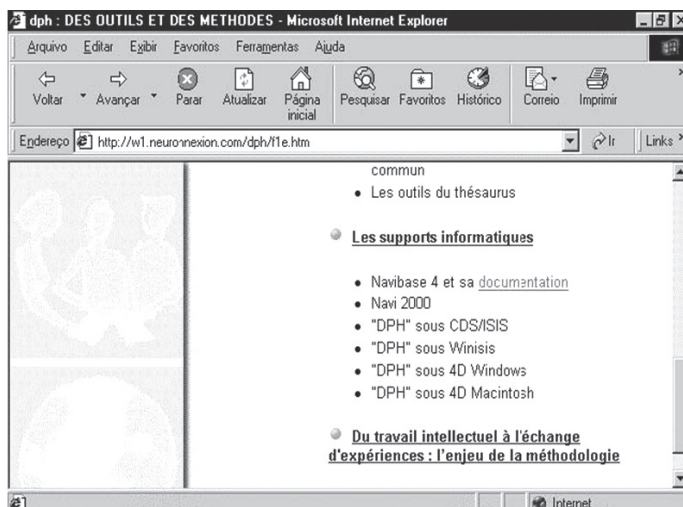
Os textos das fichas não são muito extensos e os tipos de letras não são muito pequenos. Estes chegam a ser maiores do que seriam na impressão e tem um bom contraste com o fundo, porém necessitam de rolagem de página para que o texto seja lido. Como, segundo Black (1997), a maioria dos navegadores (75%), nunca irá fazer a rolagem de uma página, essa atividade necessária para a leitura das fichas no site da rede DPH revela-se prejudicial.

No site, não há possibilidade técnica de baixar via *download* os textos das fichas DPH, nem utilizar processador de textos ou outra ferramenta similar para acesso ao conteúdo das fichas.

Ao acessar o link *Des outils et des Methodes* tem-se informações básicas das ferramentas e métodos utilizados pela rede. Muitas destas informações também

estão disponíveis de forma impressa em francês, inglês e espanhol via o Manual DPH, porém nem todas ainda estavam disponíveis no site quando analisado em janeiro de 2000.

Nas diferentes páginas, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas, o mesmo caso ocorre nesta página.



**Figura 36** Ferramentas de navegação.

Os vários suportes informáticos e ferramentas disponíveis relacionadas ao banco de dados DPH, bem como informações sobre as metodologias utilizadas estão acessíveis no site e no manual. A seguir analisa-se essas ferramentas. O banco de dados é acessível apenas aos grupos da rede DPH e deve ser instalado em computador local para uso das bases de dados.

## Os debates no seio da rede DPH sobre a Internet

Existem debates no seio da rede DPH que se orientam no sentido de que a Rede DPH tenha um site na Web que vá além da comunicação externa.

Segundo dados do CENO e documentos impressos, (manual DPH, La Lettre DPH), "recentemente se tem levado a cabo um certo número de provas técnicas com o objetivo de explorar outras possibilidades a serviço da utilização da rede". (DPH, 1998, p. 32) Assim, por exemplo, através do site FTP de um dos membros da rede, existe a possibilidade de descarregar a base de dados ou os programas complementares.

A rede DPH tem há muito tempo o objetivo de explorar o uso de um site na internet como ferramenta de ajuda para a organização, a comunicação interna e o lugar de circulação da base de dados, porém até janeiro de 2000, o principal

espaço de debates via internet da rede DPH, utiliza uma lista de discussão como fórum, desconetada do site na Web.

## **Análise do banco de dados dph e suas fichas documentais**

### **As ferramentas e a prática do intercâmbio de experiências**

Um dos grandes desafios que a rede DPH se coloca é: como conseguir uma autêntica troca de experiências? Que fazer para que os conhecimentos acumulados pela rede possam converter-se em ferramentas para a ação? Na construção de um conhecimento comum, cada grupo ou nó da rede contribui com seus materiais; suas informações, contudo, para que a rede se consolide é imprescindível uma linguagem e uma metodologia de intercâmbio de experiências (DPH, 1998, p. 33).

Graças a esta proposta de metodologia, a partir de análises das informações e das experiências, respeitando ao mesmo tempo a complexidade da realidade humana, das culturas, das diversidades econômicas e linguísticas, pode-se tirar lições aplicadas à prática, identificar métodos transferíveis, descobrir pessoas e organismos suscetíveis, que ajudem a facilitar o trabalho e definir orientações para a ação. Sendo assim, a rede DPH acredita que as ferramentas e as fichas DPH podem ser: ” este cimento é de uma natureza peculiar, maleável e reutilizável, que não encerra as experiências, mas permite reconstruir conjuntos em função das preocupações dos membros da rede”. (idem, 1998, p. 33)

Deste modo, no processo de construção a rede DPH tem compreendido que:

- A ficha DPH constitui a unidade de comunicação entre os membros da rede.
- O conjunto de fichas se encaminha à constituição de uma inteligência coletiva cuja parte visível se denomina “banco de experiências”.
- O catálogo da rede DPH permite caracterizar estas experiências e investigar o quê convém para a ação.
- Os programas informáticos gestionam o conjunto de informações registradas e permitem tirar proveito das mesmas.
- A metodologia do intercâmbio de experiências aponta técnicas de trabalho intelectual e ajuda a organizar intercâmbios entre os membros da rede e outros interessados em temáticas sistematizadas pela rede. (idem, p. 33)

### **As funções de uma ficha DPH**

Uma ficha segundo, os critérios discutidos pelos membros da rede e divulgado em seus documentos, deve servir em primeiro lugar ao próprio redator ou

ao portador da experiência levando-lhe a tirar, ele mesmo, os principais ensinamentos ou aprendizados e a estabelecer a seleção ou comparação com outras situações; Deve além disso, permitir a outros usufruir das informações e reflexões incluídas nela; e por último, deve constituir um laço entre pessoas e instituições que se revelam mutuamente, através de interesses e práticas comparáveis. (Idem, p. 33)

### Uma ficha dph é uma unidade de comunicação normatizada

A normatização da apresentação das fichas é a condição para que uma memória coletiva informatizada possa ser utilizada facilmente. Requer certa disciplina no preenchimento das diferentes rubricas (assinaturas). A ficha DPH tem a particularidade de tentar captar e transmitir uma informação, uma reflexão, uma experiência seja qual for sua procedência.

As iniciativas documentais clássicas dão prioridade à fonte em comparação ao conteúdo: desse modo, nas mesmas fichas sempre terá mais peso uma informação que procede de um organismo científico oficial que uma informação que vêm de um grupo coletivo de habitantes de um bairro marginal.

A rede DPH traça um enfoque diferente, que privilegia o interesse do conteúdo e não sacraliza a fonte. Assim pois, por seu estado de ânimo, o redator de uma ficha DPH se assemelha mais ao de um jornalista (DPH, 1998, p. 34).

A ficha regularizada consta de três grandes partes:

- O conteúdo à transmitir, acompanhado dos comentários do redator.
- As palavras chaves e os descritores e uma codificação que permita buscar a informação;
- A identificação do redator e de suas fontes.

**TÍTULO DA FICHA**

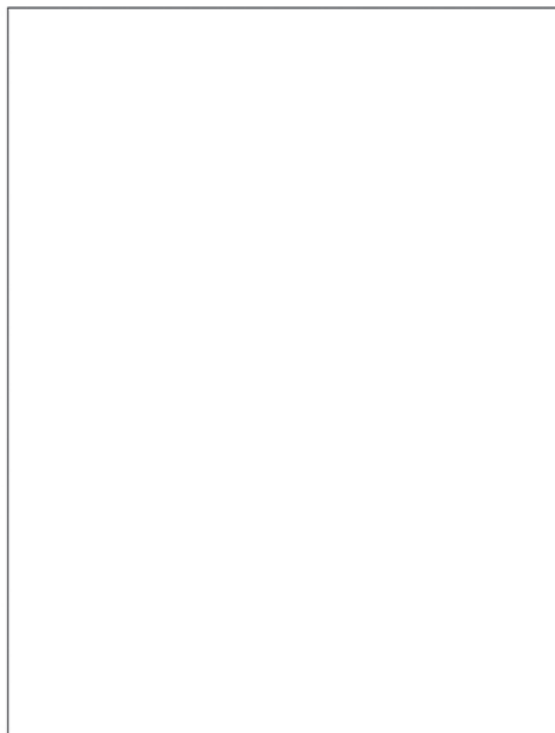
**CONTEÚDO DA FICHA**

**TEXTO**

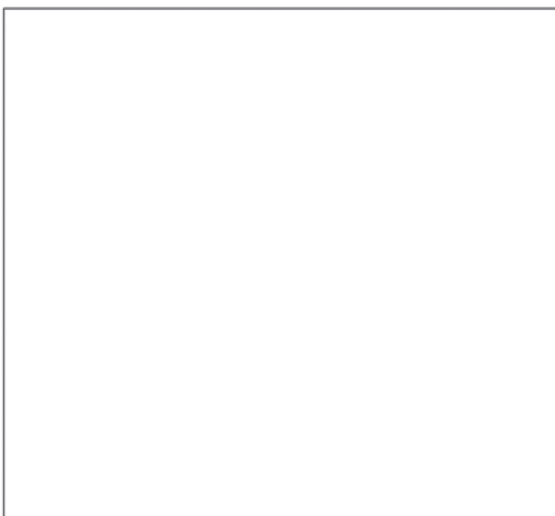
*Perguntas-guia:*

*O QUÊ, ONDE,  
QUANDO,  
COMO, POR QUÊ,  
PARA QUÊ*

**Texto**  
(continuação)



**Comentários**





**Notas**

*Informação sobre o organismo de que trata a ficha; referências a outras fichas, dados complementares.*

--

**FONTES DA FICHA****Dados detalhados da fonte**

--

**SÍNTESE DO CONTEÚDO: PALAVRAS-CHAVE****Descritores Geográficos**  
*(país, continente)*

--

**Localização**  
*(cidade, estado, etc...)*

--

**Descritores DPH**

*Tesouro DPH*

--

**Palavras-chave internas**

--

ORIGEM DA FICHA	
Redator	<input type="text"/>
Órgão	<input type="text"/>
Endereço, Telefone, Fax, E-mail.	<input type="text"/>
Rede	<input type="text"/>
DADOS COMPLEMENTARES	
Outros contatos e fontes	<input type="text"/>
Data da Redação	<input type="text"/>

Este enfoque se separa claramente dos bancos de dados bibliográficos, que consideram que a ficha existe principalmente para servir de vínculo como “documento primário”. A experiência do DPH indica a própria ficha como fonte direta de informação.

Uma ficha dph contém uma informação seletiva e subjetiva

Segundo o manual DPH as investigações sobre inteligência artificial tem revelado que a qualidade mais apreciada da inteligência humana não é a capacidade

de comparar milhões de hipóteses senão, pelo contrário de eliminar rapidamente milhões de hipóteses improváveis e concentrar a atenção em um pequeno número delas. A inteligência coletiva não escapa a esta regra. Com efeito, “uma rede funciona mais ou menos como um cérebro coletivo; filtra, seleciona, condensa, qualifica e relaciona as informações em função de sua utilidade”. (DPH, 1998, p. 39).

Se vê aqui a influência cognitiva na filosofia da rede DPH. Como já colocado na revisão de literatura deste trabalho, desde meados dos anos 50, se reforçou a hipótese cognitiva segundo a qual a inteligência se assemelha a um computador, entendendo que a inteligência artificial (IA) como sua projeção literal. No centro da hipótese cognitivista, está a noção de representação. “A IA pensa a organização como um sistema aberto em constante interação com esse meio com *inputs e outputs*” (MATTELART, 1999, p. 163). A partir dos anos 80, a teoria sistêmica viu surgir uma série de modelos sistêmicos que descrevem vários aspectos do fenômeno da vida. Com base nestes modelos, os contornos de uma teoria coerente dos sistemas vivos, junto com a linguagem matemática da complexidade e a emergência de uma importante concepção de auto-organização (CAPRA, 1996, MATTELART, 1999), podem ser sentidos também como influência não racional, mas prática, no discurso da filosofia da rede DPH.

Para compreender-se o fenômeno da auto-organização é fundamental compreender o conceito de padrão, pois do ponto de vista sistêmico, “o entendimento da vida começa com o entendimento de padrão. (...) O padrão da vida é um padrão de rede capaz de auto-organização” (CAPRA, 1996, p. 76). Ao tentar criar padrões, fichas e metodologias com critérios e linguagem próprias, que ajudem na auto-organização da rede e de seus membros, a rede DPH demonstra estar influenciada pelas teorias da complexidade tão em voga no momento conjuntural atual.

## DPH é uma maneira de lutar de uma só vez contra o excesso e a escassez de informação

Desse modo, no marco da organização da redação das experiências e das informações úteis, uma reflexão, uma experiência, um livro, um artigo particularmente ricos podem ser objetos de várias fichas, abordando cada uma um aspecto particular da questão. Entretanto, várias experiências ou vários documentos poderão resumir-se em somente uma ficha que extrai dos mesmos ensinamentos comuns.

A Rede DPH reivindica a subjetividade e o lugar do sujeito na geração e circulação dos conhecimentos.

A adoção de um ponto de vista “subjetivo” não significa para a rede que somente selecione em uma experiência ou um texto aquele que confirme suas

crenças. Ao contrário, a subjetividade tem como complemento indispensável a honradez e integridade intelectual.

Para desligar-se claramente do ponto de vista do redator, toda a ficha se estrutura em duas partes distintas: o conteúdo da informação, onde a subjetividade do redator consiste em selecionar a informação sem emitir opinião sobre a mesma; e o comentário do redator, onde este explica porque são importantes ditas informações, expressando à luz de sua própria experiência seus acordos e desacordos (DPH, 1998, p. 39)

A Rede, entende que as fichas não devem limitar-se ao estudo do caso e da acumulação de experiências semelhantes. Acredita que as vezes é útil e necessário dar um passo adiante. Por esse motivo, a partir de análises de um conjunto de fichas, pode-se tentar extrair ensinamentos comuns (DPH, 1998, p. 40).

Um terceiro critério de redação faz referência à articulação do concreto com o abstrato. A ficha deve estabelecer o vínculo entre estes dois extremos, submeter os conceitos da prova dos feitos, das ações, ajudar a refletir e ponderar, fazer compreender a importância da confrontação. A rede estabelece aqui “a idéia de ‘conhecimento transferível’, é preciso um mínimo de avaliação, sem cair nem no teórico puro nem no concreto puro” (DPH, 1998, p. 40).

Se trata de deixar o leitor com as pistas da reflexão, mas livre para refletir e tirar outros conhecimentos e conclusões por si mesmo. Identifica-se aqui, uma influência *piagetiana* na filosofia da rede DPH, de que o conhecimento vem sempre associado a compreender, que por sua vez “é inventar, ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir” (Jean PIAGET, 1988, p. 17).

### A base de dados comum: experiências, reflexões e informações úteis para a ação

O banco DPH continha, em meados de 2000, pouco mais de sete mil fichas. Existem em espanhol (20%), em francês (cerca de 70%) o que explica as origens da rede e (10%) em inglês e português. Os autores são originários de 41 países.

Os temas são muito diversificados: o desenvolvimento, a agricultura, o meio ambiente, a exclusão, a cultura, a moradia (habitação), a construção da paz, o financiamento e o crédito, a formação etc. Se trata às vezes de resenhas de livros, artigos e documentos diversos, mas também de entrevistas, informações de palestras, apresentações de organismos e colaboradores, personalidades e recursos, breves avaliações de ações, explicações sobre a construção de ferramentas de trabalho, reflexões organizativas, fichas sobre formas de financiamento, glossários, itinerários (roteiros) de informação.

Segundo a rede DPH e na "opinião de muitos de nossos colaboradores, se trata de um autêntico tesouro. Mas não um tesouro como os outros: seu valor cresce cada vez que se lança mão de suas riquezas. Para que a base comum resulte verdadeiramente útil para a ação deve ser explorada e questionada" (DPH, 1998, p. 41) pode-se ver aqui uma influência do conceito de *conhecimento aberto* que com o advento da internet está hegemonizando a sociedade contemporânea.

## ○ controle coletivo das fichas

Uma ficha, uma vez redigida, entra no banco de experiências de seu redator (Base CEN), que a propaga (difunde) livremente em sua própria rede. No caso da rede local da Associação Diálogo – Cultura e Comunicação a sua base CEN, possui cerca de 300 fichas e articulado com outros parceiros divulga com o LAMCO – UNIVALI, fichas na Revista Vozes & Diálogo e outras publicações. Posteriormente é feita uma análise coletiva da ficha antes de incorporá-la a base DPH, já que a qualidade das fichas é uma condição indispensável para o uso da base.

Este controle coletivo estabelece-se em três níveis:

- Em conformidade (semelhança – harmonia) das fichas e as normas de introdução de dado, sem a qual se pode comprometer o bom funcionamento da base DPH.
- Legibilidade e interesse da ficha: uma olhada no aspecto é imprescindível já que certas fichas, cuja redação tem sido útil por si mesma ao contribuir para clarear as ideias do redator, se mostram pouco compreensíveis para os demais membros.
- Codificação dos narradores.

Até os finais de 1992, a fiscalização do que era dito era efetuada de forma centralizada pela pessoa encarregada da administração (gestão) da base de dados (tarefa assumida pela Associação PONT, na França). Em 1993, se decidiu que:

- As fichas transmitidas pelas redes associadas deviam ser objeto de um controle coletivo prévio (antecipado) pelos membros destas redes, e poderiam ser incorporadas depois à base comum DPH sem nenhum adicional: as reuniões a mais dos responsáveis das redes associadas proporcionam uma oportunidade para debater conjuntamente as normas de qualidade.
- Se constituíram grupos de revisores por temas: as pessoas interessadas em um determinado tema sem serem especialistas no mesmo podem dar uma nova visão à informação.

Estes revisores não corrigem as fichas mas sim transmitem suas observações, perguntas e sugestões (DPH, 1998, p. 42).

## Os bancos locais

Por sua parte, os membros da rede alimentam, organizam e tiram ensinamentos de sua própria memória coletiva, fazendo uso da mesma em função de seu âmbito de trabalho e campo de ação, das necessidades de seu público e das modalidades de aprendizagem próprias de sua cultura.

Assim por exemplo, no México, certas fichas são adaptadas para radiodifusão: outras no Brasil, são a expressão de grupos populares.

## O tesouro dentro da rede DPH

Buscar respostas em um banco de experiências, significa em última instância, pesquisar sobre os vínculos existentes entre situações, experiências, reflexões, pessoas que se identifiquem com a situação e os próprios centros de interesses. A ideia de “proximidade” ou de “distância” entre fichas está na base da iniciativa da rede DPH. Esta proximidade pode ser do tipo geográfico, temático, de enfoque etc. Os “pontos de vista” a partir dos quais se expressam a proximidade ou a distância entre duas situações e duas experiências são inumeráveis. Como evitar ter todas as fichas para relacionar as que têm mais possibilidades de interessar a um determinado pesquisador ou grupo?

O método de DPH consiste em identificar as questões e os pontos de vista que contém as fichas e, por eles, caracterizá-las mediante uma palavra ou uma série de “palavras-chave”. Baseado em técnicas e conhecimentos de banco de dados, biblioteconomia e das ciências da informação a rede DPH tem definido um conjunto estruturado de palavras chaves comuns, um catálogo: um TESAURO.

Os catálogos são em uma rede uma ferramenta imprescindível para o intercâmbio de experiências.

## Codificação e descrições na ficha DPH

Os *descritores* utilizados, concebidos por estar dirigidos à ação, são de vários tipos:

- Os *descritores geográficos*, que indicam a região ou os países em questão.
- As palavras chaves DPH são as do catálogo (tesauro) comum: são as principais ferramentas de busca e constituem o vínculo entre todos os membros da rede.
- As palavras chave central são as palavras mais precisas (exatas) utilizadas por cada rede associada.

Desse modo, permitem a renovação e a atualização do catálogo comum, previamente proposta pelos membros da rede.

## ○ tesouro é uma construção coletiva

Um membro da DPH dispõe de vários arquivos de experiências: seu próprio arquivo (Base CEN), o de sua rede associada (BASE VOZES) e, por último, o arquivo DPH comum à todos (BASE DPH). Por conseguinte, é possível que haja também vários catálogos criados por instituições e redes, que refletem suas preocupações específicas, mas somente a existência de um catálogo (tesouro) DPH comum e multilíngue, ponte entre estes diversos sistemas, que permite o intercâmbio através das fronteiras geográficas, culturais, disciplinares e institucionais.

Existem nas várias redes ligadas a área da ciência da informação, inumeráveis catálogos (tesauros) bem elaborados. Porém as necessidades de uma rede de intercâmbios como DPH são específicas e por isso têm exigido desta rede inovar e fazer da elaboração dos catálogos (tesauros) uma tarefa essencial, coletiva e sempre inacabada.

Com objetivo de enriquecer uma primeira lista de *descritores* elaborada pela FPH e RITIMO em 1988, a partir de 1992 se foram constituindo grupos de trabalho em torno a diversos temas: meio ambiente e desenvolvimento sustentável, práticas e criação de direito, educação, habitação e moradia, exclusão e integração, construção da paz, agricultura e meio rural e sistema energético mundial (DPH, 1998, p. 43).

Estes grupos temáticos, respaldados por uma equipe de animação responsável pelo tratamento, redação e circulação das propostas, decidiram em comum acordo, as palavras-chaves que deviam selecionar-se em um determinado campo para enriquecer o (tesouro) catálogo inicial. A partir de suas preocupações e servindo-se das fichas da base e dos catálogos preexistentes, estes grupos elaboraram uma lista de palavras e propuseram as definições de certas palavras chaves determinando os contextos nos quais seriam utilizadas, e logo se dedicaram a reagrupar as palavras em “conjuntos” de palavras relacionadas. Este trabalho culminou com um esforço mais sistemático para estruturar o conjunto do catálogo (tesouro).

A eleição das palavras chaves, no catálogo DPH está na constante evolução, em função da aparição de novos temas de interesse para as redes associadas. A abertura de novas palavras chaves se realiza com a condição de que seus proponentes as situem claramente em suas relações e semelhanças com as palavras preexistentes.

## Ferramentas do Tesouro

### Tesauros impressos

Atualmente se dispõe de dois tesauros impressos. O primeiro, o Catálogo de Indexação, que é o fruto do trabalho de vários anos precedente dos grupos temáticos e da equipe de animação.

Existe em versão francesa, inglesa, espanhola e portuguesa, com um sistema de vínculos linguísticos. Este documento se apresenta estruturado em duas partes de (procura) busca manual: por âmbitos temáticos, ou em lista alfabética permutada.

O TESAURO DE BUSQUEDA (catálogo de busca), representa o estado atual da base de dados, a evolução e o surgimento de palavras chaves novas. O Catálogo de busca se apresenta em um formato multilíngue, estruturado em âmbitos temáticos e em lista alfabética permutada, mas sem equivalências linguísticas (Idem, p. 45).

### A base de dados "Tesouro"

Esta base de dados, administrada atualmente pela associação ENTRE SIGNES ET CULTURES, contém o conjunto de descritores do catálogo DPH, com todas as informações que fazem referência à mesma (códigos de classificação, frequência de uso, definições, semelhanças, equivalências etc). Incorpora igualmente as adições (somas) procedentes da base comum, em espera de processamento.

### A representação cartográfica do catálogo (Tesouro)

Para "codificar" uma ficha elegendo as palavras chaves que lhe correspondem e para levar a cabo as buscas na base DPH, é preciso dispor de conjuntos estruturados de palavras chaves agrupadas por âmbitos temáticos e, dentro de cada âmbito, por capítulos.

Mas para uma rede internacional, multitemática e pluricultural como DPH é necessário, sobretudo, dispor de autênticos mapas geográficos nos quais se pode buscar progressivamente as palavras semelhantes ou vinculadas a uma determinada palavra, da mesma maneira que um se orienta em um país ou dentro de uma cidade.

O tesouro DPH evolui cada vez mais para uma representação gráfica (os mapas) completada por índices (as listas permutadas). Assim como existem mapas onde só aparecem as grandes cidades e outros onde figuram os detalhes, certos mapas do ATLAS DPH mostram as relações principais enquanto que outros incluem palavras mais especializadas e permitem aperfeiçoar (afinar) a busca sem estar limitado pelo número de descritores. Os sistemas informáticos em linha permitem superar estas limitações. O início de um sistema informatizado de navegação com cartografia (mapas). É nesse espírito que este trabalho de pesquisa se insere e propõe contribuir para a construção de uma metodologia de cartográfica de redes.



## O sistema de navegação e busca

A “falta de precisão” é um dos fundamentos do intercâmbio de experiências. Se antes era necessário que duas palavras fossem sinônimas ou diferentes, agora pode-se dizer que “é quase igual” ou “se parece bastante”.

Além disso, é necessário poder delimitar ou ampliar uma busca de maneira simples, conforme os conhecimentos dos grupos, redes ou pesquisadores.

Atualmente, se dispõe de uma ferramenta, informática de ajuda à indicação e à busca enquanto se navega. As palavras para indexar uma ficha ou encontrar a resposta a uma pergunta que se busca partindo de um conceito conhecido, ou avançando bem desde um campo geral.

Esta navegação permite passar de um campo à outro, voltar para a lista alfabética trocada (permutada), combinar equações de busca com campos geográficos, criar *macros* com as operações mais frequentes etc.

Deste modo, este sistema é multilíngue, permite lançar uma busca a partir de um termo (uma palavra) inicial em um determinado idioma, para um vocábulo em uma ou várias línguas (quatro idiomas disponíveis).

## Os suportes informáticos

A informática tem realizado uma revolução no âmbito da gestão da memória, ao colocar computadores, ao alcance de muitas organizações, graças ao seu barateamento de custo.

No princípio, a rede DPH optou pela norma IBM-PC. Com o tempo, foram surgindo diversas necessidades e se propuseram novas soluções. Desta forma, existe uma aplicação DPH básica, com várias apresentações.

A base de dados instalada em computadores IBM-PC, continua sendo a norma, já que segue sendo acessível a maioria da rede dph. Isto não impede a produção e a difusão das fichas em papel, condição essencial para a participação daqueles que não estão informatizados.

## Base de dados DPH em CDS/ISIS

Com o objetivo de que o sistema seja acessível ao maior número de pessoas, a rede DPH elegeu desde o seu nascimento o programa CDS/ISIS, desenvolvido pela UNESCO em MS-DOS e já muito difundido no mundo. A UNESCO autorizou à FPH a difundi-lo gratuitamente para uso não comercial.

Neste suporte se desenvolveu uma aplicação que se encontra na base dos desenvolvimentos posteriores, em qualidade de versão (tradução) de referência. Todo aquele que se filiar à rede DPH recebe gratuitamente o programa, o manual

do usuário, o banco de experiências, este último em disquetes ou CD-rom. A atualização da base se realiza periodicamente, mediante o envio de um disquete classificado – arquivado conforme a norma estabelecida por DPH.

Atualmente a versão de referência está disponível em quatro idiomas: francês, espanhol, inglês e português. O manual do usuário também está disponível em francês, inglês e espanhol.

A versão de referência segue sendo acessível para qualquer PC, inclusive para as configurações menor potência e pouca memória RAM.

A manutenção da aplicação ao igual que a gestão da base de dados corre por conta da associação PONT (Popularização das Novas Tecnologias), situada em Paris. Enquanto o desenvolvimento dos programas é de responsabilidade da LAMI (Associação de Apoio Mútuo para um uso social da Informação) que se encontra em Pantin, região parisiense.

### DPH em Winisis

Winisis é a versão Windows de CDS/ISIS, para computadores e redes, também desenvolvida pela UNESCO. A Aplicação resulta na facilitação e em uma face mais amigável e interativa para uso do CDS/ISIS. A Utilização deste aplicativo se dá como uma plataforma incorporada e baseada na base DOS. A UNESCO está desenvolvendo mais recursos para esta ferramenta facilitadora em linguagem Windows.

### DPH em 4D Macintosh

A fim de poder responder a demanda dos usuários de MACINTOSH, desde 1995, a Rede DPH dispõe de uma versão neste formato. Esta versão foi desenvolvida a partir do programa Quarta Dimensão. Que garante uma compatibilidade total entre a versão MACINTOSH e a versão de referência em PC. Esta versão só está disponível em francês; e o mesmo ocorre com a documentação do usuário. Ambas têm sido desenvolvidas por Jean-Marie Viveret.

### DPH em Navibase

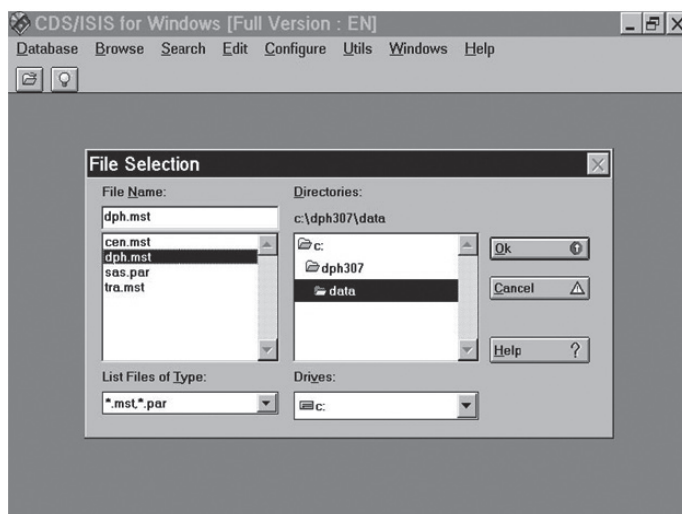
O programa NAVIBASE é baseado na linguagem Windows e foi desenvolvido com o apoio da rede DPH e da FPH, pela LAMI (Associação de Apoio Mútuo para um uso social da Informação) que criou uma ferramenta muito utilizada pela rede. É uma ferramenta que ajuda a deixar o programa ISIS-DPH mais amigável e interativo.



**Figura 38** DPH em NAVIBASE.

Ele é utilizado por muitos membros da rede DPH, inclusive pela Associação Diálogo Cultura e Comunicação e o Laboratório de Mídia e conhecimento da UNIVALI (LAMCO).

Por esse motivo analisa-se com mais detalhes essa ferramenta:

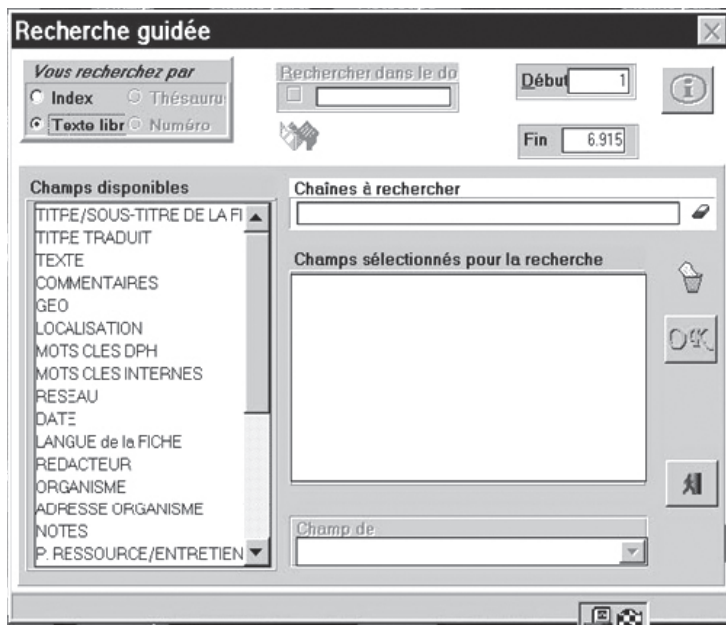


**Figura 39** Ferramenta.

Segundo Vaughan, “um banco de dados pode armazenar, recuperar e organizar muitos tipos de informações. Como as planilhas, os bancos de dados podem existir em um ambiente digital sem precisar ser impressos em papel.” (1999, p. 200). Estas informações digitais, tem também que ser de fácil compreensão para acesso e leitura. O programa NAVIBASE facilita o acesso as bases de dados do programa ISIS-DPH. Sua interface é amigável e lembra a abertura de um programa do Windows explorer. Pode-se selecionar a base com apenas três clicks

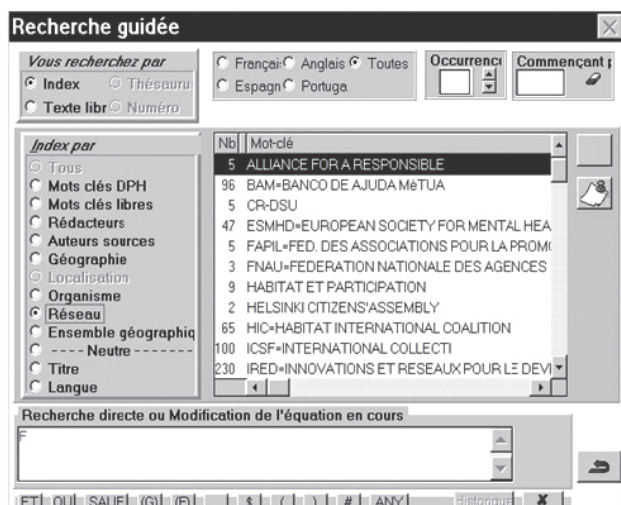
do mouse. Baseado em Black (1997), pode-se dizer que esta ferramenta tem um design consistente. Em páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas.

Além disso “é importante incluir botões que executem tarefas básicas, como sair do projeto de qualquer ponto ou cancelar uma atividade” (VAUGHAN, 1999, p. 139) tarefas que o programa executa com facilidade. Os botões e as instruções de navegação do NAVIBASE são simples e claras.



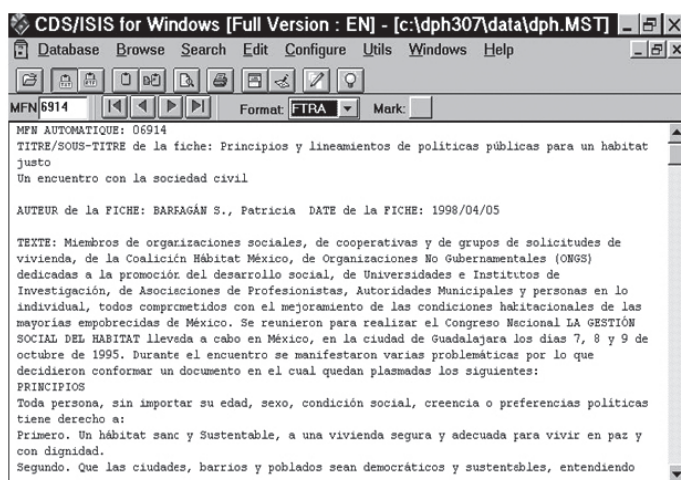
**Figura 40** Botões e as instruções de navegação do NAVIBASE

Ao entrar na interface Recherche guidée (guia de pesquisa) no link texte libre (texto livre) tem-se uma visão da maioria dos campos disponíveis das fichas DPH. Do título as notas. O design é limpo e com botões que fazem sentido, com desenhos que representam claramente a saída, o lixo ou o “OK” para fazer a busca das palavras chave das fichas, assim com se visualiza o numero de fichas (6915) e o número da ficha em questão “Seu design de movimentação deve fornecer botões que façam sentido” (VAUGHAN, 1999, p. 139).



**Figura 41** Recherche Guidée.

Ao clicar em *index* tem uma interface com a maioria dos campos de busca das fichas DPH: palavras chaves DPH, redatores, geografia, organismo e rede associada etc. “A interface do usuário do seu produto multimídia é uma combinação dos seus elementos gráficos e do seu sistema de movimentação. Se as suas mensagens e o seu conteúdo estiverem desorganizados e difíceis de ser encontrados, ou se os usuários ficarem desorientados ou aborrecidos, seu projeto poderá dar errado” (VAUGHAN, 1998, p. 132). Neste caso, isto não acontece, ao clicar em *rede (réseau)* por exemplo, em poucos segundos se tem a noção clara das várias redes e entidades associadas e o número de fichas que estas entidades possuem na base DPH.



**Figura 42** CDS/ISIS.

Ao acessar uma ficha DPH no NAVIBASE se tem uma leitura razoável, com tipos de letras e tamanhos limpos, porém, segundo os critérios de Black, um texto extenso. Com tipos pequenos. É muito difícil ler textos nas telas do computador. A ideia geral do programa é fazer tudo maior do que seria na impressão, mas os tipos poderiam ser maiores. Os textos tem um bom contraste com o fundo. Porém, para ler a ficha DPH, as páginas exigem rolagem e “a maioria dos navegadores nunca irá fazer a rolagem” (BLACK, 1998). Essa contradição persiste, pois é impossível ler uma ficha, pelas suas dimensões, no computador sem fazer rolagem, e ao mesmo tempo, aumentar os tipos de letra.

### O desafio da metodologia: do trabalho intelectual ao intercâmbio de experiências

Sistematizou-se aqui as propostas metodológicas apresentadas pela rede DPH para o uso do banco de dados e suas fichas DPH. A Rede DPH se coloca alguns desafios e questionamentos: “como se chega ao conhecimento? De que forma nos podem conduzir os métodos de trabalho que se emprega para decifrar melhor e capitalizar melhor nossa experiência? E, por conseguinte, mediante em que operações pode-se melhorar e fazer mais potente e eficaz o intercâmbio de experiências?” (DPH, 1998, p. 50)

Estas interrogações tem levado a rede à explorar os recursos de análise de sistemas para orientar uma metodologia de intercâmbio de experiências. As análises de sistema constituem um método particular – e não uma teoria – para abordar a realidade. Nascido das crises dos postulados cartesianos e de um esforço por pensar na complexidade renunciando a reduzir-la a um conjunto de elementos simples, seu uso se tem desenvolvido com a cibernética, a biologia e certas ramificações matemáticas (idem, p. 51).

Com o transcurso dos anos estes instrumentos têm ajudado muito trabalho sobre o intercâmbio de experiências e o uso das fichas.

O ponto de partida intuitivo de nossa iniciativa, é a ideia de que cada situação, cada contexto local, constitui um “sistema”: cada conjunto engloba um aspecto que traduzem os vínculos entre os homens e seu meio, outros traduzem as lógicas sociais, incluindo outros que traduzem as lógicas autônomas dos sistemas técnicos. Todo sistema é único em seu gênero.

Comparar sistemas não consiste em fabricar amostras estatisticamente significativas e comparar dois fatores para examinar os vínculos entre os mesmos, como se faria para estudar o efeito da classe social nas intenções de voto ou o efeito de um medicamento no tratamento de uma enfermidade (doença).

A rede DPH prefere a utilização de métodos “clínicos”: “se distingue as particularidades de cada caso dentro de sua globalidade e logo se tenha, planeja

comparar essas globalidades e colocar manifesto as analogias: mas além de sua diferença, a miúdo os diferentes contextos estudados estão construídos de maneira similar” (DPH, 1997, p. 51)

Como exemplo, em um encontro internacional onde existe uma escuta mútua real, o pesquisador, ou animador descobre uma unidade subjacente por debaixo da diversidade aparente. Os problemas fundamentais são frequentemente os mesmos, o que não significa que as soluções sejam idênticas em todas as partes.

Que operações intelectuais sucessivas são necessárias para chegar a este tipo de comparação?

1. A primeira operação consiste em analisar o estado e as relações do sistema. Isto obriga a ir ao essencial, a superar as aparências. Se trata exatamente da operação intelectual que implica a redação de uma ficha DPH. Redigir em poucas palavras é um exercício intelectual que nos faz precisar determinar e estruturar nosso pensamento. O uso de palavras concretas é necessário para descrever um sistema em sua singularidade. Se evita o emprego de palavras abstratas, que forçariam uma generalização precipitada e levaria a substituir a descrição de um sistema singular pela representação geral que se faz pelo mesmo.
2. O esforço de estruturação progressiva prossegue com a codificação. Esta obriga a identificar os temas principais abordados e designá-los mediante palavras chaves. Daí a importância da estrutura do catálogo (tesauro): o cuidado e a definição das palavras e mais ainda o estudo das relações de ordem e de semelhança entre elas é um dos elementos decisivos da estruturação das representações que se faz da realidade.
3. A terceira operação consiste em relacionar histórias que apresentam analogias desde um determinado ponto de vista. Por exemplo, em torno ao crédito em benefício dos mais pobres, a reabilitação dos bairros, a habitação de imigrantes, o desenvolvimento local etc. O catálogo (tesauro) e o sistema informático de busca são as ferramentas de navegação das que se serve para efetuar a seleção de “histórias”.
4. A quarta operação, preferentemente coletiva, é “a análise transversal”. Esta análise consiste em descobrir progressivamente as analogias que fazem que as histórias tenham elementos comuns.

No encontro de Caracas sobre a reabilitação dos bairros populares, a FPH experimentou, por exemplo, um método consistente em pedir à pessoas que contem com a experiência da ação que digam quais as maiores dificuldades que têm que enfrentarem seus trabalhos de base. É a confrontação destas dificuldades que deixa evidente progressivamente os elementos comuns.

5. As preocupações comuns assim identificadas podem, por exemplo, expressar se em forma de plataforma ou de declaração, em três subdivisões: constatações

essenciais, valores essenciais e prioridades para a ação. Com efeito, se se quiser que este trabalho intelectual de confrontação de experiências desemboque na ação coletiva, é preciso reconhecer que esta se apoia na adesão a um certo número de valores. Este método se inspira no utilizado por certas empresas para dar forma a sua experiência. (idem, p. 52) Como já se viu anteriormente a filosofia e a metodologia DPH é claramente influenciada pelas novas teorias sistêmicas, da complexidade, dos fractais e do caos.

## **4.4 Identificação e análise organizacional da rede DPH: a criação de um modelo cartográfico e de um método de identificação de redes comunicacionais na internet**

### Introdução

Neste item, identifica-se e seleciona-se os principais atores sociais, organizações e entidades que compõem a rede DPH. Será realizada, na prática, a criação de um método de identificação de redes comunicacionais na internet. Como parte desse método, baseado em padrões, realiza-se a identificação e descrição individual das entidades eleitas como nós da Rede DPH. Será feita uma minuciosa apresentação das entidades selecionadas, identificadas e descritas individualmente, como parte do método de criação do modelo cartográfico e organizacional da rede DPH.

Para realizar essa identificação, descrição e definição dos organismos nós da Rede DPH, foi considerado a comunicação eletrônica da Associação Diálogo, o Fórum DPH na internet, o site da rede na WEB, os documentos impressos da rede DPH, consultas de fichas na base de dados ISIS-DPH e as entrevistas realizadas e estudadas para esta pesquisa. Com esse subsídio, propor-se-á um modelo de representação gráfica de organizações virtuais, ou seja uma cartografia, inspirada na teoria dos fractais e nos modelos de organogramas criados por Tíffin & Rajasingham.

### Os padrões de identificação e seleção dos nós da rede dph

Os padrões considerados para identificação e seleção dos atores sociais e “nós” relevantes na rede DPH são os seguintes:

- Participação ativa que represente um fluxo de informação no Fórum eletrônico em uma das três versões (inglês, francês, espanhol)
- Participação com fichas documentais no Banco de dados ISIS –DPH.



- Assumir a participação na rede ou em uma das redes que compõem a rede DPH.
- Ser citado ou ter participação nos materiais impressos (boletins, foulders, manual de utilização, tesouros etc).
- Presença no site da rede DPH na WEB.
- Participação nos encontros presenciais da rede DPH ou de suas redes temáticas ou regionais (seminários, reuniões do ceno, oficinas técnicas, encontros internacionais).

Nos níveis fractais de análise da Rede Vozes e da Associação Diálogo e suas relações, foi considerada a mesma lógica do padrão de análise da rede DPH global, pesquisando documentos eletrônicos, impressos da entidade, e outras fontes, para identificar os “nós”, atores e fluxos de informação.

A partir da identificação dos atores sociais, baseado nestes padrões, utiliza-se como ferramentas para criação dos modelos gráficos organizacionais e comunicativos, o programa Orgchart (Organograma Microsoft) e as ferramentas de desenho do Microsoft Word, para um esboço inicial das entidades e suas relações comunicativas. Entretanto, considerando as limitações destes programas e de outras ferramentas de criação de organogramas organizacionais, utiliza-se os programas de desenho gráfico e diagramação Page Maker e Corel Draw para complementar a criação da representação gráfica e identificação do modelo visual da rede DPH, contribuindo desta forma para o entendimento e a representação de modelos de redes e da teoria dos fractais e sua complexidade.

Neste sentido, o modelo de cartografia e os organogramas construídos levam em conta a premissa da teoria de redes que considera que embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para que sua expansão penetre em toda a estrutura social. Assim, as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 1999, p. 497). Por isso, leva-se em consideração a afirmativa de Manuel Castells de que “o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder” (1999, p. 497) para construir a cartografia e o organograma da rede DPH. Considera-se assim que as redes são estruturas dinâmicas, abertas, capazes de se expandirem de forma ilimitada, acrescentando novos “nós”, desde que consigam conectar-se e comunicar-se com mesma linguagem, ou seja, compartilhando os mesmos códigos de comunicação (Idem).

Assim nossa descrição de cada entidade pesquisada na rede e a nossa construção cartográfica deve ser entendida como um retrato de um momento de uma rede dinâmica sempre em movimento e transformação. Outro aspecto considerado na metodologia utilizada é que os “nós” identificados, ou seja as entidades,

organismos eleitas como conexões importantes para a construção do desenho da Rede DPH, partem da relação díade entre a Associação DIÁLOGO e a Rede DPH.

A partir desta ótica, apresentar-se-á o modelo em três níveis fractais: A DIÁLOGO, suas relações e fluxos comunicacionais diretos. Num segundo nível fractal, a relação DIÁLOGO e Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela Base. Uma rede temática que tem como tema principal a “democratização da comunicação e da informação” e que possui um componente geográfico: é uma rede latino – americana. O terceiro nível fractal estudado e apresentado em um organograma cartográfico compõem-se dos “nós” da relação global da Díade entre a Associação DIÁLOGO e a rede DPH.

### Apresentação e seleção dos principais membros da rede DPH identificados

A seguir, apresentar-se-á as principais organizações identificadas como participantes na construção da rede DPH no período estudado. É importante salientar que a Rede DPH, como rede virtual, possui um grau de fluidez, volatilidade, flexibilidade, inerentes à sua complexidade. É importante considerar também que o ângulo e a ótica aqui apresentados, partem de uma das redes de pesquisa que se insere na rede DPH, a díade DIÁLOGO-VOZES.

Das centenas de entidades citadas, seleciona-se uma série de organizações dentro do padrão e da ótica que servirão à construção do modelo organizacional pretendido. Salienta-se que foram consideradas para fins de estudo, somente entidades e organizações formais que estão na Rede. Não foram considerados indivíduos isolados, mesmo sendo importantes pesquisadores ou integrantes da rede DPH.

Somente no site da rede DPH (<http://w1.neuronnexion.com/DPH/>). citadas como parceiras da rede, há um total de 122 contatos<sup>4</sup>. Muitas destas foram consideradas “nós” da rede DPH em seu nível fractal global, mas uma boa parte não se enquadrou neste perfil. Ver-se-á a seguir, as entidades e redes que se enquadraram como “nós” da Rede DPH.

Apresenta inicialmente a Associação Diálogo e a Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso da Humanidade (FPH) que já estamos estudando no decorrer deste trabalho. São as duas pontas de nossa pesquisa: uma, a Diálogo, o locus onde realiza-se a pesquisa no Brasil. A outra, a FPH, a ponta onde o processo de organização da rede começou e ainda a principal animadora da rede. As demais entidades identificadas como “nós” serão citadas resumidamente por ordem alfabética levando em consideração os padrões estabelecidos de identificação dos

---

4 Ver lista de entidades no anexo.

atores da rede. Por último apresenta-se a rede temática Rede Vozes do Silêncio e as entidades “nós” desta teia que não tem participação direta na rede DPH.

### Diálogo, cultura e comunicação (Brasil)

Diálogo – Cultura e Comunicação é uma organização civil, sem fins lucrativos cujo objetivo principal é promover – através de recursos comunicativos e culturais – a democratização da informação para a construção de uma sociedade participativa e democrática. Entende-se democracia como uma opção de gestão política e social, segundo a qual as relações políticas, econômica, sociais, ambientais e culturais devem estar fundadas nos princípios do estímulo a participação de todos, da liberdade, da igualdade de condições, da solidariedade e do respeito a diversidade. DIÁLOGO tem por princípio trabalhar em parceria com outras entidades que venham a complementar seu trabalho na área da educação e cultura popular, além de priorizar atividades junto aos movimentos sociais populares e democráticos. Buscando auxiliar na construção da cidadania, atua junto a movimentos de trabalhadores rurais, de valorização cultural, racial, de gênero e da infância, movimentos pela democratização da comunicação e ecológicos entre outros.

Diálogo desenvolve um programa de formação e assessoria na área de cultura e comunicação que inclui cursos e seminários de formação técnica e de políticas de comunicação. Alguns temas de curso são: técnicas de produção em vídeo, comunicação e expressão oral, teoria da comunicação, marketing político e estratégia eleitoral, análise crítica dos meios de comunicação, metodologia de utilização de recursos comunicativos e dinâmica de grupo entre outros. Além do programa de cursos, DIÁLOGO possui, em conjunto com a TV Comunitária de Florianópolis, a TV FLORIPA, uma videoteca popular, com fitas de vídeos com títulos que sirvam aos grupos comunitários, educativos e movimentos sociais populares.

A entidade conta com um grupo de profissionais e com equipamento para gravação em vídeo e fotográfico, para documentação de eventos e produção de materiais audiovisuais e impressos de caráter informativo e de apoio pedagógico. Possui uma linha de produção editorial impressa (livros, revistas, boletins etc.).

Com o objetivo de democratizar e promover a participação em redes internacionais de informação, cultura e comunicação a entidade faz parte da rede DPH (Diálogos e Documentos para o Progresso do Homem) e anima uma rede temática com grupos que trabalham e produzem informações sobre o tema da comunicação e democratização da informação intitulada Rede Vozes do Silêncio, Comunicação pela Base e ainda se destaca na “formação de lideranças em comunicação popular e na gestão pública da Televisão Comunitária de Florianópolis”. (DPH, 1999, p. 70; TRAMONTE & SOUZA, 1996, p. 35; MEKSENAS, 2001, p. 215).

## Usos sociais do DPH: reflexões sobre a prática do diálogo e seus parceiros

Diálogo – Cultura e Comunicação é uma associação que trabalha em forma de rede, em nível local. O trabalho é desenvolvido sempre em conjunto, em parceria com grupos e entidades da região onde atua. Sua ação tem como prioridade a democratização da comunicação e da cultura, assim como a valorização da informação das comunidades locais e regionais.

A associação é formada por pesquisadores, educadores e comunicadores intimamente vinculados a movimentos sociais e culturais do estado de Santa Catarina, e que participam de outras entidades, movimentos e instituições da região sul do Brasil. Essa rede local de parceiros, é formada por apoiadores de movimentos sociais como: de trabalhadores rurais Sem Terra, de valorização da cultura afro-brasileira, de defesa das crianças marginalizadas, movimento pela democratização da comunicação, além de ONGs (NEN, ABVP-SC, MNMMR, TV FLORIPA, ACAPRA, GAPA-SC). DIÁLOGO desenvolve trabalhos de comunicação e cultura em parceria com sindicatos de trabalhadores (SINERGIA, CUT-SC, APUFSC etc) mantendo convênio com Universidades (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Universidade do Vale do Itajai – UNIVALI).

Em nível interno, DIÁLOGO trabalha com o programa DPH, para registro de suas experiências de comunicação e cultura. Faz uso das fichas DPH em cursos de formação realizados pela associação. Como exemplo, cita-se um trabalho de reflexão sobre metodologia de uso do vídeo, onde pode utilizar fichas sobre as experiências já realizadas e refletir com os participantes. Utiliza fichas DPH também para registro e pesquisa sobre metodologia de uso de novas tecnologias em comunicação com universidades. As fichas DPH são utilizadas como memória e como uma forma de divulgação interna da associação. Vários dos relatórios (atas, relatórios de encontros, viagens etc.) da entidade são realizados no formato DPH. Utiliza as fichas DPH para repassar informações para publicações locais e regionais. Em muitos cursos realizados pela associação DIÁLOGO as fichas são utilizadas como forma de divulgação da rede DPH e também como forma de familiarizar grupos próximos, não informatizados. DIÁLOGO tem realizado em convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina o desenvolvimento de uma conferência eletrônica da Rede Vozes do Silêncio Comunicação pela Base na América Latina. O banco de dados DPH foi eleito como carro chefe da divulgação das possibilidades de pesquisa e experiências alternativas na área da informatização. A conferência tem como objetivo trocar informações sobre a democratização da comunicação e cultura na América Latina, além de divulgar o programa e a rede DPH. Desenvolve junto a UNIVALI, que é uma importante fundação universitária do interior de Santa Catarina, um trabalho junto ao LAMCO – Laboratório de mídia e conhecimento. O LAMCO-UNIVALI possui uma equipe

e equipamentos ligados a internet e colabora com a Rede Vozes do Silêncio e a conferência eletrônica coordenada pelo DIÁLOGO. O trabalho é coordenado por filiados da ONG em colaboração com professores e alunos da faculdade de Comunicação da Universidade. O LAMCO-UNIVALI publica com assessoria da ONG a Revista Vozes e Diálogo com fichas DPH sobre comunicação produzidas pela rede e alunos da UNIVALI.

Na região sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina foram feitas ricas experiências com DPH com movimentos sociais populares.

Em nível interno as fichas DPH são utilizadas com grupos, com metodologia participativa, com grupos sociais da região. DIÁLOGO faz experiências junto a movimentos sociais divulgando e familiarizando estes grupos com as fichas DPH, principalmente seu conteúdo de forma impressa ou divulgada via outros meios de comunicação (rádio, vídeo, boletins etc). Em nível externo também sensibilizam e divulgam as fichas DPH de outros grupos através de temas que interessem grupos específicos. Utiliza fichas sobre a África, para grupos que trabalham com a cultura afro-brasileira, fichas publicadas sobre camponeses da América Latina para trabalhadores rurais do sul do Brasil e fichas sobre desenvolvimento e solidariedade internacional para organizações não governamentais interessadas no tema. As fichas DPH são também utilizadas para formação, inclusive por grupos não informatizados (TRAMONTE & SOUZA, 1996, p. 35).

Na figura 43 inspirado em Tíffin & Rajasingham desenvolve-se uma representação gráfica dos níveis fractais de comunicação da relação da Associação Diálogo nas suas mais variadas relações tendo o trabalho com a rede DPH como motivação.

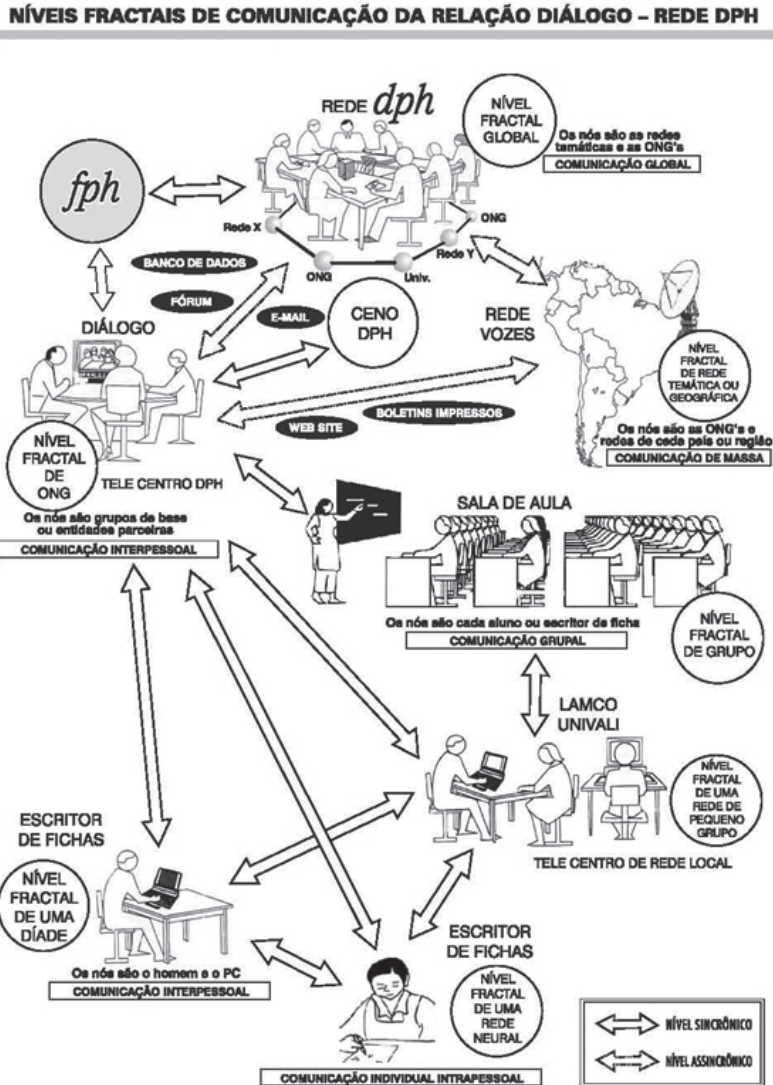
Vê-se nesta figura, inspirado nas representações gráficas de Tíffin & Rajasingham (1995), os vários níveis fractais da rede de relações da Diálogo. Em nível fractal neural, vê-se um integrante, relatando manualmente sua experiência em fichas DPH. Tem-se, nesta representação, todas as relações de comunicação sincrônicas entre a Diálogo e seus parceiros, ou seja relações comunicativas diretas, em tempo real. Em nível fractal de grupo, tem-se representada uma sala de aula, onde os “nós” são, no exemplo, os alunos do curso de comunicação da UNIVALI, que redigirão fichas que serão repassadas ao LAMCO-UNIVALI (Laboratório de Mídia e Conhecimento) que por sua vez, selecionará e colocará as mesmas no formato ISIS-DPH na base CEN (centro), e enviará diretamente através de seus assessores para a Associação Diálogo<sup>5</sup>.

Em outros níveis fractais (de massa e global) podem ser visualizadas as relações assíncronas da Associação Diálogo. São formas de comunicação indireta, fer-

---

5 O LAMCO também divulga as fichas no seu site na internet: [http://www.cehcom.univali.br/lab\\_midia/](http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/), na revista Vozes & Diálogo e outros meios.

ramentas digitais (e-mail, web sites, fóruns eletrônicos, o banco de dados DPH), boletins informativos, impressos etc. Estas são as formas mais frequentes de relacionamento com a Rede Vozes do Silêncio e com a Rede DPH.



**Figura 43**

A Rede Vozes pode ser classificada como uma rede de nível de comunicação de massa, por ser uma rede temática de base geográfica que envolve entre seus trabalhos, a divulgação das informações para os grupos de base, para setores da mídia, instituições publicas e privadas, em nível massivo, utilizando meios de



comunicação de massa, alternativos etc. A Rede DPH pode ser classificada como global por ser uma rede de redes internacional que envolve grupos de várias partes do mundo na tentativa de construção de um projeto global, com uma perspectiva internacional.

### FPH – Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (França)

A Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (FPH) é uma fundação de direito Suíço, criada em 1982 e fundada por Charles Leopold Mayer, já falecido e presidida atualmente por Pierre Calame, como já informa-se em capítulos anteriores. Sua ação e sua reflexão se centralizam nos vínculos entre a acumulação de conhecimentos e o progresso da humanidade em sete campos: meio ambiente e futuro do planeta, encontro de culturas, inovação e mudança social, intercâmbio e relações entre Estado e Sociedade, agriculturas camponesas, luta contra a exclusão social e construção da paz. Com colaboradores de origens muito diversificadas (associações, administrações, empresas, investigadores, jornalistas), a FPH impulsiona um debate sobre as condições de produção e de mobilização dos conhecimentos a serviço de quem tem menos acesso aos mesmos. A FPH promove encontros e programas de trabalho, em comum, oferece e estimula um sistema normalizado de troca, intercâmbio de informações, baseado no Banco de dados DPH, apoia trabalhos de capitalização de experiências e edita ou co-edita obras (DPH, 1998, p. 71; FPH, 1999, p. 7)..

Em ordem alfabética apresenta-se os nós da rede DPH identificados a a partir da perspectiva da rede de relações da Associação Diálogo:

### Amis d'une École de La Paix (Grenoble, França)

A Associação Amis d'une Ecole de la Paix tem como missão desenvolver atividades de investigação e documentação para proporcionar informações e participar em uma pedagogia sobre a construção da paz com as estruturas educacionais existentes e em benefício de diferentes públicos: estudantes, mundo associativo, investigadores, instituições públicas e internacionais.

O leque de temas abordados inclui desde a concepção habitual das problemáticas da guerra e da paz até uma compreensão dos problemas delineados, estabelecidos pela situação internacional, passando pelos problemas das sociedades desenvolvidas. Deste modo, o conceito de paz ou de segurança global abrange desde as relações internacionais até os problemas de exclusão social, passando especialmente pelo desenvolvimento e questões ambientais. Por conseguinte, é essencial para seu trabalho obter informação sobre os diferentes tipos e causas de

conflitos, assim como sobre as experiências de construção da paz e sua difusão para que sejam úteis para a ação.

### ARCI – Association de Recherche Coopérative Internationale (França)

A Association de Recherche Coopérative Internationale é uma organização internacional não-governamental fundada por Paul-Henry Chombart de Lauwe na École des Hautes Etudes em Sciences Sociales na França. Trata-se de uma rede de instituições universitárias, organismos de desenvolvimento e investigadores que agrupa colaboradores procedentes de uma quinzena de países. Seus objetivos são transmitir e produzir conhecimentos desde uma perspectiva de comparações internacionais e de ação coletiva. ARCI se encarrega particularmente de analisar a intervenção da dinâmica cultural nos processos de transformações sociais, econômicas e técnicas.

### CEDAL – Centre D'Etude du Developpement en Amerique Latine (França)

O CEDAL foi criado em 1977 e aborda os problemas do desenvolvimento na Europa e América Latina, mediante a criação de espaços de formação e de reflexão baseados na confrontação de experiências entre os agentes de campo, membros de organizações sociais e de associações locais, assim como técnicos e pesquisadores.

Os temas de trabalho do CEDAL são: cooperação internacional, desenvolvimento local e participação cidadã, economia do trabalho e solidariedade, educação para o desenvolvimento, educação popular, espaço rural e agricultura.

Suas ações são: animação de redes e de plataformas de debate, intercâmbio e análises de experiências, estudos e investigações, publicações e difusão.

Relativamente a projetos ligados a DPH, o CEDAL dirigiu “La Carta DPH”, boletim de articulação da rede; tem criado uma ferramenta de acompanhamento e avaliação no marco (moldura) do projeto “uma visão rápida sobre as inovações em matéria de luta contra a exclusão mediante atividade econômica” e faz parte do programa educação para o desenvolvimento “Essência de todas as Américas na França”.

### CFCRSS – Centre Fox Cooperative Research in Social Sciences (Índia)

O centro, instalado em Maharashtra, Índia, organiza sessões de formação de animadores sociais rurais sobre métodos de ação concientizadora e práticas de organização militante no seio de grupos de castas e categorias sociais marginalizadas. Junto com os animadores e as animadoras das ditas camadas sociais, guarda



sua “memória”, tanto a das tradições de outrora (canções, mitos) como a de sua experiência do presente (relatos de vidas, testemunhos), e publica estes testemunhos como documentos da história dos excluídos e memória.

No setor da comunicação, tem em marcha um projeto de multimídia que trata da tradução feminina de cantos populares e, mais tarde, sobre relatos de vidas; possui igualmente um projeto de vídeo popular com grupos de ações rurais.

### Entre Signes et Cultures (França)

A Associação Entre Signes Et Cultures tem por objetivo favorecer a capitalização e o intercâmbio de experiências de indivíduos, agrupações ou redes que trabalham pela construção de sociedades menos excludentes, mais justas e solidárias, assim como para promover e facilitar a comunicação intercultural. Foi criada em maio de 1996 como ramificação da associação Echosigne. Sua atividade principal é contribuir para a elaboração, difusão e popularização de metodologias que permitam estruturar e representar os conhecimentos resultantes das práticas de transformação social. No seio do DPH, a Associação se encarrega, desde 1994, da gestão do macrotesauro multilíngue. O objetivo é favorecer de maneira participativa a aparição e a formalização de conhecimentos das diferentes redes e grupos de trabalhos temáticos, respeitando as irregularidades das manifestações culturais. Aposta na investigação e no valor das passagens interculturais e linguísticas.

### Espacios (México)

Espacios Culturales de Innovación Tecnológica é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1990. Seus objetivos são explorar e colocar em prova formas alternativas de vida, baseadas na autonomia e respeito à natureza e a cultura. Entre seus principais setores de interesses figuram as alternativas para “aprender, curar, habitar e alimentar-se”. (Educação, Saúde, Habitação e Alimentação.)

Trata-se de um espaço no qual as pessoas, grupos e comunidades interessadas na concepção, adequação, instalação e utilização de tecnologias alternativas apropriadas social e ecologicamente, podem trocar entre si ideias e informações, acessar a serviços e entrar em contato com outros grupos para contar com apoios às suas iniciativas.

### Fraternité Europe – Asie (França/Vietnam)

A Associação Fraternité Europe-Asie vem realizando atividades há 30 anos no Vietnam, particularmente em matéria de ajuda técnica e humana, em colaboração com especialistas franceses.

Seus campos de intervenção são múltiplos: Agricultura, Educação e Formação Profissional, Urbanismo, Ecologia, Minorias Étnicas, Apadrinhamentos de Crianças, Prevenção e Informação Sobre AIDS etc...

Em relação com a rede DPH, a Associação realiza atividades de informação e documentação, principalmente em Paris trabalhando em coordenação com o jornal vietnamita *Công Giáo Vá Dan Toc* (Os cristãos e o povo).

## GEYSER (França)

Criada em 1983, Geyser é uma Associação francesa que trabalha nos setores da agricultura, meio ambiente e desenvolvimento local e rural.

Seus modos de ação são variados: animação de redes, reflexões, organização de encontros, assistência técnica e acompanhamento de projetos, diagnóstico de situações, formação, informação.

GEYSER dirige vários programas:

- AGROPHORIA (rede de intercâmbios e de propostas para a agroecologia mediterrânea, com a FPH);
- EURODUR (rede europeia de desenvolvimento local sustentável), com diversas fundações europeias; “Bosques Sostenibles”, no México, em colaboração com a rede PASOS;
- “Terre Ferme” (grupo de participação e de ações por uma agricultura comercial para a escala humana).

A Associação publica uma revista de agricultura biológica, *ALTER AGRI*, e administra uma base de dados sobre o tema nos moldes de DPH. Atualmente coordena a publicação *La lettre de DPH*, boletim informativo de articulação da rede DPH (DPH, 1998, p. 72)

## Habitat et Participation – rede carta europeia para o direito à habitação e a luta contra a exclusão (Bélgica)

Habitat et Participation é uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo é promover iniciativas participativas e projetos no campo da habitação (moradias e espaços públicos). Estas iniciativas consistem em reunir todos os agentes para que se tome uma decisão de forma combinada (sensibilização dos poderes públicos, dos técnicos, mobilização do tecido associativo e dos habitantes). Atualmente, em vista da evolução política e sócio econômica, o centro de interesses se dirige aos problemas da exclusão social (pobreza, sem teto, sem domicílio fixo) e a promoção do direito à moradia como meio de luta contra a exclusão social. Reparte o tempo entre trabalhos de pesquisa e ações diretas. Uma parte da equipe trabalha em campo, com os habitantes da cidade de Bruxelas.

Participa de forma mais intensa nas seguintes redes: “Agrupación por el derecho al habitat” (âmbito nacional belga); a “Carta Europea por el Derecho a la Vivienda y la lucha contra la Exclusión” (âmbito europeu); HIC – Europe, seção europeia da ONG Habitat International Coalition (âmbito internacional). (DPH, p. 72; La letre DPH, 2002, p. 4)

### HIC – Coalisão internacional para a habitação – (México)

A Coalisão Internacional para a Habitação é uma rede internacional cujo objetivo é promover o direito de todos à moradia. Seus campos de trabalho são: os “assentamentos humanos”, o direito à moradia, ao habitat e ao meio ambiente, o financiamento e a produção social de moradias, assim como a gestão urbana e os processos de participação coletiva.

HIC conta com mais de 300 membros, entre os quais figuram ONGs, organizações sociais e profissionais ligados à universidades, estando presente em todos os continentes.

Enquanto organização não-governamental, a HIC tem um estatuto consultivo ante a Comissão de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (ECO-SOC) das Nações Unidas em Genebra. (DPH, 1999, p. 73)

### Rede HOST – Rede de história das transformações sociais (França)

No marco do programa da UNESCO (MOST), a rede internacional HOST (História das Transformações Sociais) agrupa seis equipes nacionais (Argentina, Bolívia, Tailândia, Vietnam, Benin, Madagascar), duas equipes associadas (Argélia, Turquia) e uma equipe de coordenação (INRA, ORSTOM, IREP-D, em Montpellier e Grenoble na França). O Projeto HOST pretende fundamentalmente explicar e compreender a evolução econômica, social, política e cultural dos países que participam na rede, outorgando prioridade ao jogo complexo e combinatório das forças nacionais e internacionais, dos fatores endógenos e exógenos da mudança social, para captar melhor o significado e alcance dos fenômenos de mundialização das técnicas e dos mercados.

Participa da Rede o Departamento de Economia e Sociologia Rurais do INRA (Instituto Nacional de Investigação Agrônômica francês); onde através do DPH se ensina métodos de recolhimento e análises de dados aos estudantes da Escola Superior de Agronomia.

### ICSF – International Collective in Support Fishworkers – (Índia)

A International Collective in Support Fishworkers (ICSF) é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos que trabalha em questões relacionadas aos pescadores do mundo inteiro.

Este coletivo está filiado ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e inscrito na lista especial da Oficina Internacional do trabalho. Conseguiu igualmente o estatuto do organismo de união frente à FAO.

O ICSF tem sua sede em Genebra (Suíça) e escritórios em Madras (Índia) e Bruxelas (Bélgica).

Constitui-se em uma rede mundial de associados, docentes, técnicos, pesquisadores e cientistas. Suas atividades incluem o acompanhamento e a investigação, o intercâmbio e a formação, campanhas e programas de ação, a comunicação. O coletivo edita e difunde a revista *Samudra* (em inglês, francês e espanhol) para impulsionar o debate sobre as perspectivas de desenvolvimento e a gestão da pesca, especialmente entre as organizações de pescadores e as vinculadas ao meio ambiente (DPH, 1998, p. 74)

### INASIA – Initiative in research and education for development in Asia (Sri Lanka)

Initiative in Research and Education for Development in Asia (INASIA) é uma organização não-governamental, sem fins políticos e sem fins lucrativos. Está domiciliada e sujeita ao direito e às leis de Sri Lanka e conta com colaboradores em cerca de trinta países da Ásia. INASIA tem como objetivo criar um espaço de debate para compreender melhor as comunidades asiáticas e seus problemas baseando-se nas experiências socio-econômicas, espirituais e políticas, promovendo a transformação social. Planeja encontrar uma alternativa ao denominado modelo de desenvolvimento “internacional”, o qual, segundo a entidade, na realidade, reflete os interesses econômicos, políticos e culturais do Norte e que encontra toda sua expressão no discurso de desenvolvimento e nos paradigmas dominantes. INASIA persegue seus objetivos através da pesquisa, da reflexão, de publicações, de debates, da melhora dos métodos de gestão e do fortalecimento das atitudes técnicas (DPH, 1996, p. 74-75).

### INDESO – MUJER (Argentina)

INDESO-MUJER é uma organização civil sem fins lucrativos que atua na cidade de Rosário, Argentina, desde 1984, pela eliminação de toda forma de discriminação contra a mulher e reconhecimento dos direitos humanos.

INDESO oferece serviços de assistência jurídica e psicológica, documentação, prevenção e tratamento da violência familiar, assim como atividades de formação, organização, comunicação e pesquisa. INDESO vem há dez anos atendendo um centro de mulheres na zona metropolitana de Rosário e desenvolve atualmente iniciativas dentro do movimento social de mulheres argentinas em nível local,

regional e nacional. As atividades de formação são dirigidas a mulheres e homens de classe média e populares.

Tem também entre seus objetivos impulsionar a organização autônoma de mulheres nos distintos âmbitos e o crescimento e consolidação do movimento social de mulheres local, nacional e internacional. Para isso, participa de eventos e articulações nacionais e internacionais, como por exemplo, a IV Conferencia Mundial de la Mujer – Beijing (1995), e de várias redes regionais, nacionais e das seguintes redes internacionais: Red de Comunicación entre Mujeres de los Países del Mercosur, Comité Latino-Americano para la Defensa de los Derechos de la Mujer, Red de Espacios de Género, Red Latinoamericana y del Caribe contra la Violencia Doméstica y Sexual, Rede Vozes do Silêncio: comunicação pela base e Rede DPH (Diálogos para o Progresso da Humanidade) (DPH, 1999, p. 75; Tramonete & Souza, 1996, p. 43, ficha banco de dados DPH).

### Juristes Solidarites (França)

Criada em 1989, Juristes Solidarités é uma rede internacional de informação e de formação sobre a ação jurídica e judicial. Seus temas de trabalho são: direito e desenvolvimento, antropologia jurídica, prática do direito com a utilização alternativa do direito e criação de direitos e luta contra a exclusão.

Suas ações podem ser assim resumidas:

- Identificar, tanto no Sul como no norte, os grupos portadores de práticas do direito de alternativas.
- Apoiar as necessidades de formação destes grupos.
- Capitalizar experiências de utilização alternativa do direito através da realização de sínteses documentais e sua colocação em circulação.
- Editar periodicamente o boletim de articulação: “le courrier de Juristes-Solidarités”.
- Colocar em contato grupos de diferentes continentes.
- Sensibilizar trabalhadores sociais, estudantes, autoridades públicas a um enfoque jurídico distinto (diverso): o direito como um instrumento pedagógico de desenvolvimento.

### L’AMI – Apoio Mutuo para um uso social da Informação (França)

A Associação L’AMI (Appui Mutuel pour un usage social de l’Information) agrupa pessoas e organismos de diferentes países, conservando ao mesmo tempo uma ancoragem local. Estas características traduzem a vontade de unir práticas locais dentro de uma perspectiva mais global.

Seus objetivos são: promover o acesso à informação; refletir sobre os meios para administrá-la e torná-la útil; contribuir com apoio técnico e metodológico; trabalhar em rede e intercambiar experiências.

Colocar em ação e executar projetos em torno de quatro eixos: apoio técnico (desenvolvimentos informáticos e gestão da informação) e metodológico, formação; financiamento de ações com vocação social (estudo e base de dados); apoio aos desempregados (estudo, base de dados, acolhida do público, acompanhamento de pessoas em inserção profissional). No marco da rede DPH, é responsável pela formação e realização de ferramentas e instrumentos metodológicos; se encarrega do suporte técnico e do desenvolvimento de programas informáticos, incluindo a pesquisa de “busca” do Tesouros (DPH, 1999, p. 76).

### PACS – Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais do Cone Sul (Brasil)

PACS foi fundado em 1986, como associado brasileiro do Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais do Cone Sul, iniciativa de um grupo de economistas, comprometidos procedentes de quatro países (Argentina, Brasil, Chile e Uruguai), com a finalidade de colocar seus conhecimentos e experiências a serviço dos movimentos populares de seus países de origem. Havendo concluído esta aliança em 1995, atualmente, PACS atua através de alianças mais flexíveis com instituições dos quatro países citados e do Paraguai. PACS se define como uma instituição de assessoria econômica e social e de ação educativa sem fins lucrativos.

Os seus métodos de trabalho e atuação são a pesquisa, as análises e a reflexão crítica; assim como a elaboração de propostas e de políticas alternativas. Está estruturado em três núcleos principais: desenvolvimento integral, educação e movimentos sociais e tecnologias contra a pobreza. PACS também tem programas transversais que integram toda a equipe (DPH, 1996, p. 76).

### PASOS (México)

PASOS é um programa de sistematização e intercâmbio de experiências e metodologias, assumido pelo Grupo de Estudos Ambientais (GEA) em união com diversas ONGs envolvidas em processos de desenvolvimento rural. Seus eixos temáticos são: silvicultura campesina (cultura de bosques e montanhas), a agricultura sustentável, organização camponesa, gestão (administração) campesina dos recursos naturais, políticos ambientais, metodologias participativas para a valorização (avaliação) e a planificação etc. (DPH, 1999, p. 77; La letre...).

## PONT – Associação para a Popularização e a Organização de Novas Tecnologias (França)

A Associação para a Popularização e a Organização de Novas Tecnologias, PONT, foi criada em 1982 e se dedica à realização de estudos e experimentos sobre os usos sociais das novas tecnologias tais como: participação da população em uma operação de urbanismo, meios audiovisuais interativos para o grande público (Feira de Paris para EDF, Salón de la Agricultura para Crédit Agricole etc.) A Associação participa em importantes programas de formação para jovens em dificuldades (Seine Saint – Demis y Paris).

PONT, na pessoa de seu diretor, Georges Festinger, formou parte do grupo que definiu o conceito de DPH e também realizou a aplicação informática inicial. Participa no acompanhamento do desenvolvimento técnico das ferramentas da rede DPH e na administração da Base de Dados DPH, e formação para a redação dos membros recém-chegados a rede (DPH, 1998, p. 77).

## PRODAR (Costa Rica)

PRODAR é um programa cooperativo que agrupa 15 redes da agroindústria rural da América Latina e do Caribe. Seu eixo de trabalho é o fomento da agroindústria como forma apropriada de desenvolvimento rural, que agrega valor aos produtos agrícolas, cria oportunidades de emprego para os homens, mulheres e jovens no meio rural e contribui para o desenvolvimento das comunidades rurais e do país em geral. Executa ações de pesquisa, formação, assistência técnica, informação e documentação. Foi criado também o polo PRODAR – DPH na América Central com a participação de 14 instituições (DPH, 1998, p. 78).

## RIEE – Rede Internacional de Educação Ambiental/POLIS (Grécia)

A “Réseau International em Education à l’Environnement” (RIEE – Rede Internacional de Educação ambiental) é uma associação sem fins lucrativos criada em maio de 1994. A direção está sediada na Grécia e conta com mais de 250 membros (pessoas e organismos) procedentes de mais de 60 países. A inscrição na RIEE é gratuita.

A RIEE se dedica à valorização do trabalho das pessoas e organismos que desempenham sua atividade no campo da Educação ambiental (EM). Seus campos de ação são o recolhimento e registro de experiências em todo o mundo; difusão das mesmas por meios escritos e telemáticos; Divulgação e estabelecimento de contatos entre pessoas e organismos Em nível internacional e serviço de informação sobre projetos de EM, metodologia, bibliografia, material educativo

etc; Participação em projetos da União Europeia; Centro de documentação sobre EM; Articulação com universidades mediante períodos de experiências práticas efetuadas na Associação e colabora na investigação e na redação de teses (DPH, 1998, p. 78).

### RITMO – Rede de Informação Terceiro Mundo (França)

A Rede de Informação Terceiro Mundo (La Red de Información Tercer Mundo) criada em 1985, agrupa 42 centros de documentação sobre desenvolvimento e solidariedade internacional divididos por toda França. Estes centros estão abertos ao público e neles se pode consultar informações específicas procedentes principalmente de ONGs do Norte e do Sul e de organismos internacionais. Esta informação se refere essencialmente às realidades do Terceiro Mundo, às relações Norte-Sul, aos problemas do meio ambiente e de solidariedade internacional, as direitos dos povos e das pessoas. Foi colocada em funcionamento uma base de dados bibliográfica.

RITMO produz e divulga revistas, boletins, catálogos, artigos de imprensa, documentos pedagógicos originais etc. Os centros de documentação membros de RITMO, organizam atividades em centros escolares, debates, exposições e participam nas atividades dos coletivos locais (DPH, 1998, p. 78).

### RESEAU APM AFRIQUE – APM Afrique (Camarões)

Um projeto de Universidade camponesa itinerante.

A Rede Pan-africana, APM Afrique, foi criada em 1993. Ela engloba países da África Francófona e anglofônica. Está organizada nos países por delegações no Senegal, Mali, Burkina Faso, Bénin, Camarões, Ruanda, Tanzânia, Chade. Numerosas organizações camponesas estão representadas e um comitê eleito que anima a rede.

A Rede APM África agrupa representantes de organizações camponesas, de ONGs, de pesquisadores e de técnicos que trabalham com problemas agrícolas. Por exemplo, a APM Camarões trabalha com a CANADEL, uma ONG que investe no trabalho de base junto a federações de camponeses estimulando a constituição de uma rede a fim de defender os interesses dos camponeses frente aos atravessadores. Os membros da rede colocam em comum seus conhecimentos e análises para fazer suas propostas, discutir com os poderes públicos e subsidiar os líderes camponeses. A APM África é um projeto de Universidade camponesa itinerante.

A rede organiza também um observatório de sementes (algodão, cacau e arroz etc.) que é sustentado pelas ONGs francesas (IRAM e Sologral). Isto per-



mite formar os membros de sua rede nas questões relativas a sementes e produtos agrícolas (fixação dos preços etc...). Publica um boletim sobre a produção de algodão, “L’Echo des cotonniers” e um boletim bilingue interno da APM Afrique: “Les Nouvelles d’APM Afrique”, difundido nas organizações da rede.

### SAPÉ – (Serviços de Apoio a Pesquisa em Educação)/ Rede BAM (Brasil)

SAPÉ (Serviços de Apoio a Pesquisa em Educação) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha no campo da educação popular. Criado em 1987, suas formas de atuação são: sessões de estudos, sistematização de experiências, investigações participativas e apoio a outras iniciativas de investigação no campo da educação. Apoiar-se em três eixos principais: investigação; formação/auto-formação; intercâmbio/produção/divulgação. SAPÉ tem desenvolvido uma vasta rede em torno de práticas de experiências de alfabetização de jovens e adultos, como as que constituem “Coletivos de Auto-formação” (Rio de Janeiro e Pernambuco). Foi criado um Banco de Ajuda Mútua (BAM) com a finalidade de desenvolver uma prática de sistematização, registro e circulação de conhecimentos adquiridos/ produzidos no processo educativo. Esta experiência está se transformando em uma rede: a Rede BAM (DPH, 1999, p. 79; La Lettre, 2002, p. 4).

### UNIONE INQUILINI (Itália)

Unione Inquilini nasceu em 1975 como sindicato para agrupar aos comitês de inquilinos que lutavam contra despejos em algumas cidades do norte da Itália.

Rapidamente seus membros passaram a representar quase todos os setores envolvidos na questão da moradia: despejados, inquilinos de infra-moradias, inquilinos de moradas sociais, estudantes em pesquisa de moradia (habitação) pessoas sem teto, imigrantes de países do Sul. A Unione conta com uma Coordenadoria e uma Secretaria nacionais, mas integra uma estrutura federativa regional: os grupos locais gozam de um importante grau de autonomia, enquanto que a Coordenadoria e a Secretaria articulam as ações com repercussão nacional, tais como as campanhas de expropriação de moradias, detenção dos despejos, mobilizações para uma melhor gestão da lei sobre a moradia, ações conjuntas de assistência jurídica, ocupação das casas vazias, apoio a cooperativas de moradias etc. A Unione outorga prioridade ao voluntariado de seus membros. Participou ativamente no processo da Conferência Habitat II como membro da Habitat Internacional Coalition e dirige a rede europeia Proyecto Coraux (DPH, 1998, p. 80).

## UNIRR – União de Redes de RAdiodifusão Comunitária

A UNIRR é uma instituição sem fins lucrativos, de caráter privado, que representa o escritório brasileiro da AMARC – Associação Mundial de Rádios Comunitárias, sediado no Rio de Janeiro (Brasil). Tem como objetivos específicos incentivar a qualidade da programação das rádios comunitárias, através dos cursos de capacitação em rádio, promover o intercâmbio entre seus associados e outras entidades e rádios comunitárias e populares de outros países e traduzir os textos e as produções de AMARC para o português, além de produzir os seus próprios. Tem como objetivo também trabalhar pela democratização da comunicação.

Seus trabalhos são distribuídos em coordenações: Coordenação Executiva; Coordenação de Comunicação e Divulgação; Coordenação de Políticas de Comunicação; Coordenação da Rede de Mulheres; Coordenação de Vídeo e TV Popular.

A UNIRR centraliza os trabalhos num escritório no centro do Rio de Janeiro, mas os coordenadores, em sua maioria, trabalham cada qual em suas instituições de origem, pois a ideia é trabalhar unidos pelos projetos institucionais em curso. Na sede estão sempre o Coordenador Executivo, a Coordenador de Divulgação e dois funcionários.

Em todas as regiões brasileiras possui representantes, que funcionam como animadores da rede e eventualmente, alguns deles são destacados para darem capacitação em sua região, quando há solicitação. A ideia é formar capacitadores em todo o Brasil para suprir as exigências do movimento (MENDONÇA, 1996, ficha DPH)

## Um outro nível fractal

### A Rede Vozes do Silêncio – comunicação pela base

A Associação DIÁLOGO, participa do Programa DIV (Diversidade Intercultural) da FPH. Através deste programa, a ONG teve oportunidade de trocar experiências sobre comunicação e cultura popular durante a década de noventa com entidades de várias regiões do mundo. A troca de experiência aprofundou-se particularmente com entidades da Índia através do CFRSS – Centre Fox Cooperative Research in Social Sciences (Índia), com entidades da Europa animadas pela FPH, com entidades da Colômbia através de um intercâmbio realizado com o CINEP e o ENDA-AL e entidades do nordeste brasileiro articuladas pelo CEARAH Periferia.

Este programa deu origem a uma rede temática animada pela DIÁLOGO na América Latina sob o nome de Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela base,

que tem como objetivo a troca de experiências de comunicação úteis para a ação. A articulação desta rede só foi possível graças a utilização das novas tecnologias de comunicação, o intercâmbio ocorreu basicamente via internet, através de correio eletrônico e de sites que entidades possuem na internet. Através da Rede Vozes, Diálogo capitaliza e anima a troca de experiências para o Banco de dados da Rede DPH e para a base de dados de sua organização e de seus parceiros (Base CEN).

Durante a década de noventa, a Rede Vozes realizou vários encontros e troca de experiências regionais e um encontro internacional latino-americano em Florianópolis, nos dias 9 a 12 de agosto de 1996.

## **Rede Vozes do Silêncio: o fortalecimento de uma rede de comunicação e cultura popular**

### **○ Relato de um encontro em formato de Ficha DPH**

O Encontro Latino-americano da Rede Vozes do Silêncio – comunicação pela base, sob o tema: “As redes de movimentos sociais e as novas tecnologias em comunicação”. Participaram do encontro cerca de 27 representantes de 23 associações, organizações não-governamentais latino-americanas, que trabalham com comunicação e cultura popular.

Durante o encontro aconteceu um intenso intercâmbio de experiências, que foi facilitado pelo fato da maioria dos participantes. Ter ficado hospedado no mesmo hotel onde ocorreu o encontro. Uma forma interessante de troca de informações, foi através de uma mostra de vídeos, organizada com produções dos participantes. No primeiro dia aconteceram as apresentações dos participantes e um relato dos trabalhos desenvolvidos pelas suas entidades.

No sábado, dia 10 de agosto, aconteceu um debate sob o tema: “Redes de movimentos sociais e as novas tecnologias frente a luta pela democratização da comunicação”. Para animar o debate, foi convidada a professora Ilse Scherer-Warren da Universidade Federal de Santa Catarina e associada ao DIÁLOGO, que fez uma exposição para provocar a discussão. A riqueza das experiências em comunicação, a diversidade cultural, aliadas a uma identidade latino-americana e de interesses comuns pela democratização da comunicação e cultura, marcaram a discussão. A visão de que as novas tecnologias de comunicação, são um instrumento possível de ser utilizado, e necessário para a democratização da comunicação e da sociedade, foi hegemônica no encontro. Porém, a maioria dos participantes, ressaltaram a importância de não se “mistificar a tecnologia”, e entendê-la apenas como um meio útil e disponível, e não um fim em si mesma.

Todos ressaltaram a importância dos encontros pessoais, para fortalecer as redes “virtuais”.

No período da noite ocorreu uma mostra de cinema catarinense, organizada pela Cinemateca Catarinense, especialmente para o evento, dando espaço para que os participantes conhecessem um pouco da cultura do estado que sediou o encontro.

No domingo, dia 11 de agosto, no período da manhã, os participantes deslocaram-se até a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde visitaram o Laboratório de Educação a Distância (LED) da Faculdade de Engenharia de Produção e conheceram o projeto de vídeo-conferência que está sendo desenvolvido para uso na educação a distância entre a UFSC e seis universidades do interior do estado. Posteriormente foram ao Centro de Educação (CED), e no laboratório de informática, tiveram oportunidade de conhecer experiências com o banco de dados ISIS-DPH, utilizado pela rede Diálogos para o Progresso da Humanidade (Rede DPH) e a home-page da rede Vozes e da Associação DIÁLOGO, bem como se informar sobre o projeto pulsar da AMARC.

Na parte da tarde, do mesmo dia, no auditório do hotel, discutiu-se a “Organização e articulação da rede Vozes do Silêncio”. Todos os grupos comprometeram-se com tarefas específicas, como articulações regionais, oficinas e continuação da articulação da rede. A noite aconteceu no restaurante Jardins Grill’s, o evento cultural Multimídia, aberto a comunidade local, onde foram lançados os seguintes materiais de comunicação: o vídeo “Samba, escola de que?”, os livros “As vozes do Silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil” e “O samba conquista passagem: As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis” e a mostra fotográfica “Vozes da Índia”, todos produzidos pela Associação DIÁLOGO.

No dia 12 de agosto, segunda-feira, o grupo se reuniu no período da manhã, para deliberar os encaminhamentos finais organizativos e fazer uma avaliação do encontro. Foi elaborada e aprovada a “Carta de Desterro” (antigo nome de Florianópolis) e referendada pela assembleia. Foi articulada uma carta pública do vereador (deputado local) Márcio Pereira de Souza (representante da comunidade afro-brasileira de Santa Catarina) para o movimento Zapatista no México. Vários materiais foram trocados entre os participantes (todas as redes e entidades intercambiaram cópias de vários programas: ISIS-DPH atualizado, pulsar da AMARC, vídeos, boletim do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação – FNDC etc.), enriquecendo o acervo e a identidade dos membros da Rede Vozes do Silêncio.

Comentário: As seguintes entidades participantes da rede Vozes estavam representadas no Encontro Latino-americano: ACA (Uruguai), AMARC, Cearah periferia (Ceará-Brasil), Centro De Comunicação Javier /Rede Mexicana de Co-

municação Popular (México), CDHMP (RN-Brasil), CINEP (Colômbia), Cinemateca Catarinense (SC-Brasil), COMCOSUR (Uruguai), DIÁLOGO (SC – Brasil), GEA/Rede Passos (México), INDECS (Rio de Janeiro – Brasil), FNDC (Brasil), INDESO – Mujer (Argentina), LAMCO – UNIVALI (SC – Brasil), NPMS-UFSC (SC – Brasil), PDP (México), UNIRR – (Rio de Janeiro – Brasil), VIDEAZIMUT, ABVP. Além destas, outras entidades e movimentos regionais participaram e colaboraram com o encontro: CECCA (SC), MST (SC), NEN (SC).

### Conferência eletrônica Vozes do Silêncio – comunicação pela base: uma experiência em andamento.

Desde setembro de 1994, Diálogo – Cultura e Comunicação começou a criar uma conferência eletrônica para divulgar a proposta da Rede Vozes do Silêncio, bem como sensibilizar pessoas e entidades interessadas no tema da comunicação e cultura popular na América Latina. A Conferência Vozes tem também como objetivo divulgar a proposta da Rede DPH (Diálogos e Documentos para o Progresso da Humanidade) bem como o banco de dados DPH-ISIS desenvolvido por ela.

A Rede Vozes conta com o apoio de duas universidades de Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, que cede tecnologia e espaço na web, e suporte tecnológico para animação da Conferência Eletrônica Vozes antiga conferência Vozes-1<sup>6</sup> que através do Departamento de informática e do CED (Centro de Educação) viabilizaram esta experiência de fórum eletrônico. A animação do Fórum ocorre via Associação DIÁLOGO com apoio da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, do curso de Comunicação Social, que participa apoiando e animando o banco de dados e pesquisas na web, articulando links, através do site do LAMCO – Laboratório de mídia e conhecimento ([http://www.cehcom.univali.br/lab\\_midia/](http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/)). O LAMCO-UNIVALI é responsável também pela produção de uma revista acadêmica de nome Vozes & Diálogo, que, além de artigos científicos sobre novas tecnologias da comunicação, cultura e democracia, divulga fichas DPH produzidas para base CEN do DIÁLOGO/ LAMCO-UNIVALI.

A Rede Vozes do Silêncio, está passando por um período de reformulação e reorganização e a conferência tem servido também como uma estratégia para aproximar e avaliar grupos e pessoas que possam ter identidade com sua proposta e filosofia. Estar inscrito na conferência eletrônica Vozes do Silêncio, ou no fórum de mídia e conhecimento, animado por Diálogo, não significa que a entidade ou

---

6 O fórum da rede Vozes estava hospedado durante o período de estudo, na rede hipernet do Departamento de informática da UFSC. Atualmente ela está em transição para o provedor grupos.com.br sob o e-mail: [vozesdosilencio@grupos.com.br](mailto:vozesdosilencio@grupos.com.br), ainda sob animação da Diálogo.

pessoa esteja automaticamente participando da Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela base. A conferência é aberta a qualquer interessado, porém é administrada pela coordenação da rede.

Existem atualmente basicamente três tipos de inscritos na conferência eletrônica. As entidades participantes da Rede Vozes do Silêncio e da rede DPH, que efetivamente participam da rede (se articulam e desenvolvem o programa DPH etc.), as entidades e pessoas que tem interesse nos temas da Conferência (comunicação e democracia, comunicação e cultura popular na América Latina, novas tecnologias da informação e Organizações Não-governamentais etc.) e participam com informações sobre esses temas; e ainda outras ONGs e pesquisadores que têm interesse apenas em receber as informações da conferência.

A seguir, identifica-se e apresenta-se as entidades que tem um vínculo direto com a Rede Vozes mas não obrigatoriamente com a rede DPH. São organizações que participam da rede em outro nível fractal, o nível da rede Vozes. Sua relação com a rede DPH é indireta, de articulação secundária. Já sua relação com a Rede Vozes e com a Associação DIÁLOGO é mais estreita e direta.

Entendendo a relação e a dinâmica organizacional de redes como mutável e em transformação dinâmica constante, percebe-se que algumas destas entidades, através de sua participação e relação de fluxo de informações com a Rede Vozes, se aproximaram e tornaram-se parceiras da Rede DPH e também da FPH.

A partir da realização presencial do encontro Latino-americano da rede Vozes realizado em 1996, nota-se nos anos estudados, uma aproximação de entidades com a Rede DPH. Como exemplo disso pode-se citar a UNIRR que tornou-se membro efetivo e participou posteriormente dos RITOs (...)

Em ordem alfabética:

### ACA – Amigas de la Comunicación Alternativa (Uruguai)

Em 1988, Uruguai foi cenário das várias iniciativas de comunicação popular. Diversas publicações de bairros e sindicais fizeram sua aparição neste ano, iniciaram experiências de rádios comunitárias., um projeto de radio alternativa com alcance nacional e as primeiras ideias de criação de um espaço radiofônico feminista. Um grupo de mulheres que participavam destas diversas experiências começou a reunir-se para trocar reflexões sobre como aprofundar este caminho. O principal problema a solucionar era o relacionamento destes projetos de comunicação com o exterior, de modo a assegurar o apoio necessário para garantir a continuação de cada projeto. Já se havia percebido, em experiências anteriores, o naufrágio da mesmas por falta de financiamento, o que estava muito ligado à ausência de possibilidades de divulgação dos projetos nas instituições ou fundações de outros países.

O segundo problema a encarar era o administrativo. Deve-se considerar que estas atividades de caráter social e cultural se realizam neste país com recursos humanos muito limitados. As pessoas que participam nelas, em sua maioria jovens e mulheres, trabalham muitas horas por dia e realizam seus projetos nas horas que lhes resta livres, que são poucas. Esta limitação sempre atuou contra a boa administração de cada projeto e do inter-relacionamento entre estes.

É por estas razões que surge a ideia de fundar um grupo ou Associação de apoio e /ou ligação entre os grupos doadores do exterior e os projetos, que relacionaria todas as experiências comunicativas entre si, e que as apoiaria, tanto em sua gestão como na parte administrativa.

As mulheres que conceberam a criação desta Associação desejavam, por sua vez, formar um coletivo feminista para refletir sobre o papel da mulheres na comunicação e na cultura em geral, pelo que ficou decidido que a conformação do grupo fosse somente feminista. Com isto, também ficou definido que os projetos prioritários seriam aqueles integrados por mulheres, totalmente, ou em maioria.

## Funcionamento

O organismo fundamental da ACA é a assembleia de sócias. É sócia da ACA toda mulher que aceite seus objetivos e estatutos, que contribua com uma cota mensal de acordo com sua renda para o autofinanciamento da Associação e que aceite participar das Assembleias periódicas ou nas que possam ser convocadas extraordinariamente. Nestas assembleias se discutem as linhas de ação a seguir, se controla a Comissão Diretora nomeada pela mesma assembleia e se decide sobre o destino dos recursos, seja por excedente da cota das sócias ou por doações recebidas de fundações ou grupo de amigas/os do exterior do país. Ou seja, a assembleia de sócias tem um caráter deliberativo, reflexivo e decisório de tudo aquilo que por mandato próprio deve executar a Comissão diretora. Por sua vez, é a assembleia que controla a gestão da dita Comissão.

Para efeito legal, ACA é responsável pelo projeto que apoia frente à agência financeira doadora. No caso de que algum projeto inclua prorrogação ou salários, ACA subscreve um contrato direto de trabalho entre a Associação e a assalariada. (PARREIRA, 1996, p. 25; ACA, 1999)

## Centro Javier e rede mexicana de comunicadores populares: o todo é muito mais que a soma das partes.

O Centro de Comunicación Javier, sediado na Cidade do México, foi criado para apoiar os processos populares no campo da comunicação. Seu objetivo principal é apresentar a mensagem social e evangélica em uma nova linguagem.



Segundo o foulder da entidade “diante da realidade de manipulação e controle que os meios massivos de comunicação na sociedade e o fomento de valores que atentam contra as culturas, a vida, o exercício livre da opinião e vontade pessoal e coletiva; vê-se a urgência de trabalhar e construir um modelo de comunicação alternativa. Acredita-se que o papel que joga a comunicação nos processos educativos, evangelizadores, promocionais e organizativos é fundamental na apropriação de conhecimentos, na valoração e respeito às culturas e na geração de novas atitudes levem a construção de uma nova sociedade”.

O Centro tem 20 anos de experiência em comunicação e trabalha basicamente em três linhas: produção, formação, serviços. O centro produz vídeo-programas, áudio-programas e audiovisuais sobre temas educativos e pastorais. Em formação, oferece cursos de capacitação em relações humanas, processos de comunicação humana, dinâmica de grupo, leitura crítica da mensagem, roteiro, uso pedagógico do vídeo, comunicação gráfica, produção de vídeo, produção de áudio, fotografia e imprensa popular. Os serviços oferecidos pelo Centro Javier são gravações de áudio, de vídeo, copiagem de áudio e vídeo; biblioteca e instalações para cursos.

Buscam manter a articulação em redes informais de comunicadores como a Rede Mexicana de Comunicadores Populares. Desta rede fazem parte quase 50 instituições e grupos (movimentos sociais de Meninos de Rua, Velhos, Jovens etc). A coordenação da região Centro da Rede Mexicana de Comunicadores Populares está a cargo do Centro Javier.

As iniciativas em forma de Rede são valiosas no sentido de potencializar o trabalho desenvolvido e promover a articulação de diversos grupos que atuam no mesmo sentido, orientado pelos mesmos objetivos. Em situações como o caso atual do México onde a crise financeira ameaça a organização popular, a organização em rede possibilita pensar as que saídas de maneira coletiva e assim, aumentar a força dos grupos e movimentos em torno de um projeto comum de sustentação financeira. Ao mesmo tempo, solidifica a ação sócio-política das entidades envolvidas as quais, isoladamente, pouco poderiam fazer numa situação de crise extremada. Entretanto, a articulação em rede não pode ser somente uma estratégia de sobrevivência imediata: necessita ser uma concepção, uma maneira de encarar a organização dos grupos e entidades envolvidas que supere o individualismo no momento de propor projetos e iniciativas e que promova a noção de que o todo é muito mais do que a soma de suas partes (TRAMONTE, 1996, PDP, 1996, DPH, base.cen).

### **CEARAH PERIFERIA – Centro de Estudos, Articulação e Referências sobre Assentamentos Humanos**

O CEARAH PERIFERIA é uma entidade civil, sem fins lucrativos, criada em 1991, com sede na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. Seu principal



objetivo é apoiar o Movimento Popular Urbano em suas lutas por condições dignas de vida, abrindo canais de participação dos cidadãos e de articulação com os poderes públicos.

Concentrando seus esforços especialmente na Região Metropolitana de Fortaleza, com 2, 2 milhões de habitantes, e uma miséria urbana crescente, o Centro atua face ao compromisso de mudança diante das contradições da cidade.

Com a intenção de criar novos espaços e formas de trabalhar no apoio ao movimento popular urbano e às prefeituras, o Centro vem desenvolvendo experiências no campo da moradia popular através da capacitação para a autogestão, de consultorias a projetos urbanos, de créditos alternativos, de pesquisas e de atividades de formação dentro da perspectiva de construção de uma sociedade mais justa, humana e participativa.

Atualmente possui 5 áreas de intervenção com diferentes projetos:

- Comunicação, informação, e formação ao Movimento Urbano Popular: criação de centro de documentação – CIDADES (Comunicação, Informação e Difusão para a Ação e Desenvolvimento); participação em redes nacionais e internacionais que cuidam da questão urbana (HIC, Fórum Nacional da Reforma Urbana, Rede Periférica, FICONG, DPH, Rede “Vozes do Silêncio”); apoio a centros populares de documentação; gestão do Fundo de Apoio a Projetos Auto-gestivos; Escola de Planejamento Urbano e Pesquisa Popular; Projeto de Apoio às iniciativas nos Bairros; assessoria na elaboração e avaliação de projetos comunitários utilizando metodologias participativas e apoio ao resgate da memória popular.
- Assessoria a ONGs e prefeituras: assessoria em avaliações de programas e projetos, diagnósticos e planejamento, através de dinâmicas participativas que envolvam ao máximo os beneficiários diretos.
- Créditos e assessoria financeira: estudos e implementação de sistemas alternativos de financiamento para a habitação popular e para geração de renda: Programa Casa Melhor e PAAC e Programa de Apoio à Atividades Produtivas; constituição de caixas de poupança comunitárias e fundos de autogestão comunitária; articulação de projetos de micro-urbanização com projetos de geração de emprego e renda.
- Estudos e Pesquisas: realização de estudos e pesquisas sobre o habitat nos seus diferentes aspectos; edição e difusão de documentos; realização de seminários e produção gráfica.
- Assessoria arquitetônica, urbanística e tecnológica: elaboração de planos, projetos, com a metodologia do desenho participativo, introdução de tecnologias alternativas e planejamento urbano a partir dos bairros.

O CEARAH PERIFERIA é regido por um Conselho Consultivo, formado por sócios fundadores da entidade e uma Secretária Geral, que junto com os

Coordenadores Administrativo e Financeiro compõem a Coordenação Executiva da entidade. Têm-se ainda um Conselho Fiscal e a Assembleia Geral dos sócios. Para a realização de seus projetos conta com pessoal administrativo e técnico onde atuam profissionais de arquitetura, urbanismo, engenharia, sociologia, serviço social, pedagogia, filosofia e de finanças.

Tanto através do desenvolvimento de projetos específicos, como em parceria com outros grupos de assessoria, associações, grupos comunitários e entidades federativas do movimento popular, o Centro busca articular-se e formar ‘redes’ em torno de diferentes problemáticas urbanas. O desejo maior da equipe é desenvolver processos criativos e inovadores que privilegiem a participação dos verdadeiros construtores da cidade (COELHO, 1996).

### PDP – Promoción del desarrollo popular, A. C. (México)

PDP foi criado em princípios dos anos 60 entre universitários, trabalhadores sociais, profissionais, e trabalhadores manuais, urbanos e rurais, com vocação humanística e empenhos organizativos. O grupo fundador foi integrando-se com base em experiências de auto-construção de moradias, cooperativismo, sindicalismo, pesquisa e capacitação social etc.

Entre seus objetivos principais estão:

- Fomentar a organização de base entre os setores indígenas, camponeses, operários, suburbanos, sociais em geral, a fim de superar os problemas da pobreza, da destruição do meio ambiente e violação dos direitos humanos.
- Prestar serviços de pesquisa, informação, capacitação, gestão e assessoria.
- Relacionar iniciativas locais entre si e procurar níveis de organização nacional e internacional

Produz diversas publicações e vídeos educativos e tem como parceiros nacionais: Red Acción Campesina, Red Espacios (40 ONGs), Grupo Metepec, La Otra Bolsa de Valores (800 ONGs), Projeto “Ba” Ásolay (13 redes)

Seus parceiros internacionais são: Asociación Latinoamericana de organizaciones de Promoción -ALOP (San José, Costa Rica); Sociedad Internacional para el Desarrollo – SID, (Italia); International Group on Grass Initiatives IGGRI (Helsinki, Finlândia); People’s Plan 21, (Tokio, Japão); Red Sur Norte Cultura e Desarrollo, (Bruxelas, Bélgica); Comissão Sur Sur de ONGs, (Manila, Filipinas), Inovaciones e Redes para el Desarrollo – IRED, (Genebra, Suíça); Centro Le Bret, (Paris, França).

Desde sua fundação organiza numerosos congressos, cursos e seminários sobre temas sociais, regionais, nacionais e internacionais. Cria, junto com a Rede Espacios, o sistema “La Otra Bolsa de Valores” que busca o intercâmbio e a solidariedade entre organizações de base e ONG’s em geral, para um desenvolvi-

mento sustentável, utilizando diversos meios de comunicação. A partir de 1990 assume a edição da revista de mesmo nome. Publicou diversas edições e recebe na qualidade de intercâmbio, 270 publicações periódicas de todo o mundo (Base CEN, Tramonte & Souza).

## INDECS – Instituto de estudos e projetos em comunicação e sociedade

O Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Sociedade (INDECS) é uma entidade civil sem fins lucrativos, apartidária e não-confessional, fundada oficialmente em fevereiro de 1993, com sede na cidade do Rio de Janeiro (Brasil). Sua origem remete a um grupo de comunicadores, que após algumas experiências na dita imprensa alternativa perceberam a necessidade de atuar conjuntamente nas áreas da comunicação e cultura.

Sua Missão é “Incentivar a democratização da comunicação como instrumento para democratizar a sociedade através de ação institucional, assessoria e capacitação aos movimentos sociais, produção de pesquisas e confecção de veículos de comunicação.”

O INDECS possui quatro áreas programáticas:

- Ação Institucional: lutar para a constante democratização da comunicação no Brasil em nível nacional, estadual e municipal, fortalecendo e capacitando os diversos atores da sociedade civil.

O INDECS ocupou dois cargos no Comitê-RJ e o representou na Executiva do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação – FNDC (até abril/96). Colaborou, até mesmo com aporte de infra-estrutura, na criação da Associação de Radiodifusão Popular do Rio de Janeiro (Ar Livre) e um de seus membros foi eleito para a Secretaria Geral da entidade (gestão 95/96). Nestas condições, o INDECS participou ativamente da formulação da Lei da TV a Cabo e da regulamentação das rádios de baixa potência com caráter comunitário;

- Estudos em Comunicação e Cultura: realizar pesquisas e planejamentos de temas ligados à comunicação e cultura.

O INDECS participa de diversos encontros como os da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), da Sociedade de Pesquisa Interdisciplinar em Comunicação (INTERCOM) e no Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação (ENECOM);

- Assessoria e capacitação: fortalecer o entendimento e uso das mídias por parte da sociedade civil.

Com a recente onda de criação de rádios comunitárias, o INDECS tem se pautado em assessorar comunidades como as de Campinho (em Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro) e Nova Iguaçu, por exemplo. E, tam-

bém, outras ONGs como Os Verdes (indicado pelo Fundo Life, do PNUD, para confeccionar um periódico sobre o processo de despoluição da Baía da Guanabara, no estado do Rio de Janeiro).

- **Projetos em Comunicação e Cultura:** desenvolver ações concretas que objetivem a democratização da comunicação em nosso país.

Um dos seus programas mais significativos é o UNIVERSIDADE SOCIAL, que visa o apoio a construção de núcleos comunitários, para que estes, a partir de sua auto-organização, possam encaminhar a resolução de suas problemáticas específicas. Atualmente está em funcionamento a rádio comunitária do Núcleo “Centro Psiquiátrico Pedro II” (CPP II), denominada Voz Ativa.

### Funcionamento Interno

O INDECS é formado por um Conselho Geral composto por personalidades convidadas a partir dos seus respectivos trabalhos na sociedade civil, que escolha os três componentes da Diretoria Executiva. Todas as decisões são tomadas conjuntamente. É filiado à Associação Brasileira das ONGs (ABONG) e à Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP). (GINDRE, 1996, Base CEN, DPH, 2002).

### LAMCO-UNIVALI: um projeto sobre as novas tecnologias em comunicação

Novas Tecnologias em Comunicação é um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido pelo LAMCO-Laboratório de Mídia e Conhecimento, da Univali, em Itajaí (Santa Catarina – Brasil). O LAMCO fez uma parceria com a Organização não-governamental Diálogo – Cultura e Comunicação, que desenvolve esse trabalho há mais de oito anos, com o objetivo de contribuir para a produção de textos e para a divulgação dos temas da pesquisa. O projeto trata de uma área que traz novos desafios para a comunicação e a democracia, e busca reflexão sobre a importância e o impacto das novas tecnologias no contexto da globalização. Conta com dois bolsistas que pesquisam informações e dados através de várias fontes (jornais, revistas, centro de pesquisa, comunidades etc.), sobre novas tecnologias em comunicação, democracia e cultura popular, mídia e conhecimento etc. Os pesquisadores participam e ajudam a animar a conferência eletrônica Vozes do Silêncio (via correio eletrônico-internet), divulgando informações sobre comunicação e cultura para toda a América Latina. O projeto ainda desenvolve a produção de fichas documentais sobre o mesmo tema para o banco de dados ISIS/DPH, que foi instalado no LAMCO – UNIVALI, em diversas fases para que possa dar continuidade ao trabalho de produção de textos e desenvolvimento das pesquisas (HEIDENREICH, DPH CEN, LAMCO).

## A criação do modelo cartográfico da rede DPH

A partir dos “nós” (redes temáticas e regionais) identificados, baseado nos padrões já estudados, cria-se o seguinte modelo e realiza-se as conexões e de fluxo de informação e comunicação: em um nível fractal gera, o modelo da Rede DPH; em um nível fractal regional organiza-se as relações organizacionais da Rede Vozes do Silêncio e em um nível fractal local, analisa-se as relações em forma de rede da Associação Diálogo-Cultura e Comunicação e seus parceiros.

Para criar o desenho, como se fala na introdução deste item, utiliza-se como ferramentas para elaboração dos modelos gráficos organizacionais e comunicativos, o programa Orgchart (Organograma Microsoft) e as ferramentas de desenho do Microsoft Word, para um esboço inicial das entidades e suas relações comunicativas. Entretanto, considerando as limitações destes programas e de outras ferramentas de criação de organogramas organizacionais, utiliza-se os programas de desenho gráfico e diagramação Page Maker e Corel Draw para complementar a criação da representação gráfica e identificação do modelo visual da rede DPH, contribuindo desta forma, para o entendimento e a representação de modelos de redes e da teoria dos fractais e inspirados também na teoria da complexidade.

Baseamo-nos na argumentação de Manuel Castells de que as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (1999, p. 497).

Ressalta-se novamente que nossa construção cartográfica deve ser entendida como um retrato de um momento de uma rede dinâmica sempre em movimento e transformação. Outro aspecto considerado na metodologia utilizada é que os “nós” identificados partem da relação díade entre a Associação DIÁLOGO e a Rede DPH. A partir desta ótica, apresentar-se-á a seguir o modelo nos três níveis fractais comentados:

